

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SÃO PAULO
PUC-SP

RINA TEREZA D'ANGELO NUNES

FONOAUDIOLOGIA E MEMÓRIA:
Narrativas sobre o Início das Práticas Fonoaudiológicas
na Cidade de Salvador

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

SÃO PAULO
2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

RINA TEREZA D'ANGELO NUNES

FONOAUDIOLOGIA E MEMÓRIA:
Narrativas sobre o Início das Práticas Fonoaudiológicas na
Cidade de Salvador

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

Dissertação apresentada à banca
examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de
MESTRE em Fonoaudiologia, sob a
orientação da Professora Dra. Suzana
Magalhães Maia.

SÃO PAULO
2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
FONOAUDIOLOGIA

Banca Examinadora

Dedicatórias

A Dona Palmira e Seu Lauro D'Angelo

(e) ternos presentes

A Pedro Osmar

meu amado, amoroso ouvinte

A Vitória e Pedro

“cordas do coração”

Agradeço,

Aos amigos,

porque sem eles nada tem graça

Aos colegas narradores, sem os quais não haveria histórias:

Eva Musa Cataldi de Almeida

Carmen das Graças Fernandes

Silvia Ferrite Guimarães

Olga Rodrigues Lima Tanajura

Silvia Reis

Valéria Leal

Renata D'Arc Scarpel

Maria Regina Grangeiro

Aidil Borges Prazeres

Ana Maria Pimenta da Fonseca

Lia Mara (Eliete Leal de Araújo)

Leonora Bastos da Silva

Hercilio Pereira de Melo

Sonia Maria Batista Veloso

Ana Regina Graner Falcão

A Suzana,

Para sempre querida orientadora, pela competência, compromisso,
carinho, por tudo de bom que foi o nosso reencontro.

A duas Anas, queridas, D. Ana (mãe) e Ana Graner (filha),
pela cumplicidade.

A todos os meus alunos e em especial às alunas auxiliares de
pesquisa: Cristiane Oliveira, Lilian Paternostro, Rafaella Góes e Taynara
Lopes pelo sofrido trabalho de transcrição.

A todos os professores do curso e em especial ao Tuto por me haver
apresentado o universo da História Oral, que eu adorei.

Aos membros da banca de qualificação: Professora Ana Lucia Tubero
e Professor Gilberto Safra por tudo e principalmente pela delicadeza.

A Claudia Perrotta pela ajuda no enfrentamento
do “eu tenho tanto pra lhe falar, mas com palavras...”

A D. Nilda, Seu Osmar e todos da família, pela
consideração positiva que me anima todos os dias.

À Maria Maurity, Marlene Danesi, Zulmira Martinez, Gracita Didier e
Mara Rissato pelo auxílio no acesso à literatura.

A todos os Pacientes, eterna gratidão.

NUNES, R. T. D. **Fonoaudiologia e Memória: Narrativas sobre o início das Práticas Fonoaudiológicas na Cidade de Salvador**. 194 f. Dissertação de Mestrado em Fonoaudiologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007

O objetivo central deste trabalho foi reconhecer os diferentes modos como a Fonoaudiologia foi pensada e vivida em Salvador – Bahia. Para tanto, foram colhidas narrativas de fonoaudiólogas precursoras, buscando em suas experiências um saber que se configurasse como fonte para compreensão do passado, presente e projeção de futuro. A investigação foi realizada na perspectiva da Metodologia da História Oral, ou seja, a história contada por seus próprios atores, de modo a se preservar fontes e transcender o aspecto estático dos documentos escritos. Os depoimentos foram transcritos, textualizados, transcritos e analisados numa perspectiva fenomenológica, buscando interrogar seus significados e interpretações frente ao contexto social local e à literatura da área. Observou-se que recordar é processo complexo, sendo que a memória de cada um traz elementos de sua singularidade, mas também do grupo e do momento histórico em que vivemos. A reflexão das experiências partilhadas pelas vozes das narradoras emoldura a Fonoaudiologia em Salvador como acontecimento singular e, ao mesmo tempo, característico da forma como a área foi se constituindo no Brasil, sendo destacados aspectos tais como: prevalência de um trabalho fonoaudiológico privatista, como resultado de políticas públicas; o reconhecimento por parte dos pacientes como forma primordial de divulgação da área; investimento no trabalho de institucionalização da área; primeiras práticas fonoaudiológicas voltadas para a educação de pessoas surdas e com deficiência mental; compromisso com a pessoa antes do compromisso com “técnicas”, “escolas” e/ou “correntes teóricas”.

Palavras-chave: Fonoaudiologia – História – Narrativas Pessoais – Memória.

NUNES, R. T. D. **Speech Language Pathology and Remembering: Narratives on the beginning of Speech Language Pathology in the City of Salvador.** 194 f. Master's degree dissertation in Speech Language Pathology. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007

The central objective of this work was to recognize the different manners in which Speech Language Pathology was conceptualized and experienced in Salvador – Bahia. To that end, narratives of pioneers in the field of Speech Language Pathology were collected and their experiences were used to look for a knowledge that represented a source for understanding the past, present as well as future projection of Speech Language Pathology. The investigation was accomplished using the methodological perspective of Oral History, in other words, using history told by its own actors in order to preserve sources and to transcend the static aspect of the written documents. The testimonies were transcribed, converted to a textualization, organized into a transcreation, and analyzed in a phenomenologic perspective to interrogate their meanings and interpretations in relation with the local social context and with the literature of the area. It was observed that to remember is a complex process because the memory of each one brings elements of his singularity and also of the group and of the historical moment in which it was experienced. The reflection of the experiences shared by the narrators' voices frames Speech Language Pathology in Salvador as a singular event and, at the same time, underscores that it is characteristic of the area as well as of the whole of Brazil. Outstanding aspects are: (1) prevalence of private speech-language pathology services as a result of public politics; (2) recognition of Speech Language Pathology by the patients as an important service and their role in the promotion of the profession; (3) efforts put into the institutionalization of the profession; (4) origins of Speech Language Pathology services going back to deaf and mental deficiency education; (5) commitment to the person before commitment to the "techniques", "schools" and/or "theoretical currents."

Keywords: Speech Language Pathology – History – Personal Narratives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
• Escolha do Percurso Metodológico.....	17
CAPITULO I: Histórias da Fonoaudiologia no Brasil.....	23
CAPITULO II: Percurso Teórico-Metodológico.....	38
1. História	38
2. Memória	42
3. Narrar	47
4. História Oral	51
5. Colaboradoras /Narradoras	55
5.1. Entrevista Marco-zero	55
5.2. Fonoaudiólogas que fazem história.....	57
CAPITULO III: A Voz das Narradoras.....	60
1. História de Carmen Fernandes	64
2. História de Olga Tanajura	93
3. História de Lia Mara	110
4. História de Leonora Bastos	139
5. História de Sonia Veloso	157
CAPITULO IV: Raízes.....	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	186
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	190
ANEXOS	

XVIII

Os dias não se descartam nem se somam, são abelhas
que arderam de doçura ou enfureceram
o agulhão: o certame continua,
vão e vêm as viagens do mel à dor
Não, não se desfia a rede dos anos: não há rede.
Não caem gota a gota de um rio: não há rio.
O sonho não divide a vida em duas metades,
nem a ação, nem o silêncio, nem a virtude:
a vida foi como uma pedra, um só movimento,
uma única fogueira que reverberou na folhagem,
uma flecha, uma só, lenta ou ativa, um metal
que subiu e desceu queimando-se em teus ossos
(Pablo Neruda, Ainda, 1977 p.49)

INTRODUÇÃO

“Eu sempre digo que a Arquitetura não é fundamental, não é importante. O importante é a vida. É o indivíduo ser solidário, compreender que não está sozinho. (...) Cada um vem, escreve a sua historinha e vai embora, de modo que a gente tem que se adaptar. A vida é um adaptar permanente. E a gente tem que fazer o que pode e saber que os outros merecem respeito.” (OSCAR NIEMEYER, 99 anos)

A história diz de nossa condição humana, nos remete à origem e nos leva a refletir sobre a vida presente. Não podemos compreendê-la sem compreendermos como nos tornamos o que somos, sempre constituídos na relação com os outros – ancestrais, contemporâneos e os que virão –, em uma linha de tempo que nos permite avançar, recuar, perdoar, remediar. Inventamos o mundo e buscamos referências dessa invenção para diminuir a angústia que nos habita como passageiros deste mundo.

A história tem, pois, estreitas relações com memória e identidade. Quando fazemos história, estamos contando uma experiência, transmitindo aquilo que sabemos sobre os acontecimentos, afetos e sofrimentos que marcaram um viver, um “saber”. É movimento que cria subjetividades diferentes e maneiras diversas de pensar e ver o vivido, abrindo perspectivas.

E foi justamente no sentido de conhecer os diferentes modos como a Fonoaudiologia tem sido pensada e vivida que apresento nesta dissertação as narrativas de fonoaudiólogas precursoras da profissão na cidade de Salvador, Bahia. O conhecimento histórico é constituído aqui de experiências vividas, vozes que falam de um saber que se torna fonte para compreensão de aspectos do presente e projeção de futuro.

A escolha deste tema, obviamente, não foi aleatória, mas somente a partir do seu desenvolvimento é que fui me dando conta do quanto episódios da minha história interagem significativamente com a história da área e com a forma como escolhi abordá-la. É quase como se esta pesquisa fosse uma predestinação. Afinal, “Todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da sua *história*...” (BOSI, 1999, p. 89).

Assim, inicio compartilhando com meu leitor alguns aspectos pessoais que me levaram à escolha do tema, bem como introduzo os sentidos que serão atribuídos ao longo do texto para Homem constituído historicamente na relação com o Outro, e o lugar da Memória e o Narrar como forma de compartilhar experiência e conhecimento sobre o Humano.

Recuperar cada pedra que compôs o mosaico da intenção de pesquisar o tema proposto sempre me emociona, me surpreende como uma revelação sobre ser/estar constituído em comunidade, portando um conhecimento transgeracional.

Algumas lembranças aparentemente prosaicas emergem repletas de significados, ilustrando, de alguma forma, os sentidos de memória/história que me propus adotar na construção desta dissertação. Uma dessas lembranças, por exemplo, é o meu encantamento com a disciplina de História, na época do colégio. A imagem vem colorida pelo acolhimento de um professor. Parece banal, e eu me pergunto: por que justamente esta lembrança entre tantas? Em um texto do educador Paulo

Freire, que fala de Memória, do encontro com o Outro na nossa constituição como pessoa, encontrei uma possível resposta:

“Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando em si mesmo” (FREIRE, 1996, p.42).

Lembranças da vida familiar também se fazem presentes pelas imagens de alguém sempre contando histórias. Em diferentes contextos, meus pais (mãe com fortes tradições locais e pai filho de imigrantes italianos) narravam com frequência suas lutas pessoais, perdas, aprendizagens e, principalmente, coragem e esperança. Havia uma fala recorrente de meu pai ao se referir a temas como “eternidade”, “ressurreição”, “reencarnação”. Ele dizia: continuamos vivos através da memória do que fomos, dos nossos atos, da convivência, das histórias que contarão de nós. Como destaca SAFRA:

“O narrar refere-se à possibilidade de se contar uma experiência, pois no cerne de todo narrar há uma experiência. Ao narrarmos uma situação buscamos compartilhar uma experiência de vida, tornado-a presente” (SAFRA, 2006, p. 24).

Quanto à Fonoaudiologia, posso dizer que ela faz parte de minha vida, sendo que venho assimilando suas transformações históricas desde minha formação profissional (1974/77), que se deu por volta de dez anos depois da institucionalização da área (1961/2), até os dias atuais, em minha atuação como terapeuta, desde 1978, e também como formadora de novos profissionais na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, desde 2001.

Iniciei a atividade clínica em Fonoaudiologia no interior de São Paulo, na cidade de Mococa, numa época em que este trabalho era

quase ausente na região. Nesse mesmo período, mantinha vínculo com a rotina acadêmica, como professora instrutora no Curso de Fonoaudiologia da Instituição em que me graduei – em Campinas. Em 1982, iniciei o Mestrado em Distúrbios da Comunicação na PUC-SP, o qual foi interrompido pela minha mudança para Salvador, em 1984.

A atividade clínica que vinha exercendo não sofreu interrupção, uma vez que em Salvador encontrei colegas que me acolheram e me ofereceram oportunidade de trabalho.

No início, havia uma sensação de deslocamento e abandono, em parte provocada pela mudança e ausência de referências locais e, em parte, pela distância do meio acadêmico. São Paulo estava mesmo muito longe, e a informação não chegava tão rapidamente como hoje. Racionalizar as dores iniciais de estranhamento, pela desvalorização da Fonoaudiologia em Salvador, idealizando o “sul maravilha” era fácil. Este equívoco, na minha leitura de hoje, estava relacionado a “uma certa identidade colonialista paulista”, que “só achava bonito o que era espelho”. Bendita clínica que nos ensina tanto – a se ajudar, ajudando. Passado o medo do novo e o ataque de prepotência/resistência e finalmente me abrindo aos meus interlocutores locais, pude aproveitar as possibilidades de crescimento profissional e pessoal: a clínica refletida e compartilhada com a cultura local, em que encontramos suportes generosos e significativos oferecidos pela Psicanálise, Educação, Arte, História, Antropologia e etc.

A Fonoaudiologia tinha a sua forma de acontecer em Salvador – na ocasião, havia ainda uma compreensão incipiente das possibilidades de nosso trabalho pela população, poucos profissionais, mas muitos comprometidos com as demandas locais, ainda reprimidas, já experimentando um reconhecimento motivador por parte desta população beneficiada.

Em 1995, a possibilidade de implantação do 1º Curso de Fonoaudiologia na Universidade Federal da Bahia – UFBA, levou essa instituição a oferecer um Curso de Especialização em Fonoaudiologia, cujo objetivo maior era preparar fonoaudiólogos locais para o exercício da docência. Participei desse curso e desenvolvi, junto com uma colega, a Monografia de conclusão, buscando conhecer a disponibilidade do atendimento fonoaudiológico específico às pessoas Afásicas na cidade de Salvador. Isso ocorreu não só por se constituir em área de meu interesse, mas por ter informações epidemiológicas sobre o elevado índice de doenças cérebro-vasculares na população dessa cidade, que, por si só, já implicaria um olhar diferenciado para o cuidado fonoaudiológico.

Esse foi o primeiro movimento de inquietação em direção a compreender as faces de nossa área em Salvador, e evidenciou uma grande carência de fonoaudiólogos, considerando a população e suas necessidades. No que diz respeito ao atendimento à pessoa afásica, pode-se dizer praticamente ausente.

Por sinal, até o presente momento, não contamos com a inserção de fonoaudiólogos nos quadros de saúde do Estado, sendo que no

quadro municipal a profissão foi efetivada muito recentemente, em 2001¹, mas com uma oferta absolutamente insuficiente. Na Saúde Pública em Salvador temos somente fonoaudiólogos em prestação de serviços por meio de empresas contratadas, mas em número escasso, considerando as demandas, e em precárias condições de trabalho, determinadas, principalmente, pelo caráter temporário.

Em 2001, ao iniciar a atividade docente no recém implantado curso de Fonoaudiologia na Universidade do Estado da Bahia – UNEB², a responsabilidade com formação que anunciava a perspectiva de trabalhar o futuro veio reforçar minha inquietação quanto a conhecer o modo como nossa área se apresentava localmente. Nos momentos de reflexão sobre a identidade profissional, sentia certo desconforto por ausência de referências, e pensava: como compreender/planejar sem saber, sem referências do passado?

Afinal, ater-se a aspectos da comunicação humana, como faz a Fonoaudiologia, gera complexidades que nos colocam sempre em trânsito, buscando afirmações, adaptações, identificações. Podemos observar essa condição nos relatos sobre as primeiras práticas instituídas, que emergiram junto à Medicina, à Educação e à Psicologia, ao sabor das determinações sociais e também pessoais. Uma breve análise dos periódicos nacionais que circulam na área mostra a luta constante para, diante da influência de tantos outros saberes, não nos

¹ Após mobilização da Associação Profissional dos Fonoaudiólogos do Estado da Bahia – **APROFEB** (Institucionalizada em 1980 e registrada em 1994), dois fonoaudiólogos foram admitidos por concurso público.

² UFBA e UNEB – 1999; UNIME – 2002; Faculdades JORGE AMADO – 2004; FAN (Feira de Santana/BA) – 2004 UNIRB – 2005

desviarmos da essência de nossa área de atuação – profissionais de cuidados para com o outro.

De fato, vivi e vejo que fizemos mudanças significativas na área. A produção científica cresceu em quantidade e qualidade e, atualmente, já não dependemos de literatura estrangeira para constituir a formação profissional, como ocorria nos primórdios. Ampliamos e aprofundamos áreas de atuação na Saúde Coletiva, nos Diagnósticos Auditivos, na Neonatologia, no trabalho em Cabeça e Pescoço, etc.

Assim como nossa área, também é visível que tenho vivido experiências de muitas mudanças que emolduram o novo, a diversidade, instigando adaptações e indagações. Diante de tantas transformações, novidades e desafios, perguntar para compreender e encontrar alguma estabilidade é quase vital.

Nessa medida, buscar a história da Fonoaudiologia pode ser uma forma de diminuir a distância em relação ao passado para ir adiante, especialmente em relação à visão fragmentada de sua constituição, da qual todos nós fizemos parte; e pareceu-me residir aí a possibilidade de criar novas raízes.

A ESCOLHA DO PERCURSO METODOLÓGICO

Quando surgiu a vontade de conhecer a experiência dos colegas fundadoras em Salvador, me vi diante de um dilema. Idealizava História como reunião de documentos e fatos cronologicamente organizados, representando uma verdade, e nesse sentido percebia certa limitação,

porque estava em pauta uma história recente. Porém, a oportunidade de cursar como aluna especial a Disciplina Introdução à História da Ciência, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, História e Ensino de Ciência da Universidade Federal da Bahia – UFBA, trouxe uma nova concepção de conhecimento histórico, que ampliou minhas possibilidades de estudo, em especial no que diz respeito à possibilidade de realização de entrevistas abertas com testemunhas da história recente, uma contribuição fundamental do sociólogo Simon Schwartzman³.

Esse foi o primeiro passo que me levou a adotar a perspectiva da História Oral como percurso metodológico. O segundo foi a leitura de “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”, da Professora Ecléa Bosi, que me mostrou a possibilidade de desenvolver uma investigação intersubjetiva, em que a experiência do outro toca em pontos fundamentais do viver que transcendem o lugar em que ocorrem, oferecendo referenciais teóricos para a apreensão dos sentidos de História, Memória do vivido e Narrativa, e abrindo caminho para os escritos do Professor Gilberto Safra e a compreensão de homem histórico constituído em comunidade.

A Metodologia da História Oral constitui um recurso moderno, usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos

³ SCHWARTZMAN, Simon. **Um Espaço para a Ciência: A Formação da Comunidade Científica no Brasil**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia. Centro de Estudos Estratégicos, 2001. Acesso em 21/08/2007
Disponível em: <www.schwartzman.org.br/simon/spacept/espaco.htm>
Foram realizadas entrevistas abertas com 70 cientistas graduados entre 1910 e 1950 que desempenharam papel importante na História da Ciência do Brasil do ponto de vista científico ou institucional. Elas estão disponíveis para consulta no Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil, na Fundação Getúlio Vargas, RJ.

referentes a pessoas e grupos – história viva, do tempo presente. É o registro da história de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem uma visão dinâmica da trajetória do grupo social ao qual pertencem. Compreende uma série de técnicas que buscam reunir, preparar e usar entrevistas gravadas em áudio ou vídeo como fonte primária de pesquisa. O objetivo é a preservação do conhecimento que está na experiência e memória das pessoas, constituindo-se em um instrumento fundamental para a compreensão do passado recente. Optar por História Oral é trabalhar com a subjetividade e a linguagem que se constrói dentro de um processo histórico.

Importante destacar que, dentre os gêneros da História Oral, este trabalho situa-se como História Oral Temática, uma vez que se compromete com o esclarecimento ou opinião do depoente-narrador sobre um evento definido, que, neste caso, são as suas experiências na Fonoaudiologia em Salvador, Bahia.

Em síntese, poderia dizer que SCHWARTZMAN me apresentou a possibilidade de conhecer perguntando a quem viveu a experiência; BOSI me esclareceu por que e como perguntar, a reverência do momento da entrevista, os efeitos do entrelaçamento entre depoente-narrador e pesquisador; e SAFRA trouxe a compreensão desse entrelaçamento com os sentidos de História, Memória e Narrar.

São muitas as razões que me levaram a este tema e a esta forma de abordá-lo. Vou citá-las não necessariamente em ordem de importância, consciente de que não se esgotam e que novas experiências

irão se encarregar de ampliá-las: gratidão pelo acolhimento recebido em Salvador; necessidade de encontrar referências pessoais e profissionais; necessidade de emoldurar um certo modo de fazer Fonoaudiologia em Salvador; uma forma de celebrar meu enraizamento na cidade; valorizar, por meio da divulgação dos relatos, as experiências das precursoras de nossa profissão, mostrar às novas gerações de fonoaudiólogos as lutas enfrentadas e vencidas e as que virão; destacar aspectos de nossa constituição como profissionais de cuidados que estão além do tempo e espaço – a solidariedade.

Esta pesquisa apresenta, então, as histórias das precursoras do exercício profissional da Fonoaudiologia na cidade do Salvador, por meio de suas memórias e narrativas; ou seja, de histórias encarnadas e singulares, testemunhos presentes de uma interpretação do passado que nos oferta generosamente reflexões sobre nossa constituição numa área de atividade de cuidado profissional para com o Outro.

O trabalho está estruturado da seguinte forma:

Capítulo I – Histórias da Fonoaudiologia no Brasil – apresentamos um levantamento bibliográfico sobre histórias da Fonoaudiologia em *sites* de busca da Internet e base de dados acadêmicos, e analisamos histórias já contadas sobre a Fonoaudiologia no Brasil, buscando os seus sentidos e contribuições na nossa compreensão como categoria profissional. Apresentamos os trabalhos desenvolvidos por FIGUEREDO NETO (1988), BERBERIAN (1993), SILVEIRA (1996), DANESI e MARTINEZ (2001) e DIDIER (2001).

Capítulo II – Percurso Teórico-Metodológico – explicitamos os supostos teóricos que nortearam a definição do objeto da pesquisa – A história da Fonoaudiologia em Salvador na voz das suas precursoras – elegendo a produção acadêmica de BOSI, SAFRA e suas referências para trazer os sentidos de: história, memória oral, narrar/narrativa e enraizamento. O caminho metodológico para orientar a construção das histórias das depoentes foi a Metodologia da História Oral, tendo como base as proposições de MEIHY. Apresentamos também cada um dos depoentes que participaram da investigação.

No **Capítulo III – A voz das narradoras** – iniciamos apresentando as entrevistas transcritas de cinco fonoaudiólogas precursoras; em seguida, são feitos alguns comentários, destacando o contexto e o tom vital dessas entrevistas.

Capítulo IV – Raízes – Tendo em vista o exercício da Fonoaudiologia, e buscando a reflexão das experiências partilhadas pelas vozes das narradoras, analisamos brevemente os seguintes aspectos: a construção da Fonoaudiologia em Salvador como acontecimento singular e ao mesmo tempo universal; prevalência de um trabalho fonoaudiológico privatista, como resultado de políticas públicas; reconhecimento por parte dos pacientes como forma primordial de divulgação da área; investimento no trabalho de institucionalização da área; primeiras práticas fonoaudiológicas voltadas para a educação de pessoas surdas e com deficiência mental; o compromisso com a pessoa antes do compromisso com “técnicas”, “escolas”, “correntes teóricas”.

CAPÍTULO I:
HISTÓRIAS DA FONOAUDIOLOGIA NO BRASIL

É crescente o número de trabalhos cujo objeto de investigação é o conhecimento histórico. Isso pode ser facilmente identificado em um levantamento preliminar em bancos de dados de várias áreas do conhecimento. São de fato muitas histórias: de pessoas, profissões, empresas, lugares, acontecimentos, etc.

Diante disso, Bosi (2004) questiona se o movimento de recuperação da memória nas Ciências Humanas é, apenas, uma “moda acadêmica” ou tem origem mais profunda, como necessidade de enraizamento. A autora conclui dizendo: “Do vínculo com o passado que se extrai a força para formação de identidade. (...) Fontes de outras épocas repropõem questões sobre o presente”.

No caso da Fonoaudiologia, estudá-la contemplando sua dimensão histórico-social possibilita delinear suas identidades e compreender seus debates atuais no interior das relações sociais. Até por que, como qualquer outra prática social, trata-se de uma criação humana cujas idéias estão imersas na filosofia e no entendimento de mundo. Trabalhar sua história é, nessa medida, uma forma de apropriação de senso crítico e contextualização que encaminha para uma politização, um compromisso social. E isto pode ser realizado por caminhos diversos, cabendo então a explicitação dos sentidos de cada escolha.

Um levantamento bibliográfico sobre histórias da Fonoaudiologia em ferramentas de busca da Internet e base de dados acadêmicos

mostrou alguns trabalhos desenvolvidos no Canadá⁴, na Austrália⁵ e nos Estados Unidos⁶ e artigos que tratam, de forma sincrônica, dos acontecimentos que construíram a Fonoaudiologia na Argentina⁷, Colômbia⁸, Chile⁹ e Brasil¹⁰.

No trabalho intitulado “*Getting Here: A short history of Speech Pathology in America*”, DUCHAN¹¹ constrói um percurso histórico por meio da análise de publicações da área, estabelecendo quatro períodos: 1) Anos de formação: publicações sobre distúrbios da comunicação anteriores a 1900 até a 2ª Guerra Mundial em 1945; 2) Período de construção: de 1945 a 1965 – grande influência da Psicologia; 3) Era Lingüística: de 1965 a 1975 e 4) Revolução Pragmática de 1975 a 2000. Podemos observar, então, que a construção da Fonoaudiologia contou com a contribuição de outras áreas do conhecimento, principalmente Psicologia e Lingüística.

⁴ Acesso em 27/03/07. Disponível em:
<www.slp.utoronto.ca/Assets/SpeechLanguage+Pathology/assets/0203SLP_History.pdf>

⁵ Disponível em: <<http://www.speechpathologyaustralia.org.au/Content.aspx?p=104>>
Acesso em 27/03/2007

⁶ Acesso em em 27/03/2007. Disponível em:
<www.asha.org/about/publications/leaderonline/archives/2002/q4/021224a.htm> e
<www.acsu.buffalo.edu/~duchan/history.html>

⁷ Acesso em 27/03/2007. Disponível em:
<www.urosario.edu.co/FASE1/rehabilitacion/pregrado_fonoaudiologia.htm> e
<www.asalfa.org.ar/hm/asalfa/historia.htm>

⁸ Acesso em 27/03/2007. Disponível em:
<http://mtl.fonoaud.utalca.cl/docs/abril_2006/Fonoaudiologia_Colombia_1.pdf>

⁹ Acesso 27/03/2007. Disponível em:<http://www.fonoaudiologiachile.cl/fono_03.htm>

¹⁰ MEIRA, I. - Breve relato da história da Fonoaudiologia no Brasil. In: MARCHESAN, I.Q. et al; ZORZI, J.L.; GOMES, I.C.D. **Tópicos em Fonoaudiologia**, IV. São Paulo, Lovise, 1997. GOLDENBERG, M. **Um olhar sobre a Fonoaudiologia no Brasil**. Revista Fonoaudiologia Brasil, dez 98. Ano 1, nº 1. Conselho Federal de Fonoaudiologia; Cardoso, Carla; Abreu, Thaís T. A Fonoaudiologia na Bahia: uma história recente. **Revista Bahiana de Saúde Pública**; 28 (1): 96-99, jan-jun. 2004.

¹¹ Acesso 27/03/2007. Disponível em:
<http://www.acsu.buffalo.edu/~duchan/new_history/overview.html>

Em formato mais denso e regionalizado, encontramos no Brasil os livros que trazem Histórias da Fonoaudiologia no Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro e dissertações de mestrado cujos objetos são histórias da Fonoaudiologia nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro e no Estado de Pernambuco. Sobre esses trabalhos faremos considerações buscando apreender seus sentidos.

Outros autores antes dos acima citados, como ANTONIO AMORIM (1982) e ISABEL CAPPELLETTI (1985), já haviam se referido a aspectos da constituição história da Fonoaudiologia. Mas FIGUEREDO NETO (1988) foi pioneira no aprofundamento dessa temática, desenvolvendo uma pesquisa que relata o início das práticas fonoaudiológicas em São Paulo, além de sistematizar os acontecimentos históricos envolvidos na implantação dos primeiros cursos superiores de Fonoaudiologia na cidade (USP/1961/PUC-SP/1962). Para a autora, conhecer as origens e preservar a História é o caminho ideal no reconhecimento de identidades, algo fundamental na superação do tecnicismo e imediatismo que acredita caracterizar a Fonoaudiologia como profissão especializada.

Além de destacar atores, instituições (Laboratório de Fonética e Acústica – LFA, Santa Casa e AACD) e documentos envolvidos na implantação dos cursos superiores, FIGUEIREDO NETO (1988) também discute aspectos sócio-políticos anteriores ao aparecimento destes cursos (1930-1960), vinculando a emergência e necessidade do profissional

fonoaudiólogo ao ideário Nacionalista do Estado Novo, a partir da década de 30, e ao Desenvolvimentista, em 1950.

Conta-nos que a medicalização dos problemas sociais decorrentes, entre outros aspectos, da adoção de uma Língua-Padrão Nacional Higienizada fez surgir a patologização da linguagem, que precisava de médicos para o diagnóstico e professores para sua correção.

Como metodologia de pesquisa, a autora entrevistou profissionais pioneiros e aqueles envolvidos na criação dos primeiros cursos. Levantou documentos relacionados ao movimento sócio-político que sustentava os Projetos da Saúde Escolar e da Escola Nova, como por exemplo, os anais do 1º Congresso Nacional de Língua Cantada (CNLC), atos e decretos, jornais e também os referentes à organização inicial dos primeiros cursos universitários.

Diante desse material, pôde inferir que a apresentação no CNLC do estudo “Vícios e Defeitos nas falas das crianças dos Parques Infantis” se constituiu como produto dessa ideologia nacionalista. A autora aponta que os médicos e professores¹² eram considerados como os responsáveis pelo processo reeducativo, sendo que os primeiros “pensavam” e os segundos “executavam”, inaugurando aí as discussões atuais sobre as atribuições do fonoaudiólogo em relação a médicos e outros profissionais (veja o Ato Médico)¹³ e indicando atividades que,

¹² Professores de caligrafia, ortofonia e ginástica especializada.

¹³ O Projeto de Lei 025/2002, que institui o Ato Médico, é de autoria do ex-senador Geraldo Althoff (PFL/SC). O texto da matéria, que já sofreu algumas modificações, ainda condiciona à autorização do médico o acesso aos serviços de saúde e

hoje, poderiam ser atribuídas às ações de Promoção de Saúde, como: ginástica respiratória, música, teatro, hora do conto ou histórias e “higiene vocal”.

O trabalho de FIGUEREDO NETO (op. cit.) enuncia os primórdios da Fonoaudiologia na cidade de São Paulo vinculados à atividade pedagógica e mesclados com posturas do médico e psicólogo, tendo como pano de fundo os movimentos sócio-políticos presentes no período. Porém, leituras equivocadas do estudo produziram um discurso prevalente entre os fonoaudiólogos de que a História da área teria tido origem na década de 60, a partir da criação dos primeiros cursos universitários e pela necessidade de um tratamento técnico/ especializado de pessoas portadoras de distúrbios da comunicação.

Em 1993, BERBERIAN questiona esse discurso, desenvolvendo uma pesquisa documental na qual discute a presença das práticas fonoaudiológicas no contexto sócio-econômico-político do Brasil no período de 1920 a 1940.

Documentos e trabalhos acadêmicos realizados desde o início do século XX mostram que os distúrbios da comunicação aos quais a Fonoaudiologia se dedica foram objetos de atenção e atitudes em

estabelece uma hierarquia entre a Medicina e as demais profissões da área. Em campanha contra essa proposta e trabalhando com base no princípio da multidisciplinaridade na Promoção da Saúde adotado pelo Sistema Único de Saúde – SUS, profissionais de diferentes categorias da área de saúde defendem que o Conselho Federal de Medicina se volte para o campo democrático do debate e trate o assunto com uma visão menos corporativista, na tentativa de ampliar a discussão para melhorar o atendimento aos cidadãos. Os médicos podem e devem trabalhar a regulamentação de sua profissão, como forma de a sociedade reconhecer a competência específica desses profissionais, mas não em detrimento de qualquer outra profissão na área da saúde. Acesso em 03/02/2007. Disponível em: <<http://www.naoaoatomedico.com.br/paginterna/oquee.cfm>>

diferentes períodos da história da humanidade, não ocorrendo apenas por volta da década de 60. A autora destaca que a preocupação com o tratamento de distúrbios dessa natureza surgiu no Brasil quando essas iniciativas passaram a ter um papel importante nas formas de organização social.¹⁴

Uma análise do contexto sócio-histórico do país¹⁵ a partir da década de 20 mostra uma política sistemática de controle da linguagem que criava a necessidade de medidas para sua padronização e normatização, incluindo-se aí o tratamento de pessoas portadoras de patologias. Assim se justificou a origem da Fonoaudiologia, embora o alvo fossem pessoas (imigrantes estrangeiros) que, em função das variações dialetais, vinham “contaminando a língua oficial do Brasil”.

BERBERIAN (1993) observa que a elaboração dos currículos para a formação dos cursos acadêmicos de Fonoaudiologia na década de 60 só foi possível devido a práticas e conhecimentos já sistematizados anteriormente. Nessa medida, essa institucionalização surge como uma forma de legitimar o controle da linguagem que há décadas já vinha sendo desenvolvido, vinculado ao universo médico e educacional.

Como parte do questionamento a respeito do marco referencial institucional como origem da área, a autora discute discursos que, ao colocarem a Fonoaudiologia como uma profissão jovem (25/30 anos), trabalham no sentido de não enfrentamento dos conflitos e confrontos

¹⁴ Podemos observar este aspecto no que diz respeito ao grande desenvolvimento das práticas fonoaudiológicas relacionadas às pessoas afásicas no EUA no pós guerra.

¹⁵ Um Brasil inserido num ideário mundial de “Eugenia Social” que se construía no pré Guerra.

naturais que a habitam como prática social. São eles: organização como grupo profissional por meio da criação de órgãos representativos; valorização e compreensão das áreas afins; campo de trabalho e remuneração limitados; imagem “tecnicista” da natureza do trabalho e a delimitação do seu campo de conhecimento teórico-prático a partir do seu caráter interdisciplinar de atuação.

Quanto a este último aspecto, referente à delimitação do seu campo teórico-prático, a autora discute a proposição de que a Fonoaudiologia estabelece com outras áreas uma relação de “empréstimos”, e que isso colocaria em risco sua autonomia. Argumenta que a Medicina, a Lingüística, a Psicologia e a Educação têm influência direta na identidade do fonoaudiólogo, pois foram essas as áreas que sistematizaram os pressupostos das formas de controle da linguagem que originaram o processo de constituição de um ramo especializado de tratamento – a Fonoaudiologia.

“[A Fonoaudiologia] (...) foi e continuará sendo constituída também por outras áreas de intervenção social tendo em vista que não é possível nenhuma prática original ou pura, dada a natureza interdisciplinar dos trabalhos voltados a atender o homem (...)” (BERBERIAN, 1993, p.16).

Outra pesquisadora que optou por recuar no tempo, de modo a elucidar os atores, interesses e ambiente do processo histórico da área, foi SILVEIRA (1996). A autora pôde compreender o “caráter privado/elitista e técnico/curativo”, pouco afeito ao pensar crítico de suas bases teóricas que observa predominar na Fonoaudiologia.

SILVEIRA (op. cit.) descreve e analisa historicamente as práticas que contribuíram para delimitar o perfil da Fonoaudiologia na cidade do

Rio de Janeiro, entre 1963 e 1981. Estabelece, então, dois marcos referenciais: a criação do Curso de Terapia da Palavra na Secretaria Estadual de Educação do Estado da Guanabara, em 1963, e a Regulamentação da profissão de fonoaudiólogo, em 1981, destacando iniciativas pioneiras na constituição do perfil e formação profissional. Destaca, ainda, duas matrizes constitutivas no movimento pioneiro de formação da Fonoaudiologia: a médica e a educacional.

A matriz médica tem início entre 1910 e 1967, com publicações referentes aos problemas neurológicos e otorrinolaringológicos que afetavam a comunicação humana, com os programas higienistas e com a presença do médico foniatra.

Cursos de curta duração, realizados entre 1964 e 1966 na Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR) e organizados pelo foniatra Dr. Pedro Bloch, iniciaram a capacitação para o exercício fonoaudiológico, inaugurando aí a polêmica quanto à autonomia da área em relação à Foniatria. Outras iniciativas foram a implantação da Unidade de Tratamento de Foniatria no Centro de reabilitação da ABBR (1968) e o “Curso de Logopedia”, ligado ao setor de otorrinolaringologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Todas elas podem explicar tanto a marca tecnicista da Fonoaudiologia, uma vez que esta era tomada como a parte técnica da Foniatria, como a disputa por autonomia em relação à área médica, principalmente na regulamentação da profissão.

Quanto à matriz educacional, destaca-se o setor de Ortofrenia e Psicologia do Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE), ligado à

prefeitura da cidade do Rio de Janeiro; na época, o Distrito Federal, que atendia a demanda da rede estadual para as crianças com problemas na escolaridade e também organizava cursos para profissionais. Crianças com baixos resultados no teste ABC¹⁶, de Lourenço Filho, eram então encaminhadas para esse setor, sendo que o atendimento prestado evidencia as influências escolanovistas, já referidas também na história da Fonoaudiologia na cidade de São Paulo, com conseqüente “biologização” das dificuldades infantis.

Ainda segundo SILVEIRA (op. cit.), a Sociedade Pestalozzi do Brasil, idealizada pela psicóloga Helena Antipoff, estabeleceu em 1960 uma sede no Rio de Janeiro, dando início a práticas fonoaudiológicas com deficientes mentais. Profissionais dessa instituição (Lucia Bentes e Ruth Pereira) receberam bolsas de estudos da Organização dos Estados Americanos (OEA) para um curso de Terapia de Linguagem no México, com o compromisso de formar terapeutas da linguagem no Brasil. Então, em 1964, 1966 e 1968, foram promovidos cursos de dois anos de duração para cumprir essa meta.¹⁷

A autora destaca também a atuação do Instituto Nacional de Surdo-Mudos (INSM), ou Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES, a partir de 1957), que trouxe sua contribuição na constituição da Audiologia e promoveu cursos de formação. Em 1951, tem início o Curso Normal de Formação de Professores Especializados na Educação de

¹⁶ Este teste tinha o objetivo aferir o nível de maturidade necessária ao aprendizado da Leitura e Escrita.

¹⁷ Olga Tanajura, uma das colaboradoras da presente dissertação, refere sua formação a partir deste grupo.

Surdos, com a inclusão de disciplinas que, hoje, fazem parte dos currículos de Fonoaudiologia; e, em 1956, foi fundado o Centro de Logopedia, com um perfil clínico atendendo queixas de comunicação da população da cidade¹⁸.

A Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1961, abriu aulas de “Dicção” (ministradas por Edméé Brandi) para seus alunos de Didática da Faculdade Nacional de Filosofia; posteriormente, essa iniciativa foi transformada no Gabinete de Aperfeiçoamento da Expressão Oral, com cursos oferecidos a toda a universidade, tendo um perfil estético, mas vinculado à área educacional.

Ainda em 1961, um convênio entre a Secretaria Estadual de Educação da Guanabara e a Fundação Ford (EUA) deu origem ao Centro de Terapia da Palavra, tendo à frente Abigail Caraciki, que foi enviada a Londres para se especializar. O Centro promoveu, em 1963, o primeiro curso com intenção definida de formar Terapeutas da Palavra e espalhou unidades por todo o Estado da Guanabara, que eram gerenciadas por professoras que realizaram o curso.

Esse Centro teve importante papel na divulgação e consolidação da Fonoaudiologia (Terapia da palavra), através da realização do Iº e IIº Simpósio Brasileiro de Terapia da Palavra (1967/ 1969) e a fundação da Sociedade de Terapia da Palavra. A partir de 1972, porém, novas orientações governamentais colocavam o Centro fora de suas prioridades,

¹⁸ Sonia Veloso, colaboradora deste estudo, relata a participação de professoras de Salvador nesta formação e afirma o início das primeiras práticas fonoaudiológicas quando estas ampliam o trabalho para além dos surdos, atendendo as demandas locais de outros problemas de comunicação.

e ele se tornou parte do Instituto Helena Antipoff, como Assistência a Terapia da Palavra, ficando no Estado de 1963 até 1972, quando foi transferido por Abigail Caraciki para o Centro de Educação e Pesquisa da Terapia da Palavra do Instituto Cultural Henry Dunant, o qual mantinha convênio com a Cruz Vermelha.

Em 1967, foi inaugurado o Curso de Logopedia no Hospital São Francisco, vinculado ao Departamento de Otorrinolaringologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Apesar dessa vinculação, não era um curso da UFRJ, era particular e mostrava um perfil mais educacional do que médico, sendo formado por um grupo de professoras de classes comuns e especiais. Essa situação irregular de funcionamento do curso dentro da universidade acabou contribuindo para sua saída da Instituição em 1975. Foi transferido para o Instituto Superior de Ensino (ISE), mas encerrou suas atividades em 1978, por problemas internos. Essa iniciativa da universidade pública fracassou e perdeu-se aí a oportunidade de se constituir um grande centro de ensino, pesquisa e extensão em Fonoaudiologia no Rio de Janeiro.

Foi implantado, então, no Serviço de Saúde Escolar do Instituto de Educação¹⁹, em 1969, um setor de Foniatria, que funcionava com uma equipe multiprofissional. O trabalho desenvolvido neste Instituto originou, em 1979, o Iº Congresso de Fonoaudiologia em Educação, que foi determinante na estruturação profissional da área, lembrando que a regulamentação da profissão ocorreu exatamente dois anos após esse

¹⁹ Este Instituto foi fundado em 1932 por Fernando Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho para a formação de professores.

evento²⁰. SILVEIRA (1996) conclui reafirmando a influência da educação e medicina na configuração da Fonoaudiologia, que como qualquer outra prática se construiu no complexo jogo das relações sociais.

No Rio Grande do Sul, DANESI e MARTINEZ (2001) organizaram um livro com relatos de profissionais que viveram e contribuíram para a estruturação da Fonoaudiologia no Estado. Esses relatos relacionam as origens da área à mobilização das famílias que procuravam soluções para seus filhos “deficientes”; a educadores preocupados em auxiliar seus alunos com dificuldades; a médicos que buscavam conhecimentos além da medicina para atender seus pacientes e ao investimento de professores de canto.

A chegada da especialista em fala e linguagem, Luiza Gratzfelt, em 1905, para se dedicar à educação de uma criança surda, foi um marco referencial que determinou, anos mais tarde, a criação da primeira escola de surdos de Porto Alegre. Essa iniciativa teve desdobramentos no desenvolvimento das práticas fonoaudiológicas, fazendo com que a “história da Fonoaudiologia em muitos momentos se confunda com a História da Educação de Surdos” (DANESI e MARTINEZ, 2001, p. 48).

As décadas de 60 e 70 foram momentos férteis para a área, devido aos cursos ministrados pelo médico argentino Julio Bernaldo Quirós; ao retorno de muitos fonoaudiólogos, que se preparavam em São Paulo, Rio de Janeiro e no exterior; à organização de classe (ASFA – Associação Riograndense de Fonoaudiologia e AFARS – Associação

²⁰ Olga Tanajura, colaboradora neste estudo, faz referência a sua participação neste Congresso representando a Fonoaudiologia de Salvador, Bahia.

Fonoaudiológica do Rio Grande do Sul); à criação do 1º Curso de Fonoaudiologia em Santa Maria (RS) e à luta pela regulamentação da profissão, com destaque para a participação ativa da fonoaudióloga Alda Leite Rodrigues.

A história da Fonoaudiologia em Porto Alegre é a história pessoal de mulheres e homens que acreditavam nas suas possibilidades de entender a forma pela qual o sujeito se comunica com o mundo.

“Voltando um olhar para o passado, constato que a Fonoaudiologia desempenhou um papel relevante na minha vida. Tratar das alterações da comunicação despertou em mim uma forma diferente de olhar as pessoas e o mundo. Fui, pouco a pouco, me modificando, fui tendo mais humildade e desenvolvendo uma super consciência, através de uma busca constante de respostas, não só para meus pacientes, mas para minha própria pessoa” (DANESI, 2001, p.166).

Saindo do eixo Sul/Sudeste, temos no Nordeste o trabalho de DIDIER (2001). A autora realizou um estudo sobre as origens da Fonoaudiologia em Pernambuco, por meio de fontes documentais (Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, Universidade Católica de Pernambuco e Secretaria de Educação de Pernambuco) e contatos com logopedistas precursoras, buscando estabelecer comparações com os estudos já realizados sobre as origens da Fonoaudiologia na cidade de São Paulo, mais precisamente com o trabalho de BERBERIAN. Observou, então, que havia um paralelo quanto à postura política social higienizadora, mas esta não era estendida a questões da fala, devido ao fato de Pernambuco não ter influências de imigrantes estrangeiros; portanto, sem apelo à unificação e ao controle da língua. Destacou, ainda, que em Pernambuco havia a mesma postura observada em São Paulo

quanto a responsabilizar o aluno e sua família pelos fracassos escolares, desconsiderando as questões sociais.

Em síntese, as histórias da Fonoaudiologia descritas pela literatura mostram que a construção de todas elas apresenta particularidades dos seus lugares de acontecimento e uma diversidade de intenções e argumentações, tais como compreender a origem à luz do momento sócio-político vigente (FIGUEREDO NETO, 1988); recuar no tempo de forma a ilustrar que o marco institucional da profissão, com os primeiros cursos de graduação, foi precedido de um processo social (BERBERIAN, 1993); compreender as dimensões técnicas e curativas que predominam no campo profissional (SILVEIRA, 1996); informar às novas gerações as dificuldades e conflitos no processo de constituição da Fonoaudiologia por meio da exposição da caminhada de diversos atores (DANESI e MARTINEZ, 2001); estudar as origens do fazer fonoaudiológico em Recife em confronto com o de São Paulo (DIDIER, 2001). Também os métodos empregados (pesquisa de documentos, instituições e entrevistas orais) estão inscritos em uma dimensão maior, que é vislumbrar no projeto histórico a possibilidade de se delinear identidades e provocar reflexões fundamentais para o desenvolvimento da área.

CAPÍTULO II:

PERCURSO TEÓRICO- METODOLÓGICO

Adotar o paradigma de que História não é só coleção de fatos e/ou ação de notáveis, mas é também gesto encarnado que se manifesta na voz de quem viveu, foi o primeiro passo que me levou às contribuições teóricas de Ecléa BOSI e Gilberto SAFRA. As idéias desses autores me permitiram uma compreensão de Homem constituído historicamente e explicitaram as concepções da Memória e do Narrar como processos de autoconhecimento e forma de enraizamento. Narrar possibilita acesso à memória, que traz a experiência vivida, um saber transgeracional - são processos de compreensão e adaptação do humano entre humanos, e muito dizem de nossa condição.

1. HISTÓRIA

“Quando se trata de história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!” ECLÉA BOSI (2004, p.16 e 17).

Definir História é falar da História da humanidade. De todos e de um. Do singular, que encaminhou a reflexão de muitos, quando pensamos nas escolas históricas, e dos singulares, que fazem suas histórias todos os dias, de todos os tempos.

Na introdução de “História e Memória”, LE GOFF (1996) discorre sobre a etimologia da palavra “História”, trazendo o sentido de “procurar”, que remete a encontrar, a reunir e, ao mesmo tempo, a buscar, que é estar aberto à compreensão. É preciso, pois, perguntar:

“A história está sempre no centro das controvérsias. Que assuntos deve tratar? Os acontecimentos apenas, ou também os desígnios da providência, os progressos da humanidade, os fenômenos repetitivos, as estruturas? Deve por a tônica na

continuidade ou pelo contrário, nas revoluções, nas rupturas, nas catástrofes? Deve ocupar-se prioritariamente dos indivíduos promovidos ao papel de heróis ou de massa; de quem tem o poder e autoridade no estado ou na igreja ou, pelo contrário, dos camponeses, do proletariado, dos burgueses, da população no seu conjunto e de todas as classes que a compõem? (.....) Trata-se de uma projeção, talvez inconsciente de preocupações ideológicas contemporâneas no passado ou de um conhecimento, através de documentos e monumentos, de economias, de sociedades, de civilizações afastados de nós no tempo? (....) constitui uma forma literária, uma narração dos fatos ou uma ciência que os estabelece, os descreve e os explica.(...) O debate que põe em jogo todas estas interrogações e ainda outras continua desde a Antiguidade e tem todas as possibilidades de se prolongar no futuro” (LE GOFF, 1996, p. 164/165).

A História é a ação dos homens sobre a natureza, suas relações e transformações. Quem a faz são os homens com suas maneiras de pensar, sentir e agir, em permanente movimento, com avanços e recuos, gerando processos de interação, concorrência, competição, conflito, acomodação. Não há histórias sobre tempo ou espaço; há histórias sobre homens.

BOSI (2004) diz que a História que estudamos na escola não aborda o passado recente, fazendo parecer que se constitui de uma sucessão linear de lutas de classes por forças diferentes, afastando aspectos do cotidiano como se fossem de importância menor.

Por outro lado, SAFRA (2002, 2004) coloca que o ser humano é história e que conceber o homem independente do seu meio, de seu acontecer e de suas ações no mundo é perder de vista fenômenos importantes na compreensão da condição humana, porque esta demanda a presença do outro. O campo cultural dá continuidade à espécie humana, transcendendo a vida pessoal e sendo, pois, fundamental para a sensação de contribuição à herança cultural da humanidade. Isso é

realizado por meio dos filhos, da arte, da religião, da História, da ação política, trazendo a vida do Homem através das gerações. Os objetos culturais atravessam o tempo e dialogam com seres humanos de outras épocas.

Nesse sentido, o autor nos apresenta a noção de SOBORNOST – o homem constituído historicamente no passado, no futuro, com os contemporâneos, com a natureza e com as coisas, em comunidade. Trata-se de uma concepção ontológica fundamental no pensamento russo, utilizada nos vértices filosófico, psicológico e teológico, e que procura iluminar as condições fundamentais para o acontecer humano, cuja afirmação fundamental é que qualquer situação que frature ou impeça Sobornost adoece o ser humano.

“SOBORNOST assinala que cada ser humano é a singularização de muitos. Compreender o ser humano como singularização da vida de muitos implica dizer que cada ser humano é a singularização dos seus ancestrais e é pressentimento dos que virão. Isso não equivale afirmar somente a existência da influência cultural, mas sim que o sentido de si é um fenômeno ontológico comunitário, isto é, acontece em meio à comunidade e como comunidade. Evento transgeracional, vindo da história em direção ao futuro. A verdade de si mesmo acontece e se revela somente pelo reflexo do rosto do outro” (SAFRA, 2004, p.43).

A história do indivíduo é a própria história da humanidade. A história do homem é a história de suas transformações e, por decorrência e propriedade, é a própria história da sociedade.

“Poderíamos afirmar que o ser humano é a singularização de toda a história da humanidade. Cada pessoa é única e múltipla, pois ao mesmo tempo em que se individualiza, o faz presentificando seus ancestrais e aqueles com quem compartilha sua existência” (SAFRA, 2004, p. 25).

Não há dúvida da nossa existência como pessoas. O conteúdo interno de nossa vida – pensamentos, afetos, aspirações, desejos,

emoções – é próprio de cada um de nós; porém, essa forma de ser não é natural, universal e tão pouco linear. É, sim, determinada historicamente em decorrência do movimento e das transformações ocorridas na sociedade. O homem é singular porque sua vida é singular, mas o conteúdo de sua vida é social, plural.

Quando contamos nossa história, estamos transmitindo aquilo que sabemos sobre os acontecimentos, afetos e sofrimentos que marcaram nossas vidas, um “saber” sobre nós mesmos como protagonistas. Movimento constante que cria subjetividades diferentes e maneiras diversas de pensar e ver a vida.

História não é reedição do acontecido, é fruto da interpretação. Ela pode ser feita por meio de depoimentos de pessoas que viveram os acontecimentos, o que diz respeito à história contemporânea, ou de documentos (da arte, quadros, fotografias, mapas, jornais, atas, etc), sendo que, mesmo neste último caso, sempre será submetida à interpretação, uma vez que, para elegê-los e articulá-los, é preciso partir de suposições; portanto, podem ser escritas histórias diferentes a partir da mesma documentação, do mesmo material. Trata-se, pois, de uma construção sobre o vivido que ocorre no presente.

Com relação aos depoimentos orais, esta relação com a interpretação torna-se mais óbvia, uma vez que a memória elege o que será narrado; ou seja, o narrador lembra aquilo que foi relevante ou significativo. Dois narradores que vivenciaram o mesmo fato o compreendem cada um a partir da sua singularidade.

2. MEMÓRIA

“É preciso começar a perder a memória, ainda que se trate de fragmentos desta, para perceber que é esta memória que faz toda a nossa vida. Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento, sem ela somos nada” LUÍS BUÑUEL (1982, p.11)

Memória é tudo aquilo que uma pessoa se lembra, como também sua capacidade de lembrar. É o processo de aprender, armazenar e recordar uma informação. Não está localizada na alma, como acreditavam os gregos antigos, mas não deixa de ser alma, já que transcende o tempo e o espaço.

Em “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”, remetendo-se a autores como Bergson, Halbwachs, Bartlett e William Stern, ECLÉA BOSI nos apresenta uma compreensão dos sentidos de memória fundamental no esclarecimento sobre os caminhos desta pesquisa.

Pautando-se em Bérqson²¹, afirma a autora que o universo das lembranças não se constitui do mesmo modo que o universo das percepções. A memória seria o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas, e sua espontaneidade e liberdade se opõe aos esquemas mecanicistas que a alojam em algum lugar no cérebro. O passado se conservaria inteiro e independente no espírito, sendo sua existência inconsciente. Nessa medida, a memória em si mesma é subjetiva e livre, uma conservação espiritual do passado sem a intervenção social e cultural.

²¹ HENRI-LOUIS BERGSON (1859 - 1941). Filósofo francês influente na primeira metade do século XX. Prêmio Nobel de Literatura (1927). Obras principais: *Matière et mémoire* (1896) *L'Évolution créatrice* (1907)

Já com Halbwachs²², BOSI traz a contraposição de memória como produto de uma atividade puramente subjetiva, introduzindo uma visão psicossocial da mesma. Halbwachs trata a memória não mais como relação corpo e espírito, mas como “quadros sociais”, o que é coerente, como diz BOSI, com sua formação na Sociologia. Ele argumenta que a conservação total do passado e sua ressurreição só seriam possíveis se o adulto mantivesse intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância. A memória da pessoa é a memória do grupo, e até as imagens do sonho, que são mais desgarradas do coletivo, não fogem da determinação do presente. Lembranças da infância estão sempre misturadas com o que nos foi contado. Outro exemplo é a experiência da releitura de um livro, que mostra a dificuldade de reviver o passado tal e qual como foi, impossibilidade que toda pessoa que lembra tem em comum com o historiador.

Para BOSI, a memória social está na lembrança dos velhos, porque estes têm uma história social bem desenvolvida, diferente de jovens e adultos que estão absorvidos pelas lutas do presente. No caso do adulto, a evocação do passado é fuga, arte, lazer, contemplação; já para o idoso, é trabalho, ocupação consciente do próprio trabalho, da sua vida.

²² MAURICE HALBWACHS (1877-1945) Sociólogo francês da escola durkheimiana, estudou filosofia com Henri Bergson, do qual recebeu muitas influências.

Afinada com as reflexões de Halbwachs, apresenta Bartlett²³, segundo o qual a matéria prima da recordação não surge em estado puro na linguagem do falante que recorda, mas é estilizada pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo a que este pertence. Ou seja, redes de convenção verbal conduzem a lembrança. Há relação entre o ato de lembrar e a importância existencial e social do fato recordado para aquele que recorda. O que se lembra está condicionado ao interesse social do fato lembrado, e o como se lembra, ao temperamento e caráter daquele que lembra.

Bartlett fala do tratamento que cada imagem nova sofre na memória fazendo uma analogia com o processo de modelagem que dada forma cultural civilizada sofre ao ser transferida para um grupo indígena. As possibilidades são: simplesmente incorporar (Assimilação); ou descartar os aspectos estranhos a sua prática social (Simplificação); ou dar uma relevância especial a um aspecto que é detalhe na fonte original (Retenção parcial ou hipertrofia de detalhe) ou então construir uma “outra” forma simbólica, transformar o que foi recebido. Há, pois, construção social da memória. BOSI (1999, p. 66) afirma: “A memória das pessoas também dependeria desse longo e amplo processo, pelo qual “fica” o que significa. E fica não do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado.”

²³ SIR FREDERIC CHARLES BARTLETT (1886-1969) psicólogo britânico e professor de Psicologia Experimental na Universidade de Cambridge. Reino Unido. Obra de referência: *Remembering* (Cambridge University Press, Cambridge, 1932).

BOSI (op.cit.) finaliza suas reflexões teóricas com William Stern²⁴ e a dualidade na consideração da memória: as mutações da pessoa e, ao mesmo tempo, a sua “unidade constante” permitem um período de latência das percepções, que por motivos diversos aflora a memória. Uma unidade constante que permite a reanimação de uma imagem que foi recebida há muito tempo antes, denominada “pessoa”. O passado entra plasticamente no universo pessoal, e a lembrança é a história da pessoa e suas experiências vividas.

Conclui BOSI que os modos de recordação de uma pessoa podem ser compreendidos pela narrativa da sua vida – sua Memória.

Memória é um conceito tão ligado à história, que se confunde com ela – para alguns, a memória é criada a partir da história; para outros, a primeira é anterior à segunda. História é a construção do que lembramos. Guardamos aquilo que, por um motivo ou por outro, tem – ou teve – algum significado em nossas vidas, mas não representa um depósito de tudo o que nos aconteceu; é uma reconstrução psíquica e intelectual que faz uma representação seletiva do passado não só do indivíduo, mas dele inserido num contexto familiar, social, nacional. É, portanto, coletiva e visa garantir a continuidade e resistir à mudança do tempo e rupturas da vida; ou seja, é elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, 2001).

²⁴ WILLIAM LEWIS STERN (1871-1938) Filósofo e Psicólogo alemão, pioneiro no campo da Psicologia da Personalidade e Inteligência.

História e Memória pouco ou nada têm a ver com o conceito de verdade; ou melhor, questionam a verdade tornando-a lembrança de certa forma ficcional, uma narrativa que se recria e na qual se acredita.

"A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo" (THOMPSON, 1988, p.185).

A memória une o passado com o presente e permite o futuro. O lembrado é sempre depois do acontecido, e o tempo entre o acontecimento e a recordação traz novos códigos de análise; sendo assim, a lembrança não é o vivido.

As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Submetem-se a questões inconscientes, como o afeto, a censura, entre outros, sendo que um dos elementos mais importantes que afirmam o caráter social da memória é a linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem da linguagem, que é, pois, o instrumento socializador da memória, reduzindo, unificando e aproximando, no mesmo espaço histórico e cultural, vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes (BOSI, 1999).

A memória coletiva tem a importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas sobretudo no campo simbólico.

Recordar a própria vida é fundamental para o sentimento de identidade, e lidar com a lembrança fortalece a autoconfiança (THOMPSON, 1988).

As memórias são a matéria-prima da História. Elas podem ser orais ou materiais - as primeiras dizem respeito diretamente às narrativas, que é o meio de acessá-las, e as materiais dizem respeito à arte: pintura, música, fotos, filmes etc.

BOSI (2004) destaca que a memória oral é um instrumento precioso na constituição da crônica do cotidiano, pois a história dos documentos oficiais não dá conta das paixões individuais que estão atrás dos acontecimentos. A maior riqueza da memória oral está no afastamento da unilateralidade, uma vez que faz surgir pontos de vista contraditórios.

A valorização da memória histórica apresenta-se:

“...idealmente como âncora e plataforma. Enquanto âncora, possibilita que, diante do turbilhão de mudança e da modernidade, não nos desmanchemos no ar. Enquanto plataforma, permite que nos lancemos para o futuro com os pés solidamente plantados no passado criado, recriado ou inventado como tradição” (LOVISOLO, 1989, p. 17).

3. NARRAR

“A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o “em si” do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma” (ECLÉA BOSI, 1999).

O Narrar é a forma de acesso à memória. Tem a função de exorcizar o passado, glorificando, compreendendo. Quando o vivido é passado para as palavras, ele se torna História, um acontecimento, uma

re-elaboração das dores e alegrias. Isto instaura a possibilidade de redimir o já vivido, atribuindo novos significados, perdoando, convivendo e aprendendo.

BENJAMIN (1994) é autor freqüentemente citado quando se busca a compreensão do narrar. Inicia o capítulo “O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Lescov”, levantando a questão de que a arte de narrar está em vias de extinção e que quando se pede num grupo que alguém narre, o embaraço é generalizado, como se “estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. Seu texto fala da narrativa em relação ao romance como gênero literário, mostrando a ruptura que este último representou em relação ao mundo cultural do narrador. BENJAMIN comenta as narrativas de Lescov²⁵ destacando que elas giravam em torno da idéia de acontecimento exemplar que trazia sabedoria na sua força alegórica, sendo que não cabiam explicações nem comentários, só o acontecimento narrado. E é justamente com essa tradição que o romance rompe – a linguagem alegórica já não é suficiente e é preciso explicar e comentar os fatos.

Dois grupos de narrativas, que se relacionam, são comentadas por BENJAMIN, uma que vem pelo viajante (“Quem viaja tem muito que contar”), trazendo os lugares distantes, e outra pelo camponês que nunca saiu de sua terra, mas que participa da ligação entre gerações, suas

²⁵Nikolai Lescov.(1831-1895) “Escritor da Rússia antiga, dos contos ligados as narrativas orais em circulação. Ele viajava pela Rússia reunindo documentos, lendas, coisas estranhas contadas em linguagem popular” (...) Lescov é um clássico russo da maior importância, à altura de Tolstoi, Tchecov e Dostoievski” (PEREIRA, 2005, p.10 e 11).

histórias e tradições. “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”. Para o autor, as melhores narrativas escritas são aquelas que não se distinguem das orais, que só são possíveis graças a experiência vivida. A narrativa é uma comunicação artesanal que encerra em si uma dimensão prática, um conselho, um ensinamento moral ou de jeito de viver.

“(…) se “dar conselhos” parece hoje antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. (..) O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1994, p. 200).

Para SAFRA, (2006, pp. 21-24) de fato, os textos de Leskov ensinam sobre a condição humana e a vida, assinalando que toda obra humana acontece no acolhimento da tradição e pela ruptura desta mesma tradição. O Narrar articula-se, então, entre a tradição e o que virá, junta o passado, o presente e o futuro. Significa compartilhar uma experiência, que é ao mesmo tempo pessoal e transgeracional; para tanto, é necessário que a pessoa esteja enraizada em uma comunidade, pois é a presença do Outro. Há no narrar o paradoxo de se “estar aberto para o inédito com um pé na tradição” (SAFRA, 2006).

“A narrativa, ao mesmo tempo em que possibilita o tempo da experiência, sempre nos apresenta o para além tempo. É o tempo do eterno. Por essa razão encontramos no narrar uma experiência que resiste ao esquecimento. Ele constitui, desse modo, a memória do que é significativo: a verdade da condição humana” (SAFRA, 2006, p. 30).

A narrativa se contrapõe à informação, porque fala da experiência vivida, do conselho, daquilo que nos enraíza. Estamos vivendo o tempo da anti-experiência, porque, limitando o convívio pela “pressa”, pelo ritmo

de vida acelerado, substituímos a “prosa” do vivido pela informação que vem apartada do humano e não tem rosto, que não permite o compartilhar, que não traz a sensação de pertencimento aos dramas do viver que nos comungam, essencial para o enfrentamento das dores desse viver. O que sentimos, pensamos e sofremos outros também sentiram, pensaram e sofreram; e ter a consciência disso acalma e oferece alento para caminhar na vida (SAFRA, 2004).

SAFRA (2006) observa dois aspectos fundamentais do narrar: a possibilidade de nos reconciliar com a vida frente ao destino, uma vez que visualizar passado, presente e futuro em processo nos posiciona frente a questão da morte, abrindo possibilidade de lidar com a finitude, e a abertura ao perdão como compreensão dos encontros e desencontros na experiência e sua superação, que permite o caminhar.

Narrar para poder viver, para continuar vivendo e, se possível, para seduzir e posteriormente envolver o ouvinte com a história, ou melhor, na história, é texto sempre associado à narradora exemplar Sherazade, dos contos “As Mil e Uma Noites”²⁶, e também à epígrafe “Todas as mágoas são suportáveis quando fazemos delas uma história ou contamos uma história a seu respeito”, de Isak Dinesen²⁷, usada por Hanna Arendt no início do capítulo V do seu livro “A Condição Humana”²⁸ – são, de fato, instâncias exemplares dos sentidos atribuídos por SAFRA ao narrar.

²⁶ As Mil e Uma Noites: obra clássica da literatura árabe, consistindo numa coleção de contos orientais compilados entre os séculos XIII e XVI.

²⁷ Isak Dinesen (1885/1962). Escritora dinamarquesa.

²⁸ Arendt, Hannah. A condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

4. HISTÓRIA ORAL

“Às vezes até queremos fazer a história dos outros, mas a escolha do tema, a organização do projeto e a condução das entrevistas demonstram que estamos sempre fazendo também nossa própria história” (RUBEM FIGGOT, apud MEIHY, 2005, p. 122).

Há três principais posturas a respeito do status da História Oral. Uma advoga a História Oral como técnica, ou seja, a utilização da entrevista como fonte de informação complementar; a segunda postula um status de disciplina e a terceira a defende como metodologia; ou seja, estabelece e ordena procedimentos de trabalho funcionando como ponte entre teoria e prática (AMADO e FERREIRA, 2001).

Neste estudo optamos pela terceira opção - elegendo procedimentos e seus pressupostos teóricos para auxiliar a busca das experiências das pessoas frente a determinados acontecimentos, possibilitando a recuperação do vivido através da narrativa.

A Metodologia da História Oral constitui um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes a pessoas e grupos. Compreende todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação de entrevistas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea – história viva, do tempo presente. É o registro da história de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem uma visão dinâmica da trajetória do grupo social ao qual pertencem. Sua utilização data dos anos 50, após a invenção do gravador, nos Estados

Unidos, na Europa e no México, sendo praticada entre historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos, fonoaudiólogos e outros. Optar por História Oral é trabalhar com a subjetividade e a linguagem que se constrói dentro de um processo histórico.

PAUL TOMPSON (1988, p. 197/198) observa:

“Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. Se assim é, por que não aproveitar essa oportunidade que só nós temos entre os historiadores, e fazer nossos informantes se acomodarem relaxados sobre o divã, e, como psicanalistas, sorver em seus inconscientes, extrair o mais profundo dos seus segredos?”.

A História Oral permite aproximar depoente e pesquisador, trazendo conhecimento e respeito mútuo e a possibilidade de acesso a uma pluralidade de memórias e perspectivas do passado, ultrapassando a descrição para compreender seus significados. “(...) O fundamento essencial da História Oral é estabelecer a relação entre identidade e memória – ou vice-versa (...) (MEIHY, 2006, p. 142)

Vários são os gêneros de História Oral, sendo que este estudo pode ser classificado como História Oral Temática, diferenciando-se de História Oral de Vida, uma vez que relaciona os detalhes da vida pessoal do narrador à temática central – Histórias da Fonoaudiologia em Salvador.

A construção das narrativas obedeceu às seguintes etapas:

Meu contato profissional/pessoal com os colegas fonoaudiólogos na cidade do Salvador levou-me a observar um número significativo de

profissionais que poderiam ser eficientes colaboradores/depoentes²⁹ nesta tarefa de construir narrativas sobre faces da Fonoaudiologia nesta cidade.

Diante da impossibilidade da participação de um número muito extenso de colaboradores, e das limitações de tempo do projeto, optamos pela **formação da rede**, que constitui uma subdivisão da **colônia**, ou seja, do grupo estudado (fonoaudiólogos na cidade do Salvador), para estabelecer os parâmetros de escolha dos colaboradores. Forma-se a rede pela realização de uma entrevista inicial, denominada “ponto zero”, com um colaborador que conheça a história do grupo e que, a partir do seu depoimento, indica os próximos colaboradores.

A entrevista “ponto zero” foi realizada com a fonoaudióloga Carmen das Graças Fernandes, por ter conhecimento de que a mesma mantém uma forte rede de contatos com fonoaudiólogos que iniciaram suas práticas em Salvador antes e após 1979, data do início da sua vida profissional em Salvador, além de contínua militância profissional na Associação Profissional dos Fonoaudiólogos do Estado da Bahia (APROFEB).

As entrevistas foram desenvolvidas em três etapas:

Na **Pré-entrevista** houve a preparação do encontro; ou seja, foram feitos acertos sobre local, horário, tempo de entrevista, procedimentos de registro e esclarecimentos sobre o projeto e seus desdobramentos, tais como a **transcrição absoluta**, que é a passagem

²⁹ Na História Oral o depoente é denominado colaborador porque assume papel significativo durante todo o processo.

completa, com todos os detalhes sonoros, da entrevista gravada para a escrita (inclui: sons de campainhas, barulho de animais, ruídos em geral); **transcrição literal:** é a passagem de todas as palavras de uma entrevista para o texto escrito; **textualização:** é a transcrição trabalhada, integrando as perguntas, estabelecendo a lista de palavras importantes e das expressões básicas das histórias, sendo que é nesta fase que é escolhido o **tom vital**; **transcrição:** é a entrevista trabalhada já em sua fase de apresentação pública. As correções gramaticais, entre outros aspectos, devem ser estabelecidas nessa etapa. É o texto recriado e legitimado pelo colaborador após a sua **conferência**, ou seja, é a versão por ele autorizada.

Uma questão importante para quem trabalha com História Oral em sentido completo, ou seja, não usando apenas as gravações como meras entrevistas, diz respeito ao momento em que se encontra o Tom Vital. Trata-se da frase escolhida para ser colocada na introdução, que serve como guia para a leitura da entrevista, uma vez que representa uma síntese moral da narrativa. Definir o tom vital é essencial para se compreender que toda entrevista tem uma mensagem central, subjetiva (MEIHY, 2006).

Foram também prestados esclarecimentos sobre o uso das entrevistas na dissertação, a responsabilidade do autor na guarda do material e a possibilidade de arquivamento das gravações e transcrições em Projeto de Memória da Fonoaudiologia em Instituição depositária a ser definida futuramente. O colaborador assinou termo de conhecimento das

suas atribuições e do entrevistador, assim como o consentimento para a realização da entrevista. (Anexos A e B)³⁰.

Entrevista: Foi explicado ao colaborador que relatasse a sua história na Fonoaudiologia na cidade do Salvador guiado pela sua memória, ficando ao seu critério decidir por onde começar. O entrevistador faria intervenções somente se fosse necessário. O tempo máximo de gravação foi 90 minutos.

Pós-entrevista: foram feitos agradecimentos e esclarecimentos sobre o andamento do projeto, e o colaborador trabalhou na conferência do texto transcrito até que este fosse autorizado para a publicação.

5. COLABORADORAS/ NARRADORAS

As colaboradoras deste estudo foram todas mulheres. De fato, a Fonoaudiologia é uma profissão que vem sendo majoritariamente construída por mulheres.³¹ Vamos apresentá-las começando por Carmen das Graças Fernandes, a entrevista marco zero.

5.1 ENTREVISTA MARCO ZERO

Carmen foi escolhida para iniciar a rede de colaboradoras pelo estreito contato com fonoaudiólogos que atuam em Salvador desde antes de 1979, ano de início da sua vida profissional nessa cidade, e pela atual

³⁰ O projeto foi aprovado pelo Parecer da Comissão de Ética em 10/04/2006 sob o nº 0010/2006 atendendo os critérios éticos da Portaria 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

³¹ PEREIRA, A.C. **Fonoaudiologia e História oral: uma narrativa sobre uma profissão construída por mulheres.** Dissertação de mestrado da PUC-SP, 1999. A autora faz uma reflexão sobre o predomínio feminino na Fonoaudiologia onde observa o embate entre o desempenho dos papéis femininos mais tradicionais e exercício profissional no mundo do trabalho. Concebida como atividade dirigida a crianças com horário flexível, viabiliza a dupla jornada feminina no trabalho.

e constante militância profissional como membro da APROFEB – Associação Profissional dos Fonoaudiólogos do Estado da Bahia.

Natural de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, na ocasião deste estudo Carmen tinha 50 anos de idade. Graduou-se em Fonoaudiologia pela Universidade Católica de Petrópolis (RJ), em 1978, e iniciou suas atividades profissionais em Salvador em 1979, numa instituição reabilitadora – Clínica Pinto Duarte. Estava então atuando em consultório particular e como docente. Mostrou-se receptiva a participar como colaboradora e entusiasmada com o projeto e com a possibilidade de compartilhar suas experiências, além de sempre reforçar a importância desse conhecimento para nossa classe em Salvador. Tempo de entrevista: 150 minutos.

Partindo das suas referências, construímos a rede de colaboradores realizando a “colheita” das narrativas dos colegas fonoaudiólogos, totalizando quinze³² entrevistas (quatorze mulheres e um homem), com duração média de 90 minutos, gravadas em vídeo. Destas, somente quatro colaboradoras que iniciaram suas práticas em Salvador antes de 1979 e a entrevista marco zero serão apresentadas. As entrevistas não abordadas nesta oportunidade poderão constituir um

³² Marco de referência de início das atividades em Salvador: **PRECURSORAS – DÉCADAS DE 50/60:** 1.Lia Mara, 2.Olga Tanajura, 3. Aidil Prazeres e 4. Sonia Veloso; **1976:** 5.Éva Musa, 6.Leonora Bastos da Siva, 7.Carmen Fernandes, 8.Silvia Reis, 9.Regina Grangeiro, (**Marisa Gondim, Eliane Giusti**); **1984:** 10. Ana Pimenta, 11. Ana Graner Falcão, 12.Hercílio, (**Helena Linhares, Célia Fernandes, Ivalda Gomes**) **1990:** 13.Silvia Ferrite, 14.Renata Scarpel, 15.Valéria Leal, (**Claudia Lopes, Célia Thomé, Cecília Pereira, Gloria Canto e Carla Padovani**). Os nomes em negrito e entre parênteses foram contactados e poderão se constituir narradores para projeto futuro juntamente com as entrevistas já realizadas, mas não trabalhadas nesta dissertação.

arquivo aberto a novas investigações. Apenas uma colaboradora desistiu de sua participação após a conferência, porque não ficou satisfeita com sua entrevista e não quis que sua gravação fosse arquivada, como previsto no desdobramento do projeto.

As pessoas que compõem este banco de dados receberam informações sobre o desenvolvimento da pesquisa e cópias das transcrições e textualizações das entrevistas para conferência, assim com uma cópia da entrevista gravada em vídeo.

5.2 FONOAUDIÓLOGAS QUE FAZEM HISTÓRIA

Elieth Leal D'Araujo (Lia Mara), fonoaudióloga, 74 anos, natural de Salvador, graduada em Direção Teatral em 1972 e professora aposentada da Escola de Arte Dramática da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Viveu as primeiras práticas fonoaudiológicas em Salvador no início dos anos 60 e continua até hoje realizando um trabalho relacionado à comunicação humana em um espaço que construiu em sua casa. Tempo de entrevista: 90 minutos

Olga Lima Rodrigues Tanajura, natural de Caetité, interior da Bahia, fonoaudióloga pelo Curso de Terapia da Palavra ministrado pelas professoras Lucia Bentes e Ruth Pereira, no Rio de Janeiro, em 1968, graduada em Pedagogia em 1978, em atuação nas práticas fonoaudiológicas desde o final da década de 50. Trabalha atualmente em seu consultório particular e já cuidou de muitas gerações de baianos, sendo um nome reverenciado por todas as gerações de fonoaudiólogos e profissionais de áreas afins em Salvador. Tempo de entrevista: 90 minutos

Sonia Veloso, fonoaudióloga, 60 anos, natural de Caetité, interior da Bahia, graduada em Pedagogia, funcionária pública aposentada da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Pioneira em Salvador no trabalho com Audiologia e pessoas surdas. Atualmente, atende em seu consultório particular e trabalha com grupos de relações interpessoais e pessoas surdas. Tempo de entrevista: 50 minutos

Leonora Bastos da Silva, 53 anos, fonoaudióloga graduada pela Universidade Católica de Petrópolis (RJ) em 1975, natural da cidade do Rio de Janeiro, com início do exercício fonoaudiológico em Salvador em 1976. Atualmente, trabalha em consultório particular e atua em Saúde Coletiva na área de Saúde Mental como funcionária da Prefeitura de Salvador e prestadora de serviço na Secretaria da Saúde do Estado da Bahia. Tempo de entrevista: 90 minutos.

Vamos, então, às narrativas.

“(...) Do novelo emaranhado da memória,
da escuridão dos nós cegos,
puxo um fio que me parece solto./
Devagar o liberto,
de medo que se desfaça entre os dedos./
É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos,
e tem a maciez quente do lodo vivo./
É um rio./
Corre-me nas mãos, agora molhadas./
Toda a água me passa entre as palmas abertas,
e de repente não sei se as águas nascem de mim,
ou para mim fluem./
Continuo a puxar, não já memória apenas, mas
o próprio corpo do rio.(...)
(SARAMAGO, Pequenas Memórias, p.14
2006)

CAPITULO III:

VOZ DAS NARRADORAS

“(...) lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (...)” (BOSI, 1999).

Não é minha intenção aqui buscar pontos de vista comuns, nem destacar congruências e incongruências das histórias apresentadas, mas deixar com que as vozes das narradoras provoquem a ampliação de reflexões sobre nós mesmos e sobre a Fonoaudiologia como prática social.

As entrevistas, de fato, falam por si mesmas, tal a riqueza das experiências narradas. E, por isso, configuram-se sempre como um desafio, porque despertam inúmeros questionamentos a respeito do que pode ser revelado, do que se quer lembrar ou esquecer, dos fatos, dos sentimentos que despertam e da escuta que se oferece – ação marcada pela intersubjetividade. Recordar não é, portanto, um processo espontâneo e livre, mas exige esforço e empenho, “dá trabalho” – memória é trabalho.

Por fim, apesar de as memórias serem constituídas das experiências compartilhadas sobre o tema definido – Fonoaudiologia vivida em Salvador -, elas serão sempre singulares e únicas, pois cada uma dessas pessoas traz consigo uma experiência própria de vida.

Interessante observar a postura dos colaboradores e do entrevistador em todas as fases da realização das entrevistas.

Na pré-entrevista sentimentos tais como orgulho por ter sido lembrado; medo de não recordar os fatos, de não oferecer dados fidedignos, numa compreensão de que história são verdades

incontestáveis, que necessitam de datas e fatos; resistência quanto à confiabilidade do projeto (alguns não conheciam a pesquisadora); preocupação em focar dados institucionais também na compreensão de que a história é institucional, só diz respeito a entidades constituídas oficialmente (o início da associação profissional, cursos).

Lembro-me que me surpreendi com os meus sentimentos antes de realizar as entrevistas. Considerava uma rotina fazer os contatos, afinal é a “minha coleta de dados”; mas, a cada telefonema, era surpreendida, pois uma quase entrevista acontecia. As pessoas se entusiasmavam (mesmo as resistentes), e eu me sentia gratificada com a proposta, sem falar naquela curiosidade boa que aumentava a motivação para o trabalho.

Fui à primeira entrevista com uma ansiedade que não entendia. Dizia: “Calma Rina, é só uma entrevista”. Sem ainda saber, já pressentia a importância e os efeitos do momento que se aproximava, que estaríamos participando de uma aventura comum de gratidão pelo aprendizado na escuta e de orgulho do passado digno de recordar (MAALOUF, 2005). E a ansiedade persistiu até o último encontro, só que a experiência tinha trazido a compreensão. Esta frase faz todo sentido: “Narrar oferta à pessoa a possibilidade de se apropriar das experiências que lhe visitaram como um saber sobre a condição humana” (SAFRA, 2006, p. 28).

O ato da entrevista, propriamente dito, trouxe um universo imprevisível de sentimentos. O início era formal, um pouco angustiado e

defendido, mas depois adquiria uma liberdade, e a recordação fluía sem pudor, trazendo o vivido reconstruído.

Minha impressão era de estar presenciando um guerreiro narrando suas sagas. Choros, explicações, conclusões inesperadas, gratidão, perdão e redenção e, principalmente, a surpresa quanto à capacidade de evocar as lembranças e do rumo independente da narrativa.

Emocionava-me a cada palavra, por trazer experiências vividas em comum, por falar de pessoas comuns que já partiram em várias direções, pela confiança de dividirem comigo parte de suas essências, assim como por presenciar o orgulho pela área em que atuamos.

Ao iniciar a seqüência de entrevistas com Carmen Fernandes, estava impregnada de uma necessidade de colher fatos, mesmo que teoricamente já tivesse me apropriado de outros sentidos para as entrevistas; mas, de repente, comecei a me dar conta de que cada encontro produzia novos efeitos na realização dos próximos. Minha postura foi ficando cada vez mais pessoal, e minha forma de introduzir a entrevista foi se modificando no sentido de buscar histórias de vida na Fonoaudiologia em Salvador. As colaboradoras foram, passo a passo, me esclarecendo que os fatos estavam encarnados e que a essência estava exatamente aí. Elas também tentavam, inicialmente, se “ater aos fatos fonoaudiológicos locais”, mas, quase sem perceber, iam assumindo a Fonoaudiologia na vida. Observei esses efeitos quando uma das últimas colaboradoras iniciou sua entrevista dizendo “estou aqui atendendo ao

convite da minha colega Rina, para que eu pudesse falar como surgiu a Fonoaudiologia na minha vida”.

Após as entrevistas, a maioria dos colaboradores ligou para fazer considerações, oferecer fotos, informações e contar novos fatos. Observo uma mudança de postura, quase uma cumplicidade velada estabelecida entre mim e minhas colaboradoras. Antes do exame de qualificação, reuni então o grupo, para conversarmos sobre o trabalho já realizado, e foi muito gratificante observar os discursos pontuados de entusiasmo por lembranças compartilhadas, pela sensação de orgulho pelas lutas empreendidas e pelos planos de trabalho futuro que formulavam.

Vamos ouvir as vozes. Escolhi apresentar as narrativas pela ordem de realização das entrevistas, visto que, a cada novo encontro, minha postura e minha escuta se colocavam inevitavelmente afetadas pelo anterior, porque a cada história compartilhada eu já não era a mesma. Acredito que essa seqüência pode oferecer ao meu leitor condições de observar aspectos da intersubjetividade, articulando as tramas que se desenvolveram e que, pelo meu envolvimento, podem ter me escapado neste momento.

No final de cada narrativa, faço alguns comentários e reflexões, observando o contexto de realização das entrevistas e a busca do “tom vital”, como definido por MEIHY (2006).

1. HISTÓRIA DE CARMEN FERNANDES OU O SENTIDO DA GRATIDÃO

Hoje é 24 de março de 2006 e meu nome é Carmen das Graças Fernandes. Cheguei a Salvador em maio de 1979, para trabalhar na Clínica do Dr. Júlio Pinto Duarte³³ substituindo a fonoaudióloga Leonora Bastos da Silva. Graduei-me em dezembro de 1978 e vim para Salvador para trabalhar com crianças com Paralisia Cerebral e Atraso de Linguagem. Encontrei uma série de dificuldades no início, porque eram poucos os fonoaudiólogos e eu só conhecia Leonora e Sônia Tocantins. Como recém-formada, tinha necessidade de alguém que me desse suporte, embora tivesse encontrado um serviço já montado.

Em 1980, fui convidada para participar de uma reunião na Clínica de Leonora, que nesta época trabalhava com Maria Amália, fonoaudióloga, que já foi embora de Salvador, mas precursora, como Olga Tanajura, Lia Mara, Aidil Prazeres, Sônia Veloso. Na verdade, a reunião foi solicitada por Olga Tanajura, que, retornando de um Congresso no Rio de Janeiro, procurou congregar os colegas em Salvador para dar apoio ao movimento de regulamentação da profissão. O grupo era constituído de 18 fonoaudiólogas, todas mulheres, residindo em Salvador, na grande maioria por causa do trabalho de seus maridos no Pólo Petroquímico de Camaçari. Muitas delas só ficaram um ou dois anos e depois retornaram ao seu local de origem. Foi uma época de muito entusiasmo, e a motivação da regulamentação da profissão trouxe reuniões semanais, atividades

³³ Neurologista já falecido, pioneiro no tratamento da Paralisia Cerebral em Petrópolis, RJ.

científicas, elaboração de documentos e até visitas a Brasília. Olga optou por não estar à frente do movimento, e Leonora assumiu a liderança, sendo as reuniões realizadas no seu consultório.

Estas reuniões me proporcionaram acolhimento, na medida em que laços pessoais começaram a se estreitar. Eu me sentia muito só, e embora conhecesse pessoas de outras áreas, elas não estavam tão disponíveis. Lembro-me de algumas pessoas que participavam das reuniões, como Sônia Siqueira, Isabel Guimarães, Maria da Assunção Sanches. Maria da Assunção foi uma pessoa muito importante nessa fase, porque ela cedeu carro, motorista, advogado da firma do marido e ajudou muito. Ela já faleceu e a sua lembrança me emociona, porque, nesta época, eu tinha apenas 23 anos e nosso relacionamento foi marcado por um tom maternal, porque ela estava sempre presente, cobrando, exigindo, mas sempre ajudando. Infelizmente ela nos deixou muito cedo, mas, de certa forma, conseguiu ver a profissão regulamentada e se realizou profissionalmente.

Esta associação era chamada de Núcleo Pró-Associação dos Fonoaudiólogos do Estado da Bahia. Fomos a Brasília duas vezes, inclusive representamos o Estado da Bahia no dia da regulamentação da profissão. Lembro-me da Maria Nólí Lacerda, fonoaudióloga de Brasília que participou ativamente do movimento de regulamentação da profissão e deu muito apoio a nós, da Bahia. Veio muitas vezes a Salvador, ministrou cursos e nos recebia em sua casa em Brasília. Seu marido era militar e

tinha uma rede de contatos importantes, o que possibilitou abertura de espaços e visibilidade a nossa área.

Com a regulamentação da profissão, surgiu um movimento chamado Movimento Interestadual em prol da Fonoaudiologia – MIEF. Lembro que a Maria Maurity, que você conhece, participava no Rio de Janeiro. Elizabeth Teixeira, lingüista da UFBA, realizou cursos para nós, o que, de alguma maneira, nos incentivou a entrar em contato com a Universidade Federal da Bahia, e começamos a ter mais contato com outras associações.

Este núcleo pró-associação realmente foi importante na regulamentação da profissão, na aproximação entre os profissionais locais e na realização de algumas atividades científicas, mas nós não conseguimos concretizar a regulamentação legal da associação, nos perdemos na burocracia. Como em geral ocorre com associações de classes, as pessoas deixaram de comparecer às reuniões. Leonora e outras pessoas da diretoria se sentiam sobrecarregadas, necessitando mudar de função, se dedicar mais ao consultório, e Silvia Reis assumiu e se manteve até um ou dois anos após a regulamentação da profissão.

No início dos anos 80, a Legião Brasileira de Assistência – LBA³⁴ foi responsável pela chegada de vários profissionais a Salvador. Parece-

³⁴ Legião Brasileira de Assistência (LBA), agência federal criada nos anos 40 e transformada, ao longo do tempo, no instrumento por excelência do clientelismo e dos interesses particularistas. Este padrão centralizado vem passando por inflexões significativas. Um passo decisivo de descentralização foi dado logo no início do governo Fernando Henrique, com a extinção da LBA e com a mais decidida transferência dos recursos federais para os Fundos Municipais de Assistência Social, para prefeituras ou diretamente para escolas, reforçando assim a tendência subterrânea de ampliação da autonomia e responsabilidade local em matéria de assistência social. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/CDBRASIL/ITAMARATY/WEB/port/polsoc/asocial/desinst/apresent.htm>> Acesso em 15/05/2007

me que, por determinação do governo, para se conveniar, toda clínica necessitava ter na equipe, entre outros profissionais, um fonoaudiólogo. Fui contratada inclusive nesta condição. A fonoaudióloga Maria Regina Grangeiro deve ter sido uma das primeiras pessoas a trabalhar pela LBA no Instituto Guanabara, que existe até hoje, e cuja proprietária é a fonoaudióloga Maria José.

Desde estudante eu tinha vontade de trabalhar com surdos, mas a Clínica Pinto Duarte não pôde me favorecer isto, porque exigia uma estrutura técnica e profissional alheia aos objetivos da instituição. Dr. Júlio Pinto Duarte foi uma pessoa extremamente importante no Brasil e no mundo, na área de Paralisia Cerebral. Foi diretor da Faculdade de Fonoaudiologia de Petrópolis e em sua clínica se realizavam os estágios curriculares. Ele trouxe para Salvador várias fonoaudiólogas, inclusive Sonia Tocantins, que conheci antes de pensar em ser fonoaudióloga e que me ajudou muito. Hoje não temos mais contato, mas permanece um vínculo, uma história.

Algum tempo depois de ter deixado a Clínica do Dr. Pinto Duarte, soube que ele morreu atropelado. Era muito inteligente e tinha muita energia e saúde, um verdadeiro atleta. Não aparentava idade e acho que, se não fosse pelo acidente, iria viver muito. Ele deixou filhos cuidando da clínica de Petrópolis e veio morar em Salvador, buscando talvez uma melhor qualidade de vida, porque gostava muito de mar, correr na praia. Acho que via em Salvador a possibilidade de aliar trabalho e lazer, algo que

a gente sonha na aposentadoria. Eu sonho com uma aposentadoria trabalhando e tendo lazer.

Recebi dele e equipe todo o suporte que necessitava e, em 1981, deixei a sua clínica para trabalhar em consultório particular. A gente vai criando asas e quer alçar vôo, o tempo vai passando, vamos envelhecendo e mudando os objetivos, procurando os próprios caminhos. O consultório era na Clínica Psiquê, no bairro da Graça, constituída por psicólogos e psicanalistas, onde trabalhei durante um ano. Foi uma experiência saudável e interessante, porque era novo para mim o contato com psicanalistas, e foi também meio um choque, porque um profissional não conhecia o trabalho do outro.

Falando da divulgação, as pessoas não conheciam o nosso trabalho, e os encaminhamentos eram feitos de modo vago. Os profissionais diziam assim: “Ah! Vai lá naquele consultório, que tem um foniatra”. Nós éramos conhecidas como: foniatras, logopedistas, terapeutas da fala. “Você tem uma gagueira? Vai lá, pode ser bom esse trabalho, experimenta”. Nem sempre os pacientes iam, e quando iam, muitas vezes não aderiam, porque faltava clareza e suporte no momento do encaminhamento. Havia certa fragilidade nesses encaminhamentos.

Mas não demorou muito e nós conseguimos alguma estabilidade graças ao trabalho de arregaçar as mangas e ir pessoalmente conversar com os profissionais, as escolas, professores, diretores, etc. Todas se esforçaram e, com a chegada de novas profissionais a partir de 1982, o

quadro já era totalmente diferente, principalmente por conta da LBA que colocava a atenção à criança como “obrigatoriedade”.

Em 1982, fui trabalhar em um consultório na Av. Garibaldi, com a fonoaudióloga Altair Cadrobby Pupo³⁵ (Lila) e a psicóloga Dircineia Marchi. Conheci Lila em Salvador, num curso, e conhecendo meu interesse em atender pessoas surdas, denominadas na época deficientes auditivos, ela me convidou para trabalharmos juntas. Foi um período importante, porque pude me dedicar a algo que, na época, era minha maior expectativa. Acho que se eu não tivesse tido este suporte teria sido muito difícil para mim trabalhar com surdo. Na época eu pensava assim: “estou falando com alguém que tenho certeza que não está entendendo; que eu tenho certeza que está ouvindo pouco o que eu estou dizendo”.

O fato de ser novata na profissão gerava muitas ansiedades, e tanto Lila como Dircineia me apoiaram neste processo. Os pacientes e os pais também contribuíram de forma essencial para meu crescimento pessoal. Hoje eu tenho pacientes casados e com filhos e me sinto um pouco avó, pois já fui até a batizado de filhos dos meus ex-pacientes. Muitos já terminaram o curso universitário e são bem sucedidos. Sou muito grata a todos por terem contribuído para que eu me mantivesse nessa profissão, que fui descobrindo aos poucos. Temos uma idéia, quando estudantes, mas, quando começamos a trabalhar, a realidade é diferente, embora eu tivesse 1404 horas de estágio prático extracurricular.

³⁵ Fonoaudióloga pela PUCSP (1974). Docente da PUCSP com experiência em Surdez.

O suporte mesmo foi quando eu precisei caminhar com meus próprios pés. Fiz supervisão quando Lila voltou para São Paulo entre 1983 e 1984. As pessoas contribuíram para meu crescimento em todos os aspectos e acho que também contribui para vida deles, porque recebo este retorno. O conhecimento fonoaudiológico que você oferece aos pacientes através do seu trabalho, mesmo não se misturando nas relações, tem repercussão pessoal, no destino deles. Por exemplo, você faz um trabalho com o surdo, ele se identifica, melhora, começa a falar e obtém suporte necessário para suas relações interpessoais, tudo isto através da comunicação que foi desenvolvida por este trabalho. Quando ele começa também a caminhar com os próprios pés, há uma reciprocidade, não é uma situação unilateral. Não é assim: eu tenho todo o conhecimento e o outro não tem nada para me dar. Eu sempre de alguma maneira estou aprendendo com a outra pessoa, enfim a gente trata de humano mesmo. Sei que eu tenho a obrigação de ter conhecimento profissional, de me especializar, de oferecer suporte técnico, mas passa tudo pelo humano, pela possibilidade de crescimento conjunto.

Acho que é isso que vai fazer com que nossa história se perpetue e vá abrindo espaços para a melhora de todas nós. Se eu não aprendesse também como profissional, eu não iria adiante, eu não iria aprender somente nos livros. A experiência prática que essas pessoas me possibilitaram, confiando na minha proposta, possibilitou que eu estivesse hoje ensinando numa universidade. Essas pessoas me permitiram isso e me sinto muito feliz, muito gratificada de poder, ainda jovem, conviver com

essas pessoas. O melhor entendimento do nosso trabalho, por parte dos profissionais, tornou os encaminhamentos mais efetivos, com maior motivação e satisfação dos pacientes, e estes fizeram nossa divulgação, através das escolas que freqüentavam, familiares e amigos.

O pessoal da Odontologia nos recebeu desde o início de braços abertos. No prédio da Av. Garibaldi, onde fui trabalhar com Lila, conheci vários odontólogos que nos encaminhavam muitos pacientes e abraçaram a nossa causa: Dr. Bonfim, Dr. Delcik, Dr. Edno e Dra. Miriam Cléa, que nos deixou precocemente, mas tem uma obra continuada pelos seus alunos. Eu penso que a morte não interrompe um processo, porque ela deixou semente e a gente sente muita falta dela. Dra. Celina Siquara e Dra Jandira me convidaram para ministrar aulas na Odontopediatria, na Universidade Federal da Bahia; só não me recordo se era para especialização ou de extensão.

Estou contando à medida que as memórias estão vindo e, provavelmente, vou negligenciar o nome de algumas pessoas. Peço desculpas antecipadamente, mas é muita emoção e fica difícil você ser racional ao falar dessas coisas, embora eu tenha até tentado me preparar, mas não dá pra decorar um texto, ler um texto. São pessoas que, de certa forma, forneceram um modelo profissional inicial, um incentivo. Eu era muito inexperiente ao sair de Petrópolis e foi um grande desafio para mim, aos 23 anos, deixar uma cidade pequena e vir para Salvador. Lembro-me de Alda Leite, Sonia (não me lembro o sobrenome), um pessoal do sul, de Curitiba, que eu conheci na época da regulamentação da profissão.

Depois chegaram Rina e Célia Fernandes, em 1984, e já foi uma outra etapa. A LBA já não atuava muito, mas nem lembro como isto foi acontecendo. Foi a fase em que começamos a perder a noção de quantos fonoaudiólogos tinham em Salvador. Lembro-me de Silvia Hellhammer e Regina Borreli, que trabalhavam na Clínica Neuroevolutiva, cuja proprietária era a fisioterapeuta Alba, e dos consultórios de Sônia Veloso, Maria Amália, Leonora, Sônia Tocantins, Olga Tanajura, Lia Mara, Eva Musa, Edil, Aidil, Marise. Um dos primeiros homens fonoaudiólogos aqui na Bahia foi Hercílio, depois veio Cid Saraiva, que foi para Feira de Santana, assim como Jussara e Desirré Degrow. Em Feira de Santana, a clínica Otorrinos do Dr. Washington também trouxe alguns fonoaudiólogos.

Quanto aos otorrinolaringologistas, Dr. Rui Lobo e toda equipe abriram as portas para nós. Quando Lila foi embora, eles automaticamente entenderam que eu poderia substituí-la e me apoiaram. Dr Rui Lobo foi extremamente amigo dos fonoaudiólogos, como é até hoje.

Em 1984/ 1985, a Associação estava praticamente só no nome, com poucas reuniões e alguns eventos. Acho que nesta época houve necessidade de dedicação maior aos consultórios e à prestação de serviços. Nós éramos poucas, muito ocupadas, começando a constituir família, filhos pequenos, e era muito difícil conciliar tantas atribuições.

Cursos e livros específicos eram muito difíceis e tínhamos necessidade de nos deslocarmos para outros centros para a formação. Fiz muita supervisão em São Paulo, o que implicava muitos custos, porque deixava de trabalhar e tinha despesas com passagens e

hospedagem. Tínhamos muitos pacientes, mas o investimento era muito alto. Acho muito positivo a nossa preocupação em buscar formação, e também foi maravilhoso poder descobrir, aqui na Bahia, outras possibilidades. Participávamos de cursos e grupos de estudos na área de Otorrinolaringologia, Odontologia, Psicanálise, Pedagogia, Lingüística com Elisabeth Teixeira na UFBA, na Psicopedagogia, por exemplo, com Katia Godinho e a equipe do CRIA³⁶, com Débora, Heloisa e Tereza Cristina, que faziam muitos encaminhamentos e sempre nos davam voz nos seus eventos.

Tenho uma satisfação muito grande com a cidade de Salvador, com as pessoas, os profissionais e, principalmente, com os pacientes; acho difícil sair daqui. O reconhecimento vinha nos encaminhamentos, e tem uma particularidade: mesmo com o trabalho concluído, a família às vezes telefona e diz: “olha, ele está trocando de escola, eu gostaria da sua assessoria”. Encontro casualmente pacientes que não reconheço, porque cresceram, mas a mãe reconhece, apresenta, elogia. Encontro pacientes de outras colegas que também falam: “Ah! você é fonoaudióloga! Lembra fulana de tal, foi paciente de Rina, foi paciente de Célia, de Leonora”.

A comunidade nos valoriza muito, está faltando os órgãos públicos terem essa visão. Fizemos inúmeras tentativas através da Associação Profissional dos Fonoaudiólogos do Estado da Bahia – APROFEB, em 1982/1983, fizemos parcerias com muitas pessoas na época, visitamos gabinetes de vice-prefeito, secretários da Saúde da Prefeitura e do Estado.

³⁶ Grupo de profissionais em Educação que organizavam eventos científicos na área.

Silvia Reis possibilitou vários contatos, e a única concretização foi na prefeitura, sendo que com muito custo conseguimos colocar o fonoaudiólogo no seu quadro de profissionais. O Estado foi e é ainda extremamente difícil. Em 1992/1993, Silvia Reis convocou os fonoaudiólogos para uma nova reunião para tratar de assunto relacionado a prefeitura, o entusiasmo voltou e reativamos a Associação. Formamos uma diretoria: Rina, Claudia Lopes, Leonora, Valéria Leal, Ignês e eu e a APROFEB foi finalmente legalizada. Nesta fase, houve um concurso público federal no Hospital das Clínicas, e entraram duas colegas: Silvia Ferrite e Renata Scarpel, mas somente a primeira assumiu.

Quando cheguei a Salvador, as Avaliações Audiológicas eram realizadas por técnicos. Sônia Veloso foi pioneira na Audiologia e depois Eliane Giusti. Os exames eletrofisiológicos não eram feitos em Salvador, então era necessário encaminhar para São Paulo. Os pais tinham que investir em passagem, hospedagem, exame, além de abdicar do seu trabalho ou usar o período de férias, porque os exames eram realizados somente durante a semana.

Rui Lobo foi pioneiro na realização dos exames auditivos eletrofisiológicos e isto foi muito importante, porque, além da redução do custo financeiro, não interrompia o trabalho fonoaudiológico e ainda diminuía a ansiedade da família. As famílias iam a cada seis meses a São Paulo, e as avaliações (Audiológicas e de Linguagem) pareciam ser a solução para todos os problemas, desqualificando, de certa forma, o atendimento local em função de um atendimento idealizado no “sul

maravilha”, com repercussões no processo terapêutico. Com os exames auditivos eletrofisiológicos sendo realizados aqui, os pais começaram a achar desnecessário ir a São Paulo somente para as avaliações de Linguagem, uma vez que estavam sendo acompanhados em Salvador.

Logo que cheguei a Salvador, a indicação de aparelho auditivo era realizada por vendedores, ou então os pacientes iam à São Paulo. A chegada de Lila a Salvador foi importante porque ela trouxe uma nova visão. Ela era professora licenciada da PUC-SP e trouxe uma proposta de trabalho diferenciado. Dr.Hélio Lessa³⁷ e muitos outros otorrinolaringologistas nos deram muito apoio encaminhando pacientes.

Dr. Rui Lobo contratou vários fonoaudiólogos, sendo que a primeira foi Silvia Ferrite; depois vieram Eliane Giusti, que se mantém até hoje invicta só em Audiologia no Hospital San Raphael; Gisele, que hoje está em Vilas do Atlântico; Silvia Helhammer, que voltou para São Paulo; Ângela Colognesi, que hoje mora em Aracaju, mas trabalhou comigo na Psiquê. Hoje temos muitos fonoaudiólogos trabalhando em Audiologia e indicação de aparelho, como Maria Cecília Pereira, Rodrigo Brayner e outros.

Até a década de 90, nós éramos ainda muito poucos fonoaudiólogos em Salvador. Em 93, tínhamos em torno de 45 fonoaudiólogos, porque as pessoas vinham, passavam um período e iam embora. A Petrobrás e o Pólo Petroquímico trouxeram e levaram embora muitos fonoaudiólogos.

³⁷ Medico Otorrinolaringologista. Professor da Faculdade de Medicina da UFBA

Com a abertura de novos cursos de formação pelo Brasil, muitos fonoaudiólogos começaram a chegar a Salvador, vindos principalmente do Nordeste e São Paulo. Já não era mais o Pólo Petroquímico que trazia, a demanda era outra. Entre outros, vieram de Pernambuco Maria da Glória Canto e Ana Maria Pimenta, que foi a responsável pela abertura de inúmeros serviços em Audiologia em Salvador.

Lembrei-me que encontrei Regina Borrelli e ela me contou que se aposentou, mas de forma diferente, por exemplo, de Eva Musa, que se aposentou pela idade avançada e por problemas de saúde. Ela assume que se aposentou da Fonoaudiologia, e acho até que seria interessante conhecer o percurso de alguém que teve começo, meio e decidiu deixar a área. Pergunto-me: “Como é se aposentar na Fonoaudiologia?”. Não consigo ver isto para mim. No momento, tenho procurado me dedicar a outras atividades, como a docência, e diminuir o trabalho em consultório, mas não vislumbro uma aposentadoria, isto nem passa pela minha cabeça. A Fonoaudiologia me capturou.

Eu era muito influenciada pelo meu pai para seguir a carreira de Administração e fiz o curso técnico de secretariado pensando na realização do sonho dele. Era inconsciente, e só pude ver isto muito tempo depois na minha análise. Ele comprava coleção de secretariado pra mim, e o seu sonho era me ver numa embaixada, trabalhando numa prefeitura, falando vários idiomas. Era uma pessoa de pouca escolaridade, assim como minha mãe, e os dois aprenderam a ler e escrever porque alguém ensinou por um mês ou dois, mas meu pai era uma pessoa culta. Ele ouvia o rádio e com o

rádio aprendeu muitas histórias. Muitas vezes tenho os livros nas mãos e vejo como é difícil aprender e ele aprendeu por ouvir, ouvir história como a que você está ouvindo agora, histórias do Brasil e do mundo. Tenho um gosto muito grande pelo rádio e acho que, de certa forma, isto me colocou na área da comunicação. Eu tive que achar algum lugar na comunicação para justificar ter saído um pouco fora daquilo que meu pai, de alguma maneira, tinha sonhado para mim. Digo: “Olha pai, o seu rádio lhe ensinou muitas coisas e isto é comunicação. A Fonoaudiologia também estuda a comunicação e, embora seja saúde, tem o aspecto da interação, da comunicação”.

Estava com 17 anos quando meu pai faleceu, faltando um ano para concluir o curso de secretariado, e eu precisei trabalhar, porque financeiramente estava muito difícil. Tinha o maior preconceito em relação à área da saúde, porque não gostava de ouvir histórias de pessoas com doença. Fui a uma firma de empregos e eles forneciam alguns dados do local do trabalho, mas identificavam apenas pelas iniciais. Não quis nem olhar e aceitei o trabalho. Quando soube que era a Clínica Dr. Pinto Duarte, eu poderia ter recusado, mas aceitei o desafio. A vida escolheu por mim. Era um internato para crianças portadoras de Paralisia Cerebral, e eu achava que iria ficar na secretaria, longe da clínica, mas isto não ocorreu trazendo, felizmente, modificações positivas na minha forma de encarar a situação. Fui para substituir uma secretária e acabei ficando também 15 dias no Setor de Eletroencefalograma, com dona Matilde Viveiros, uma pessoa muito importante para mim, que me ensinou a fazer os

eletroencefalogramas. Fui contratada para trabalhar nos dois setores. Fazia anamnese e adorava o contato com o paciente. Fiz amizade com o pessoal da Fisioterapia, me encantei com a Fisioterapia e comecei a sonhar em ser fisioterapeuta. Lá conheci a fonoaudióloga Sonia Tocantins, que veio para Salvador, devido ao trabalho do marido, um pouco antes de mim.

Fiz vestibular para Fisioterapia, com segunda opção em Fonoaudiologia, e só passei na segunda opção. Fiquei muito triste, mas resolvi cursar, pensando em mudar no próximo semestre e aproveitar as matérias básicas. Não conhecia nada da área, mas, no contato com os livros de Fonoaudiologia, me encantei com as Afasias e depois com o trabalho com Surdos. Comecei a pensar: “Nossa! Mas é isso que eu quero fazer, parece muito mais comigo”.

A Clínica Pinto Duarte me abriu as portas, e eu fui estagiária de observação desde o 2º semestre; e no 4º semestre iniciei o estágio prático supervisionado. Fátima e Marilene, coordenadoras do setor, permitiam que eu atendesse, embora fosse nova no curso. Estavam sempre estudando, nos reuníamos na hora do almoço e não havia uma distância entre elas e os estagiários.

Eu ficava o dia todo por conta da Fonoaudiologia, muitas vezes sem almoço, e as condições financeiras não eram nada boas. Minha mãe nos sustentava com um salário mínimo. Pedro, meu cunhado que já faleceu, e minha irmã Clara Fernandes nos ofereciam o suporte material de ter uma casa, um teto. Minha mãe, Alzira Morelli Fernandes, também apostou e vendeu um terreno de herança para comprar os livros do 1º

semestre e pagar o 1º semestre inteiro da faculdade. No 2º semestre, o governo surgiu com crédito educativo e no 3º semestre ofereceu também uma ajuda de custo.

Esse meu cunhado se comportava às vezes como meu pai, acho que mesmo quando meu pai ainda era vivo, e me atrapalhou um pouco. Ele tinha uma firma, me ofereceu trabalho como secretária e deve ter sido difícil para ele, porque eu segui um outro rumo. Isso não era dito, mas eu sentia na expressão dele e eu tinha muito medo dele.

Na verdade, minha mãe me deu suporte moral e de ânimo para optar pelo “pássaro voando”. A Fonoaudiologia na minha vida foi o “pássaro voando”, porque o certo era eu trabalhar com meu cunhado e seguir a carreira de administração, estava na mão. E acho que deu certo. Parece que tinha que ser, porque as coisas foram acontecendo. A Clínica Pinto Duarte começou a me remunerar no 4º semestre e passei a ter mais de um salário mínimo e carteira assinada.

Motivações pessoais me fizeram vir para Salvador. Petrópolis é uma cidade de clima frio, fechada, tradicional, um pouco depressiva, e eu queria sair e passear, pois ficava muito dentro de casa. Meu sonho era ir para o Sul estudar e me instrumentalizar melhor e depois ir para o Nordeste, talvez Norte. Pensava que trabalhar no Nordeste poderia contribuir para mudar o meu país. Um sonho que acabou se materializando.

Formei em dezembro de 1978, e até março de 1979 estava inquieta e insatisfeita. Pensava: “Quero voar, não quero ficar em Petrópolis, quero desgarrar um pouco da família e viver novas situações”.

A saída de Leonora da Clínica do Dr. Pinto Duarte em Salvador trouxe a necessidade de outra fonoaudióloga, e desta vez esta oportunidade representava o “pássaro na mão”. Havia Salvador e ir para o sul deveria ser descartado. Sentia-me insegura tanto pessoal como profissionalmente, mas aceitei o desafio e recebi todo o apoio tanto do Dr. Julio Pinto Duarte como de Sonia Tocantins.

Depois que saí da Clínica Pinto Duarte, trabalhei muitos anos basicamente com indivíduos surdos, e há 10 anos iniciei um novo caminho que considero um retorno, “saudades do desejo” de atender pessoas com comprometimento muscular. Isto tem se concretizado de uns seis/sete anos para cá e está voltado à Motricidade Orofacial.

Iniciei trabalho voluntário na Associação Brasileira de Odontologia/ Secção Bahia – ABO-BA com intenção de trabalhar com pessoas que apresentavam dor orofacial crônica. Através de Dr. Maria Rita Xavier, recebi apoio e acolhimento de vários odontólogos, tais como Dr. Antonio Nilton Leite dos Santos, Dr. Marcos, Dr. Kleber, Dr. Adrião. Lembrei-me da época do Centro Odonto-médico Itamaraty e do acolhimento de Dra. Miriam Cléa e Dr. Delcik, entre outros, e minha impressão era de que estava retomando uma aliança de interdisciplinaridade numa convivência no mesmo espaço físico. Ministrei aulas nos cursos de Especialização em Odontopediatria e Ortodontia, convidada respectivamente pela Dra. Celina Siquara e Dr. Antonio Nilton.

Em 2002, fiz um curso na UNIFACS de Clínica da Dor, o qual não tinha nenhum fonoaudiólogo no seu corpo de professores. Observei a

necessidade de especialização nesta área, porque a graduação não atende esta especificidade. Patrícia Gouveia já vinha atuando nesta área porque havia feito o Curso de Especialização do CEBEO- BA³⁸ , com Dr. João Macedo.

A demanda da ABO-BA³⁹ era de pacientes ligados à área de Ortodontia, e então convidei a fonoaudióloga Ignês para trabalhar comigo como voluntária. Tem até uma história engraçada e curiosa que aconteceu com nossa presença na ABO-BA. Quando começamos, não havia sala disponível para o nosso atendimento e então resolvemos fazer um levantamento da demanda dos pacientes, enquanto a equipe da ABO providenciava uma sala pra nós. E assim foi durante três meses, e quando eu estava quase desistindo, Dra. Maria Rita ligou informando que havia uma sala fechada disponível, mas que necessitava de uma arrumação. Além do trabalho de levantamento da demanda, nos fazíamos também o trabalho de conquista do espaço físico, indo atrás de encontrar um arquivo, mesa, cadeiras que pudéssemos levar para nossa sala. Começamos a atender os pacientes aguardando o momento da criação do Setor de Dor orofacial (o meu objetivo inicial), que só foi concretizado recentemente com a Dra. Maria Rita Xavier.

Falando de Motricidade Orofacial, não podemos esquecer o trabalho de divulgação pioneiro de Valéria Leal e Claudia Lopes, que fizeram supervisão e cursos com Irene Marchesan, uma pessoa que respeito muito pela divulgação do nosso trabalho nesta área em todo o

³⁸ Centro Baiano de Estudos Odontológicos.

³⁹ Associação Baiana de Odontologia

Brasil. Nesta minha nova fase, a Éster Bianchini e a Cláudia Felício também são referências importantes. São pessoas que vieram a Salvador com muita disponibilidade e boa vontade. Foi pelo esforço de Valéria Leal e Cláudia Lopes que foi inserido no Congresso Internacional de Odontologia da Bahia uma secção de Fonoaudiologia. Hoje somos parceiros dos odontólogos e, só para ilustrar, temos os mesmos descontos dos membros da ABO em seus eventos.

Voltando à questão do surdo, lembrei-me dos pacientes que vinham do interior periodicamente para o atendimento aqui em Salvador. Eles passavam aqui uma ou duas semanas e fazíamos o trabalho terapêutico de orientação familiar. Com a chegada de colegas no interior, como Iara em Itabuna e Magda em Vitória da Conquista, isto deixou de ocorrer com frequência.

Em 1986/87, ao conhecer Jorge, hoje meu marido, que morava em São Paulo, vivi um impasse quanto a uma possível mudança de Salvador, mas Jorge optou por ficarmos aqui, considerando, entre outros aspectos, minha estrutura profissional construída. Ele é o companheiro que sempre me apoiou na minha profissão, com demonstração de admiração e orgulho pelo nosso trabalho. O sonho dele é que uma das nossas filhas fizesse o curso de Fonoaudiologia. Acho interessante, porque ele poderia desejar que as meninas fizessem engenharia ou alguma profissão relacionada ao seu campo profissional. Acho que este apeço também está vinculado ao que a Fonoaudiologia, de maneira indireta, proporcionou a ele profissionalmente. Ele trabalhava no Pólo Petroquímico na área de

engenharia quando conheceu Rui Lobo e ficou encantado com a aparelhagem eletrônica na área da saúde. Através da fonoaudióloga, Silvia Hellmammer soube que o hospital São Rafael precisava de um técnico eletrônico para manutenção de equipamentos hospitalares, e ele se preparou, obteve a vaga e até hoje trabalha na área hospitalar.

Sempre recebi muito apoio de Jorge e de minhas filhas, Marina (18 anos) e Bianca (15 anos), e sinto-me feliz pelo orgulho que eles demonstram pelo meu trabalho.

Com o crescimento das nossas filhas e concluído o curso de Clínica de Dor em 2004, comecei a visualizar a possibilidade da carreira docente, algo que até então não havia me ocorrido, porque não me sentia preparada e também pouco disponível para o empreendimento.

Em 2005, assumi a docência no Curso de Fonoaudiologia da União Metropolitana de Educação e Cultura – UNIME, iniciando uma nova etapa profissional. Como todo início, foi difícil, voltei a ser estudante de domingo a domingo. Horas de estudo para me instrumentalizar e me disciplinar a aprender. Os estudantes demonstram necessidades, e você descobre que também são suas. A prática clínica, neste momento, faz a diferença, e parece que tudo se integra. Tenho planos de reduzir a carga horária do consultório e me dedicar mais à docência, porque como supervisora de estágio também me realizo vendo o paciente crescer. Depende do meu conhecimento a qualidade profissional do aluno, e indiretamente estou exercendo influência no processo terapêutico.

Cada dia me sinto mais envolvida com a idéia de produzir trabalho, textos, material técnico, algo que antes não entendia a dimensão e nem valorizava o que produzia. O estudante me faz entender o meu crescimento profissional.

Agradeço a Renata Scarpel (pioneira no trabalho fonoaudiológico em Cabeça e Pescoço no Hospital Aristides Maltez), pela confiança e indicação, Carla Padovani, pelo convite para trabalhar no Curso de Fonoaudiologia da UNIME, e a Gloria Canto e Rina, pelo incentivo nesta nova etapa que empreendo na Fonoaudiologia. Acho muito saudável a convivência com os colegas dentro da Faculdade e me sinto tão motivada que dou aulas o dia todo e ainda continuo o trabalho à noite, com um entusiasmo e disposição que não me julgava capaz

Carla Padovani, uma pessoa extremamente empenhada e empreendedora, tem promovido Cursos de Especialização e recentemente firmou um convênio entre a Clínica de Fonoaudiologia da UNIME e o Sistema Único de Saúde – SUS, cuja estrutura será exemplar para abertura de outras clínicas, com ganho para os alunos e para a comunidade.

Há dois anos Valéria Leal, Ana Maria Pimenta, Renata Scarpel, Renata Mathias e eu, entre outras, assumimos a diretoria da APROFEB. Gostaria de marcar que estamos precisando de fonoaudiólogos mais jovens que possam se inserir nesse trabalho. Temos uma estimativa de 400 a 500 profissionais no Estado da Bahia, mas nosso número de associados é muito pequeno, embora façamos a divulgação nas faculdades, nos cursos, etc.

Observamos, desde 1980/1981, que há sempre a necessidade de uma forte motivação para as pessoas se agregarem, ou seja, regulamentação da profissão, organização de um grande congresso, mobilização para abertura de mercado, entre outras. Pergunto-me o que mais mobilizaria as pessoas para virem para uma associação de classe e ainda não tenho respostas. É muito difícil congregar. Nossas reuniões normalmente são realizadas uma vez por mês e só aparecem os membros da diretoria.

Gostaria que a APROFEB fosse adiante, não fechasse e se tornasse uma ABO-BA no futuro, no sentido de instituição de classe de cunho científico, com uma sede própria. Meu desejo é termos uma APROFEB onde odontólogos pudessem também trabalhar como voluntários. Sinto-me muito triste com a possibilidade de não ter uma nova diretoria que leve adiante a APROFEB. Sei que, em algum momento, poderemos ter um sindicato, um conselho estadual, mas são papéis diferentes. Vejo a Associação de classe como uma instituição que promove eventos científicos, promove interdisciplinaridade, oferece acolhimento para quem está chegando na cidade. Sindicato e conselho também acolhem, mas a associação tem a possibilidade de um acolhimento mais amplo, ela possibilita que o colega venha e ministre um curso, que o colega se associe e divulgue seu trabalho através da associação.

Considero o papel da APROFEB muito importante, e por isso me candidatei à diretoria outra vez, até sem ter muita vontade, pois não havia mais tantas pessoas que quisessem continuar. Venho incentivando alunos

a pensarem nisso para que ela não termine e tenha seu espaço. Temos uma poupança modesta, que é o símbolo do nosso sonho, e não gastamos esse dinheiro, porque um dia ele vai comprar a nossa sede. A APROFEB funciona nos nossos consultórios e não temos funcionário.

Atualmente trabalho na ABO como docente da UNIME, com oito alunos em um Estágio Extra-Muros, numa excelente oportunidade de mostrar o trabalho do fonoaudiólogo para os odontólogos, promovendo a afirmação do nosso campo de conhecimento, abertura de mercado e caminhos para aperfeiçoamento na área.

A APROFEB tem participado de vários eventos, como Congresso de Otorrinolaringologia, Congresso Humanitário, promovido pela sociedade de Otorrinolaringologia através do Dr. Nilvano Andrade e Dra. Clarice Saba, Semana da Voz, Semana do Idoso, Sociedade Brasileira de Medicina do Trabalho. A APROFEB teve um papel importante na implantação dos cursos de graduação em Fonoaudiologia em Salvador. Maria Augusta⁴⁰ veio pessoalmente na reunião da associação, nos convidar para participar do processo de implantação do Curso de Fonoaudiologia da UFBA. A UNEB, através do diretor do Departamento de Ciências da Vida, Professor Jurandy, nos convidou e abriu as portas para a realização das comemorações, junto à comunidade, do dia do fonoaudiólogo, em 2005.

Várias colegas, tais como Célia Thomé, Maria da Glória Canto, Ana Maria Pimenta e Silvia Ferrite, vêm participando de atividades do Conselho Regional de Fonoaudiologia em Recife.

⁴⁰ Professora do Instituto de Ciências da Saúde. Idealizadora do curso de Fonoaudiologia da UFBA.

Olga Tanajura, assim como Lia Mara, além de pioneiras na Fonoaudiologia na Bahia, também são pioneiras no trabalho de expressividade com políticos e executivos. Quando cheguei em Salvador, participei de um Grupo de trabalho com Lia Mara no Pelourinho, na Faculdade de Medicina, e foi muito interessante. Ela era diretora de teatro e tinha um trabalho, digamos assim, voltado à estética na comunicação. Era um grupo imenso e aberto para advogado e para qualquer pessoa que tivesse interesse no tema. Ela associava trabalho corporal, estratégia de comunicação. Independente de ser fonoaudióloga, foi muito interessante porque eu conheci várias pessoas.

São inúmeros colegas, e o tempo é curto para citar e se reportar a todos na dimensão e importância que todos merecem. Trabalharam comigo no mesmo espaço físico Rina, Célia e a psicóloga Ana Cristina Rigobello, que, além do grande envolvimento pessoal e amizade, contribuíram para ampliar as reflexões quanto à postura profissional, ética, anamnese, primeira entrevista, o lugar da psicanálise, etc. Separamo-nos, fomos criando asas, agregando outros valores, fazendo outras escolhas, e cada um foi para seu consultório.

São muitas coisas a serem faladas. Agradecer aos alunos que me permitem essa realização. Nomeá-los também, eu acho até que eu conseguiria nomear todos. Vou me reportar à turma que está saindo, porque eu acho que vou ter a oportunidade de gravar até outras vezes, com as outras turmas. Esta turma vai deixar saudades. É necessário que saiam, para poder semear esse trabalho ou outro diferente, na visão renovada dos

jovens. Vão para o interior ou para outras cidades levando ajuda. Marcela e Diana, meus orientandos, João, Ricardo, Carlinha, Ana Paula, não dá pra falar todos porque o tempo é curto. A todos que são muito queridos desejo que façam parte da APROFEB em algum momento, que levem adiante seus sonhos, que façam diferente, mas façam com o sentimento da paixão.

Desejo que o fonoaudiólogo tenha uma casa profissional, uma associação que possa ter uma clínica prestando atendimento às pessoas pelo SUS, que possa promover cursos de especialização, aperfeiçoamento, extensão e acolha as pessoas que estejam chegando.

Estou entusiasmada com nossos cursos de graduação, mas o meu desejo é que não tenha cursos demais porque há perda na qualidade. Espero que haja um consenso da comunidade fonoaudiológica e dos dirigentes das faculdades quanto ao equilíbrio na oferta de cursos.

Cada profissional tem uma contribuição na vida e no mundo, na história da humanidade, e se cada um de nós trabalhar uma idéia utópica, ela deixa de ser utópica e passa a ser prática, porque é uma questão de valores. Tenho muitos motivos para acreditar nisso pela minha história de vida. Na minha época, eu teria, no máximo, chegado a ser uma professora primária, mas o desejo, a determinação em não desistir e insistir me levaram a um curso universitário, a conhecer a Europa, Estados Unidos, algo pouco visível para uma criança pobre. A possibilidade da concretização depende de inúmeros fatores, e acho que, na nossa história, digo nossa história porque é uma história familiar que inclui Jorge, Marina e

Bianca, é uma história de desejo, sonho, de arregaçar as mangas e de ir atrás.

Deixo uma mensagem para o aluno carente, o profissional que passa dificuldade, que não desista, que siga em frente, que vá atrás dos seus sonhos, que venda o seu aparelho de som, seu carro, que venda o que tem, mas busque seu sonho, porque as coisas materiais vêm depois outra vez. Se você está realizado profissionalmente, está realizado como pessoa, tudo mais vem, e o que não vir, passa.

Quando comecei a dirigir carro, sentia muito medo, mas houve um momento dirigindo na Avenida Paralela que pensei assim: “Bom, eu só tenho duas opções: desistir ou insistir”. A possibilidade de pensar em duas coisas, duas palavras da língua, me permitiu chegar a dois valores, e eu fiz minha escolha: “insistir”.

Algo que considero importante para o fonoaudiólogo é pensar que, por lidar com a linguagem, por lidar com a palavra, tem uma responsabilidade muito grande no peso do que fala e como fala. Quando nós, fonoaudiólogos, lidamos com o paciente, o como se fala e o que se fala podem significar que ele continue ou ele desista da terapia, que ele prossiga no processo de vida dele, que seja um benefício ou não. Isto significa cuidado com nossa formação no aspecto ético, acadêmico, enfim, com tudo que tenha uma visão melhor do ser humano. Estudar a técnica é importante, mas perder a dimensão do humano inviabiliza a técnica.

Não sei quem vai me assistir, quando e em que época, por isso pensei em deixar essa mensagem do insistir. Agradeço a você a

oportunidade e essa possibilidade que você está proporcionando à Fonoaudiologia da Bahia. A diretoria atual da associação tinha planos de fazer essa documentação, mas é algo extremamente trabalhoso. Parabéns pela escolha. Não sabemos o alcance deste trabalho, mas tenho certeza que seu intuito é que ele possa ser uma semente para quem vem depois, além de privilegiar outras pessoas da forma como estou me sentindo privilegiada por você agora.

Recentemente, recebi pela internet uma mensagem do fonoaudiólogo Fábio Lessa aos fonoaudiólogos da Bahia, dizendo que teríamos o destaque nacional que merecemos. Ele faz um elogio pra gente e acho que seu trabalho só vem somar e mostrar que hoje estamos tímidos, escondidos, mas que temos uma dimensão maior.

(Acréscimo solicitado pela narradora na última conferência da transcrição em junho de 2007)

“Outras situações são bastante favoráveis ao sucesso da Fonoaudiologia na Bahia. Dentre elas destaco a importância do MINTER UNIME/PUCSP para a formação de docentes e incentivo a pesquisas.

Desde maio de 2007 estamos participando das reuniões do Conselho Estadual de Saúde realizadas na Secretaria Estadual de Saúde da Bahia (SESAB) a convite do Secretário de Sude Dr. Jorge Solla. O convite foi feito na 1ª Audiência na SESAB pela solicitação da fonoaudióloga Silvia Ferrite da APROFEB. Estavam presentes Silvia Ferrite, Maria da Glória Canto representando a APROFEB e eu representando o Conselho Regional de Fonoaudiologia – 4ª região. Nossos

objetivos foram: 1. apresentar as atribuições do fonoaudiólogo e abordar a carência do profissional no serviço público estadual. 2. solicitar orientação sobre como trabalhar para a inclusão do fonoaudiólogo no serviço público do Estado da Bahia.

Destaco o evento Fonoaudiologia e Ciência promovido anualmente na UNIME por iniciativa e coordenação da fonoaudióloga Dra. Carla Padovani, coordenadora do Curso de Fonoaudiologia da UNIME, como uma oportunidade de obtenção de conhecimentos e trocas de experiências. Neste ano de 2007, houve um número expressivo de participantes destacando-se a presença de grande número de alunos e professores da Faculdade Jorge Amado”.

COMENTÁRIOS E REFLEXÕES

Como já foi dito, a escolha de Carmen das Graças Fernandes como entrevista marco zero ocorreu pelo reconhecimento de que essa profissional reunia os requisitos necessários para colaborar de forma eficiente na formação da rede para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa. Assim eu pensava ao iniciar o trabalho. Mas não foi só isso!

Quando cheguei a Salvador em 1984, carregando minhas malas, ou melhor, buscando uma terra para deitar minhas raízes reviradas, foi Carmen quem se apresentou como o jardineiro que orienta a fixação da “muda”. Recebeu-me cheia de entusiasmo, e trabalhamos juntas durante seis anos, até que, como ela mesma refere na entrevista, há um momento em que “voamos para outros campos”. Um tempo feliz e de muito

crescimento, tanto pessoal como profissional. Como não ser ela a minha referência inicial na compreensão que busquei neste trabalho?

Cheguei a esta primeira entrevista com muita ansiedade, temerosa de a gravação não dar certo, de roubarem a câmera emprestada, etc. Sem saber, eu já pressentia a importância e os efeitos do momento que se aproximava, que estaríamos participando de uma aventura comum de “gratidão pelo aprendizado na escuta e de orgulho do passado digno de recordar” (MAALOUF, 2005).

Carmen buscou organizar a narrativa orientando-se pela cronologia dos fatos relacionados à Fonoaudiologia em Salvador, como por exemplo sua chegada à cidade em 1979, destacando, no entanto, a sua fragilidade nesse momento e a necessidade de acolhimento. Nesse sentido, observo que, embora retome sempre questões institucionais, seu foco parece concentrado na oportunidade de destacar esse acolhimento recebido em vários contextos e o dever ético do reconhecimento.

Fui surpreendida pela forma como essa minha primeira colaboradora revestiu algumas situações compartilhadas de novos significados, mostrando que a memória opera em novos códigos de análise, porque não somos os mesmos de quando vivemos o lembrado (BOSI, 1999); e compreendi melhor a epígrafe que havia me impressionado ao folhear o livro de Hanna Arendt: “Todas as mágoas são suportáveis quando fazemos dela uma história ou contamos uma história a seu respeito” (Isak Dinesen)

Em relação ao exercício da Fonoaudiologia, a narrativa de Carmen é repleta de reflexões exemplares suportadas pela experiência. Podemos destacar algumas: a reciprocidade no exercício clínico, a idéia de que o conhecimento técnico e conhecimento do outro como semelhante estabelecem uma relação de cooperação no compromisso com o cuidado e nunca de disputa.

O tom que prevalece é o da gratidão, por tudo e por todos. Pela família, que Carmen tem orgulho de lembrar, e que dela se orgulha; pelos momentos difíceis que lhe deram a oportunidade de lutar; pelo acolhimento que recebeu de outros profissionais e colegas e pela contribuição que a Fonoaudiologia ofertou a sua vida e vice-versa.

SAFRA (2002) afirma que é a ação, a obra que possibilita ao ser humano que seu gesto escape da temporalidade. A memória é a possibilidade que o homem tem de se ver como ser histórico entre gerações, e sua recuperação cura a dispersão e dá sentido à vida. A gratidão ao passado nos salva do medo da morte.

A realização desta entrevista iniciou para mim o sentido do narrar como possibilidade de reconstrução do vivido, o lugar do perdão e da gratidão e a riqueza que a metodologia da história oral oferece na colheita das histórias, que, até então, só havia pressentido nos livros.

2. HISTÓRIA DE OLGA TANAJURA OU O SENTIDO DO ENTUSIASMO

Meu nome é Olga Rodrigues Lima Tanajura e hoje é cinco de maio de 2006. Meu interesse pelos problemas da voz e da fala iniciou-se

muito cedo porque eu fui disfônica desde criança. Eu tinha uma curiosidade enorme pela maneira como as pessoas falavam, adorava ver pessoas falando bem, prestava atenção e gostava de ver o timbre de voz quando era bonito.

Nós éramos oito irmãos, o mais velho fazia residência em Medicina no Rio de Janeiro e eu era a caçula. Em 1948, uma tia nos convidou para passear no Rio de Janeiro e foi um passeio maravilhoso, porque o Rio naquele tempo era uma delícia, além de ser um sonho para uma adolescente de Caetité, interior da Bahia.

Meus tios tinham filhos da minha idade e estes, muitos amigos, que me apelidaram de “rouquinha”. Devido a isto minha tia recomendou ao meu irmão que me levasse a uma consulta com otorrinolaringologista. Não me lembro nome de médico, só sei que ele fez um exame e recomendou gargarejos e nebulizações, pois naquela época não se falava, nem se pensava em tratamento de voz. Fiz durante algum tempo e depois desisti.

Fiz Escola Normal em Caetité e, apesar da disfonia, decidi lecionar. Meu pai não aprovava, mas um irmão que morava em Jequié, e era agrônomo e fiscal do Banco do Brasil, conseguiu para mim uma “Cadeira” para eu lecionar. Ele estava casado e como viajava muito eu fazia companhia à sua esposa. Foi um tempo muito animado, porque havia muitas festas na cidade e eu gostava de dançar. Dava aulas no ensino fundamental e gostava de ensinar.

Em 1954, viajei novamente ao Rio de Janeiro e fui a uma reunião social na casa de um irmão do Dr. Anísio Teixeira⁴¹, meu conterrâneo, que naquele momento era diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP. Ao saber que eu era professora, perguntou-me se eu não queria fazer um curso no INEP, o qual estava oferecendo Bolsas de Estudos para pessoas de outros Estados. Informou que havia vários cursos, inclusive trabalhos manuais, mas que conhecia a minha família e sabia que não tínhamos perfil para estes e por isto me aconselhava a fazer um curso para ensinar crianças excepcionais. Nesta época eu achava que crianças excepcionais eram crianças muito inteligentes, mas ele explicou que era exatamente o contrário, ou seja, crianças com dificuldades para aprender. Propôs que eu visitasse a Sociedade Pestalozzi do Brasil, e como eu nunca tinha visto crianças retardadas, não gostei e no dia seguinte o procurei dizendo que não queria. Ele perguntou-me quanto tempo havia passado lá e quando disse que foram duas horas, pediu que eu retornasse com uma carta de recomendação e me ofereceu uma Bolsa especial para fazer um curso. Ficaria lá uma semana e, se me adaptasse, poderia fazer o curso.

A Sociedade Pestalozzi do Brasil foi criada pela Dra. Helena Antipoff⁴², uma educadora russa, que veio para o Brasil no tempo da

⁴¹ **Anísio Spínola Teixeira (1900/1971).** Nasceu em Caetité, filho do líder local Dr. Deocleciano Pires Teixeira e D. Ana Spínola Teixeira. Formou-se em Direito, em 1923, ocupando logo o cargo de Diretor da Instrução da Bahia (que atualmente equivale a Secretário). Lutou toda a vida para levar a educação a cada um dos brasileiros. Engendrou e fundou a Universidade Nacional de Brasília – UNB, da qual foi reitor. Foi perseguido por suas idéias pela ditadura militar. Faleceu misteriosamente no Rio de Janeiro em 17 de abril de 1971.

⁴² **Helena Wladimirna Antipoff (1892/1974).** Bacharelado em Ciências na Sorbonne e Psicologia no Instituto Jean-Jacques Rousseau em Genebra, com especialização em

revolução, diziam até que era parente dos czares. Era uma pessoa extraordinária e inteligentíssima.

Após três dias, aquelas crianças tão meigas me cativaram tanto que fui ao Dr. Anísio dizer que aceitava o curso. Este curso abriu um novo mundo pra mim, tive professores maravilhosos. Acho que naquele tempo as pessoas que ministravam aulas eram mais idealistas. Lembro-me de Ofélia Boisson Cardoso⁴³, psicóloga muito conhecida no Rio de Janeiro, ministrava aulas belíssimas, onde ouvi falar, pela primeira vez, de Freud e também de Ombredane⁴⁴, um psicólogo francês que se dedicava aos problemas de linguagem. Ela nos deu noção de dislalias, dislexias e afasias.

Psicologia Educacional. Foi professora de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores - MG (1929), fundadora da Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte (1932) e professora fundadora da cadeira de Psicologia Educacional na Universidade de Minas Gerais (atual UFMG). Cria o termo "excepcional" e o primeiro teste psicológico brasileiro. Suas pesquisas trouxeram conclusões bastante interessantes, como por exemplo: relação rendimento físico e intelectual com as condições sócio-econômicas; crítica ao sistema de ensino brasileiro, atribuindo as diferenças obtidas nos testes pelas crianças brasileiras, devido ao ambiente social-cultural-escolar; propôs o conceito de "inteligência civilizada", em que considera, além das habilidades inatas, também a determinação social, econômica, cultural e pedagógica; afirmava que os testes mentais medem menos a inteligência individual da criança que suas condições de vida. Realizou trabalho semelhante àquele da Sociedade Pestalozzi, no Rio de Janeiro, o qual viria a dar base para a criação da Sociedade Pestalozzi do Brasil. Dentre várias realizações, deve-se destacar a Fazenda do Rosário, fundada em 1940, cuja finalidade era se tornar um núcleo de atendimento e pesquisa sobre crianças excepcionais.

⁴³ **Ofélia Boisson Cardoso.** Psicóloga brasileira, nascida no final do século XIX e falecida em 1994. Sua primeira obra (1944): "Ensinar a aprender", traz um conceito revolucionário para a época: falar que também se ensina alguém a aprender, e não somente se repassa conteúdo da mesma forma, para qualquer um. Em 1945 exerceu a Chefia do Serviço de Ortofrenia e Psicologia do Centro de Pesquisas Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro e, depois, chefiou a Seção de Pesquisas Pedagógico-Sociais do Serviço de Assistência a Menores do Estado do Rio de Janeiro – SAM.

⁴⁴ **André Ombredane (1898-1958).** Contratado pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil para a cátedra de Psicologia Geral e Experimental do Departamento de Filosofia, lecionando até 1944.

Conheci também Pierre Weil⁴⁵, professor de Psicologia em Belo Horizonte, autor de vários livros e atualmente budista e idealizador da Universidade Holística Internacional de Brasília – UNIPAZ.

Gostaria de acrescentar que o Dr. Anísio Teixeira, no tempo do Presidente Juscelino, criou a Universidade de Brasília e fez projetos maravilhosos, que, se não tivessem sido barrados pelo Golpe de 64, o Brasil estaria 30 anos mais avançado. Ele achava, por exemplo, que a criança tinha que ficar o dia inteiro na escola, e a Escola Parque em Salvador⁴⁶ foi uma amostra do que ele queria. Era uma maravilha, porque a criança carente passava o dia na escola e sabe-se que ela em casa não tem a mesma orientação que a escola pode oferecer.

Em 1957, após o termino de um noivado, saí de Caetité e aceitei o convite de D. Elizabeth Chaves (ex-aluna de Dra. Helena Antipoff) para trabalhar no Instituto Pestalozzi, que ela havia fundado em Salvador. Algum tempo depois, para sua decepção e de todos os pais, o Governador Antonio Balbino⁴⁷ fechou o Instituto Pestalozzi, talvez por considerar que gastar com excepcionais não valia a pena. D. Elisabeth Chaves solicitou então ao Secretario Estadual de Educação a permanência deste grupo para trabalhar em outros projetos e estudos, até

⁴⁵ **Pierre Weil (1924)** Diretor do Departamento de Pedagogia e Orientação Profissional do Serviço Nacional do Aprendizagem Comercial do Brasil de 1949 a 1958. Consultor Psico-Pedagógico do Instituto Pestalozzi do Rio do Janeiro. Foi professor de Psicologia Social, Psicologia Industrial e Psicologia Transpessoal na Universidade Federal de Belo Horizonte/MG. Consultor privado em Psicoterapia de grupo, Dinâmica de Grupo e Psicodrama. Desde 1987 é Presidente da Fundação Cidade da Paz e Reitor da Universidade Holística Internacional de Brasília (UNIPAZ).

⁴⁶ **Centro Educacional Carneiro Ribeiro**, chamado também de **Escola Parque** foi fundada em Salvador no bairro da Liberdade por Anísio Teixeira em 1950. Ali foram colocados em ação os princípios da Escola Nova, como a valorização de atividades práticas e de lazer.

⁴⁷ **Antonio Balbino** Governador da Bahia de 1955 a 1959.

que se conseguisse reabrir a escola. Os pais das crianças tiveram que procurar escolas particulares. Era um tempo em que se fazia muito teste de Q.I.

Eu continuava disfônica e alguém sugeriu que eu procurasse a Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, porque havia chegado Madame Suzete, uma professora francesa que ensinava a imitação de voz, e Ana Edler, professora de Ditação. Naquele tempo, a UFBA era uma coisa maravilhosa. A Escola de Teatro era lindíssima, tinha um belo jardim com um lago e recebia muitos atores do Rio de Janeiro, como Sérgio Cardoso, Maria Fernanda e outros. Martins Gonçalves era o diretor e fui lhe pedir para assistir as aulas de imitação de voz, mas ele informou que era necessário fazer vestibular para freqüentar o curso de interpretação. Entrei, passei um ano e meio, mas saí porque era necessário participar das peças e eu não tinha planos de me tornar atriz.

Nesta mesma época, eu já tinha alunos particulares com deficiência mental e achava que eles necessitavam falar melhor, mas não sabia como ajudá-los. Encontrei, na Escola de Teatro, o livro "*Defectos de la diccion infantil*", de Tobias Corredeira Sanches⁴⁸. Mandeí buscar um exemplar deste livro no Rio de Janeiro e com ele fui trabalhando a fala das crianças, gostando muito e deixando as mães satisfeitas porque as crianças começaram a falar melhor.

⁴⁸ Corredera Sánchez, Tobias. **Defectos en la dicción infantil**. Ed. Kapelusz: Buenos Aires. 2ªed. 1958.

Minha disfonia continuava a mesma, porque na Escola de Teatro o trabalho era imitação para pessoas normais, não para quem tinha patologia, mas mesmo assim foi importante, porque significou o começo do meu trabalho de fala com as crianças que chegavam a mim.

Em 1961, fiz um curso de três meses nos arredores de Belo Horizonte na Fazenda do Rosário de Dra. Helena Antipoff. A fazenda era uma comunidade de pessoas com deficiência mental que tinham suas casas e trabalhavam, um projeto maravilhoso. Conheci lá as psicólogas Lúcia Bentes e Ruth Pereira que tinham feito cursos no Chile e ministravam aulas de Foniatria no Instituto Brasileiro de Reeducação Motora (RJ) – IBRM.⁴⁹ Adorei suas aulas, e percebendo meu interesse elas contaram que estavam indo ao México com Bolsa de Estudos da OEA para um curso no Instituto Mexicano de *la Audicion, la Voz y el Language* e que na volta tinham como compromisso a realização de um curso no Rio de Janeiro e que gostariam de contar com a minha presença.

O Instituto Pestalozzi da Bahia foi reaberto e voltei para trabalhar no Setor de Terapia da Palavra, e foi nesta época que conheci os Voluntários da Paz, jovens voluntários americanos que em suas especialidades desenvolviam alguns trabalhos. A voluntária Sharon Levy disse que era *speech therapist* e perguntou-me se poderia me ajudar no Pestalozzi. Parece-me que no Hospital das Clínicas tinha outra voluntária que trabalhou com Lia Mara.

⁴⁹ Instituto Brasileiro de Reeducação Motora – IBRM, instituição filantrópica, sem fins lucrativos, fundada em 1955, com o objetivo de valorizar e promover a pessoa portadora de deficiência e distúrbios no desenvolvimento neuropsicomotor.

Na década 60, outras pessoas em Salvador já trabalhavam com correção de fala e voz, principalmente com crianças. Eram professoras primárias que fizeram curso no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES no Rio de Janeiro, mas que também trabalhavam com ouvintes. Lembro de Vandiva Aquino, Aldina de Souza, Alcina Lopes e, mais tarde, Sonia Veloso.

Voltando de Belo Horizonte, D. Elisabeth Chaves falou que Dr. Fernando Nova havia solicitado uma professora para trabalhar como “Foniatra” no Instituto Baiano de Reabilitação – IBR⁵⁰. Ao informá-lo que nenhuma professora estava habilitada para exercer esta atividade, ele respondeu que não havia esta especialidade na Bahia, mas que tinha muitos livros com quais se poderia aprender. Por indicação de D. Elisabeth fui trabalhar no IBR. No início fiquei um pouco assustada, mas ele me tranquilizava oferecendo livros, o Tratado de Foniatria de Renato Segre⁵¹ foi um deles, e reforçando sempre que devagar iria adquirindo experiência. Nesta ocasião, fui procurar no Rio de Janeiro o Dr. Pedro Bloch, um homem admirável, extraordinário, notável foniatra e escritor, e ele me recebeu maravilhosamente bem, foi delicadíssimo e convidou-me para assistir algumas sessões de atendimento de pessoas afásicas na ABBR. Foram 15 dias de observação, além de muita referência bibliográfica.

⁵⁰ O IBR foi fundado no dia 16 de janeiro de 1956, por um grupo de baianos, liderados por Dr. Fernando Nova, com o objetivo de atender a pacientes com disfunções motoras, através de serviços de reabilitação física e psicológica. Este trabalho visava também a reintegração social do indivíduo portador de sequelas.

⁵¹ SEGRE, Renato. **Tratado de Foniatria**. Buenos Aires:Ed. Paidós. 1955

Como fui obtendo alguns resultados, começaram a aparecer muitas crianças com problemas de fala e então aluguei uma sala para atender. Hoje o IBR foi assumido pela Fundação José Silveira⁵².

Em 1964, recebi um cartão de D. Lúcia Bentes informando a realização do “Curso de Terapia da Linguagem com Enfoque Psicopedagógico”⁵³ no Rio de Janeiro. Não fui logo no primeiro, porque tinha muitas responsabilidades no Instituto Pestalozzi, mas a necessidade de aperfeiçoamento e estudo em terapia da linguagem era tanta que em 1968 deixei tudo em Salvador e fui ser aluna novamente. Passei por uma seleção com pessoas de outros Estados e iniciei o curso, que na época era considerado de alto nível. Fiquei dois anos na casa do meu irmão, o que era uma grande oportunidade, porque eu não tinha nenhuma ajuda de custo.

Ao retornar deste curso de D. Lucia Bentes no Rio de Janeiro participei de programas de televisão, fiz palestras, reuniões com professores e também dentistas, porque, nesse curso, já havia sido introduzidas noções mais específicas de Motricidade Oral.

⁵² IBR e Fundação Jose Silveira. No decorrer de algumas décadas, o IBR trabalhou muito para os baianos, mas atravessou graves crises financeiras, chegando quase ao fechamento de suas portas. A população se mobilizou, reivindicou pela continuidade dos excelentes e únicos serviços e depois de um processo de intervenção, requerido pelo Sindisaúde, o Governo da Bahia passa o IBR para a administração da Fundação José Silveira. Atende uma média de 3 mil pacientes / mês. englobando prestação de serviços em áreas como clínica, fisioterapia, neurologia, ortopedia, pediatria, reumatologia, urologia, estimulação precoce, fonoaudiologia, hidroterapia, odontologia, psicologia, psicomotricidade, psicopedagogia, terapia ocupacional e serviço social. Além de atender através do SUS, que abrange 96% dos pacientes, o IBR dispõe de convênio com vários planos de saúde da rede privada do mercado.

⁵³ Lúcia Bentes e Ruth Pereira organizaram três cursos de Terapia da Linguagem, nos anos de 1964, 1966 e 1968. SILVEIRA, Vera Pavão. **Da Terapia da Palavra à Fonoaudiologia: Práticas Fonoaudiológicas na Cidade do Rio de Janeiro de 1963.** Dissertação de Mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. 1996. p. 61.

Fui convidada por Urânia Tourinho Peres, na época psicóloga e hoje psicanalista muito conhecida, para trabalhar na Clínica de Atendimento Psicológicos e Psiquiátricos – CLAPP, e foi ótimo porque trabalhei ao lado de psicólogas, psicomotricista, psicanalistas, etc. Deixei o IBR e fiquei somente com o Instituto Pestalozzi e os clientes particulares na CLAPP. Foi nesta época que a CLAPP acolheu os psicanalistas argentinos (Emilio Rodigué, Luiz Córdoba e Varon) que tiveram que abandonar a Argentina por problemas políticos. Eles realizaram um curso maravilhoso sobre teoria e prática da Psicanálise - eu fiz esse curso durante três anos, duas vezes por semana, e foi muito importante para o meu trabalho.

Em 1969, fiz no Rio de Janeiro um curso na Rádio do Ministério da Educação ministrado por Maria da Glória Beuttenmüller, que já era famosa. Nesta ocasião, Glorinha me recomendou cuidar da minha voz e eu fui procurar Dona Ester Leão, uma professora muito famosa e antiga de imitação de voz no Rio de Janeiro, mas infelizmente ela se encontrava impossibilitada numa cadeira de rodas e indicou a professora Lília Nunes, que tinha feito um curso na Alemanha e também trabalhava com imitação de voz há muito tempo no Rio de Janeiro. Ela também não pode me assistir e indicou Solange Thiers da Silva, com quem fiz a reeducação da minha voz, ficando com uma voz muito melhor, que nem se comparava com a que eu tinha antigamente.

Em 1970, a psicanalista Urânia Tourinho fez um estágio no Centro de Medicina e Reabilitação no Estoril, em Portugal, e me contou

que lá tinha um curso superior de Terapia da Palavra, me sugerindo a possibilidade de fazer um estágio lá. Escrevi à minha colega Arlete Farad em Belo Horizonte sobre o assunto e, por incrível coincidência, ela me respondeu dizendo que Dr. Santana Carlos, diretor clínico do Centro de Medicina e Reabilitação do Estoril, chegaria à cidade e ela iria comunicá-lhe esta vontade. Ele foi muito receptivo e ofereceu estágio e hospedagem na ala do Hospital que recebia os estrangeiros, e Arlete e eu passamos seis meses em Portugal. Tivemos a oportunidade de conhecer muito sobre o trabalho com afasia, porque, devido à guerra com Angola, era para este Centro que eram enviados os feridos.

Também fiz estágio no Hospital Santa Maria em Lisboa e seu diretor era o professor Carlos Larroudé Gomes⁵⁴. Eu o conheci no meu curso no Rio de Janeiro e tive o privilégio de vê-lo em Lisboa ensinando algumas terapeutas da palavra a trabalhar com indivíduos laringectomizados. Foi uma noção rápida, mas ajudou a aceitar alguns encaminhamentos.

Em Portugal, as fonoaudiólogas eram chamadas Terapeutas da Palavra e as primeiras fizeram formação na Inglaterra. Este Centro de Medicina e Reabilitação era um serviço fora da realidade de Portugal, parecia que você estava na Suíça. As instalações eram excelentes e tudo era maravilhoso, foi um tempo muito bom. Era a época da ditadura e no ano seguinte à minha volta eles tiveram uma revolução.

⁵⁴ Professor Carlos Larroudé Gomes, otorrinolaringologista e pesquisador português.

Eu e Arlete passeamos muito pela Europa, porque era fácil tomar um trem e chegar à Madri, Paris. Fomos à Inglaterra de avião com um casal de brasileiros que tinham um centro de Paralisia Cerebral em Brasília.

Lembrei-me que Dr. Cortizo, médico em Salvador, encaminhou-me um senhor com laringectomia total, surdez e catarata e eu lhe disse que, antes de atendê-lo, iria ao Rio de Janeiro procurar uma supervisão. Recebi supervisão de Verena Bernini, uma argentina que trabalhava muito bem com laringectomizados e na volta aceitei o caso. Foi um caso extraordinário, porque esse homem estava perdido completamente, estava sem fala, tinha sido abandonado pela mulher e chorava muito. Consegui que ele falasse o /pá/, e ele sentiu uma emoção extraordinária e conseguiu adquirir uma fala que, considerando as circunstâncias do seu caso, pode-se dizer ótima. Um amigo disse que ele só estava com um defeito: conversando demais.

Quando voltei de Portugal, encontrei as fonoaudiólogas Maria Amália Penedo e Laís Pereira trabalhando também na CLAPP.

Em 1975, os otorrinolaringologistas Dr. Hélio Lessa, Dr. Cortizo e Dr. Antonio Borja nos convidaram para fazer umas palestras no auditório da Ordem dos Advogados da Bahia (OAB) e este paciente com laringectomia se ofereceu para falar do seu caso e foi ótimo. Ele falou muito bem e disse que eu tinha restituído não só a voz dele, mas também a vida, porque ele, que já era aposentado, conseguiu até um novo contrato para trabalhar e se casou novamente. Alguns anos depois, numa

reunião da APROFEB. encontrei uma psicóloga que tinha ido a este evento e ela me falou da emoção extraordinária que tinha sentido ao assistir este depoimento.

Na década de 70, Leonora Bastos da Silva já tinha chegado e outras também do Rio e São Paulo foram chegando.

Em 1978, ano em que conclui o Curso de Pedagogia na Universidade Católica do Salvador – UCSAL, recebi uma carta de Lea Latari⁵⁵ convidando-me para fazer parte do 1º Congresso de Fonoaudiologia e Educação promovido pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio de Janeiro. Foram seis dias de debates sobre a situação da Fonoaudiologia e a elaboração de um documento síntese das suas diretrizes profissionais. Lembro-me que os destaques foram os foniatras Dr. Pedro Bloch, do Rio de Janeiro, e Dr. Mauro Spinelli e Dr. Alfredo Tabith, de São Paulo, entre outros, porque antes eram eles que cuidavam da voz, não havia fonoaudiólogos. Eles se especializaram fora do Brasil e deram muita força à Fonoaudiologia.

Este congresso foi presidido por Edmée Brandi de Souza Melo com a participação de muitos fonoaudiólogos, como Abigail Caracik, uma pessoa muito dinâmica com um trabalho maravilhoso no Rio de Janeiro, que me sugeriu formar um grupo de fonoaudiólogos na Bahia.

No curso de Teoria e Prática em Psicanálise da CLAPP, encontrei a colega Leonora Bastos da Silva e juntas decidimos reunir e organizar os fonoaudiólogos na Bahia, isto aconteceu em maio de 1980.

⁵⁵Pioneira no trabalho de recuperação de pessoas com Afasia no Rio de Janeiro.

Publicamos um edital no jornal local “A Tarde” convidando todo o pessoal que trabalhava na área. Várias pessoas compareceram, inclusive diretoras de clínicas, diretoras de escolas. Lembro-me de Silvia Santos Reis, Aidil Prazeres, Lia Mara e Haydee Holander (uma fonoaudióloga de São Paulo, já trabalhava em consultório há anos) e outras que não me lembro. Foi ótimo, mas não entendo o porquê de não termos guardado esta primeira ata. As reuniões aconteciam na clínica que Leonora e muitas colegas que estavam chegando começaram a participar como Carmem Fernandes (me substituiu na Escola Baiana de Medicina), Angela Colonesi, Assunção, Maria Regina Granjeiro, Cid e muitos outros fonoaudiólogos que eu gostaria lembrar o nome de cada um.

Começamos a receber muita correspondência de Brasília, através de Maria Nólí, que trabalhava pela oficialização da profissão. Silvia Reis foi a várias reuniões em São Paulo e Brasília.

A APROFEB (Associação Profissional dos Fonoaudiólogos do Estado da Bahia) obteve seu registro em 1994, mas desde 1980 participava ativamente fazendo muitas reuniões, trazendo fonoaudiólogos do Sul para ministrar cursos: Irene Marchesan, Beatriz Padovan, Maria da Glória Beutermuller entre outras.

Em 1981, promovi na CLAPP um curso para professores, que necessitavam informações sobre questões da linguagem. Participaram 15 escolas particulares e elas gostaram muito, porque eu dei noções das patologias da fala, e elas se sentiram apoiadas no trabalho.

Durante seis anos ministrei a disciplina Noções de Fononiatría para os cursos de Terapia Ocupacional e Fisioterapia na Faculdade Bahiana de Medicina.

Continuei trabalhando na CLAPP e depois que conheci a Europa me deslumbrei (porque antes eu só conhecia Buenos Aires e Montevideú) e meu ideal tornou-se trabalhar para me manter e viajar para o Exterior. Conheci “meio mundo” (risos) e foram viagens maravilhosas e inesquecíveis. Fui também a muitos congressos da área: no Ceará, no Recife, no Rio de Janeiro, São Paulo etc.

Em 1997 tivemos em Salvador um Curso de Especialização em Voz do CEFAC, ministrado por Silvia Pinho e coordenado por Valéria Leal e Janaina Pimenta, que foi muito importante para mim, porque significou uma reciclagem, onde aprendi muitas coisas novas.

Depois de 16 anos trabalhando na CLAPP, fui para o meu consultório, onde trabalho até hoje.

Para encerrar gostaria de dizer às novas turmas que devemos sempre seguir nossos ideais, não desistir diante das dificuldades e aceitar os desafios como estímulos para ir adiante. Eu sou apaixonada pelo que faço, foi algo que fui fazendo e obtendo sucesso e ficando cada vez mais encantada, buscando aprender e indo para o Rio de Janeiro, São Paulo, enfim, todos os lugares que me possibilitassem meios para crescer mais.

COMENTÁRIOS E REFLEXÕES

Olga foi a terceira entrevista que realizei, e a segunda das quais estou tratando neste trabalho. O contato com esta colaboradora foi fácil,

porque nos relacionamos desde que cheguei a Salvador. Ela também tem responsabilidades na fixação das minhas raízes nessa cidade e foi importante para o meu processo de eleger como área de interesse e estudo o trabalho com pessoas afásicas.

Algumas semanas após nosso contato, Olga me procurou, muito preocupada com sua participação, porque não tinha muitos documentos e achava que isso poderia comprometer a fidedignidade de seu depoimento. Observei que, apesar de ter lhe explicado a dinâmica da entrevista, ela se angustiava porque portava um conceito de História tradicional, como um retrato de um acontecimento, como verdade única, que precisava ser “registrada em cartório”. Esclareci suas dúvidas explicando que o seu depoimento iria compor/ fazer a História da Fonoaudiologia em Salvador e que o importante era que ela pudesse compartilhar a evocação das suas experiências vividas na área, porque precisamos conhecer nossas raízes, para poder pensar no futuro. Ela se acalmou e marcamos a entrevista.

Olga preparou o nosso encontro no seu consultório com muito cuidado e reverência. Recebeu-me com a cerimônia de alguém que prepara um acontecimento para o futuro. Ajudou-me no melhor posicionamento da câmera, trouxe fotos, certificados e teve, ainda, a delicadeza de me servir, após a entrevista, um pequeno lanche.

A entrevista iniciou com certa ansiedade e preocupação com algumas anotações, mas suas rebeldes recordações desafiaram o *script* que ela havia planejado. Em alguns momentos, ela manifestava

preocupação com essa autonomia das lembranças, supondo que sua narrativa estava confusa. Não era isso que eu observava.

Olga iniciou sua narrativa trazendo uma lembrança da adolescência como fundamento para sua opção pela Fonoaudiologia, sendo que a sucessão das suas experiências pessoais e profissionais é marcada pelo tom do entusiasmo. As memórias de lugares, acontecimentos e pessoas nos oferecem imagens de uma saudade que não tem a marca do perdido, mas do conquistado, do vivido plenamente: Rio de Janeiro da década de 40/50; as festas na cidade do interior onde lecionava; o encontro com o Professor Anísio Teixeira, a mudança de perspectiva e vida na sua visita à Sociedade Pestalozzi, as instalações da Faculdade de Teatro da UFBA, seus cursos e professores, sua determinação em aprender, conhecer, a descoberta de que seu trabalho mudava a vida das pessoas, as viagens, o curso do CEFAC e todas as coincidências que deram rumos a sua vida.

Contou com entusiasmo sua trajetória na construção de um saber entre a prática e as possibilidades teóricas, um fazer intuitivo que buscava ser compreendido, porque estava comprometido com o outro.

Os desdobramentos dessa nossa aventura comum têm sido interessantes. Temos compartilhado experiências sobre o trabalho fonoaudiológico cujos temas são as relações memória/linguagem e o idoso. Olga me contou recentemente seu projeto de investir nessa área, porque seu consultório fica na Barra, um bairro com muitos idosos. Sempre criando, buscando, e com muito entusiasmo.

Sobre entusiasmo, sua etimologia vem de duas palavras gregas “En” e “Theos”, significando “preenchido de Deus”. A pessoa entusiasmada, segundo os gregos, era aquela possuída por um dos seus deuses e, por causa disso, poderia transformar a natureza e fazer as coisas acontecerem. O entusiasmo é diferente de otimismo, porque significa mais do que acreditar que vai dar certo, significa acreditar que possui a capacidade de transformar, de fazer dar certo. O entusiasmo inspira confiança, neutraliza o egoísmo e reforça o desejo de prosseguir frente às dificuldades.

3. HISTÓRIA DE LIA MARA OU O SENTIDO DA COSMOVISÃO (do Humano?)

Hoje é 23 de julho de 2006. Meu nome é Lia Mara para a Imprensa, mas de batismo é Eliete Leal de Araújo. Dizem que quando se fica velho ou se fica sábio ou se fica chato, e contar minha vida me parece história da carochinha, porque estou sempre olhando para frente. Há uma Mãe de Santo que diz: “Se Deus não quis botar os olhos nas costas, se o pé não vira pra trás e muito menos o pescoço é porque a gente não tem que ficar olhando para trás”.

Eu estou sempre caminhando para frente, ainda mais agora com 74 anos. É meio complicado lembrar minha relação inicial com a Fonoaudiologia, mas eu vou tentar. Lembro-me que, quando criança, pegava tampas de caixa de talco ligava um fio entre elas e ficava falando. Todo mundo dava risada e descobri que era porque eu era gaga. Não

achei graça nenhuma porque, uma vez reconhecido o meu problema, todo mundo começou a me dar conselhos: “faça assim, faça assado, respire fundo”, e ainda tinha uma pessoa da minha família que pegava uma colher de pau e batia na minha cabeça. E eu pensava: “o que é que há de errado se uns achavam graça e outros querem que eu não faça isso?”. Na escola, eu dizia “p p p p”, e como não saía “presente”, preferia passar por burra do que por gaga. Chamavam-me e eu ficava calada, fazendo que estava distraída e agravando mais a situação.

Tornei-me professora de dicção na Escola de Teatro porque descobri que, ao falar como eu mesma, gaguejava, mas, quando pegava um personagem, isto não acontecia. Descobri que se o problema não estava na fala, deveria estar em mim. Foi uma grande descoberta poder administrar isso e não controlar, porque eu passei toda minha juventude controlando e isso me dava um enorme desgaste emocional. É por isto que entendo o problema dos outros, entro em empatia e, quando alguém me procura, faço tudo para tirar e não para botar pecado e culpa na história.

Através destas aulas fui convidada para ministrar aulas de respiração na Escola de Surdos Wilson Lins⁵⁶. Logo ao chegar, me ocorreu que não estava trabalhando com surdos, mas com pessoas, crianças. Pensava: “vou trabalhar com a voz ou com a pessoa?”. Brincava muito com as crianças e, quando elas já estavam exaustas, eu

⁵⁶ A Escola Estadual Wilson Lins, especializada em surdos desde 1959, desempenha trabalho com os surdos, atendendo 196 alunos da 1ª à 4ª séries, que estudam Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e freqüentam o ensino fundamental. O principal objetivo é a escolarização, mas também são oferecidos cursos de Libras para os pais, voluntários e a comunidade de Ondina, o bairro onde se localiza a escola.

pegava a mangueira do jardim, jogávamos água um no outro e a aula começava relaxada. Eles perdiam toda aquela agressividade e eu ficava próxima deles, eles não me temiam. Naquele tempo, era uma porção de séries juntas, e eu trabalhava buscando ajudá-los a sentir com as mãos o ar saindo pela boca e o próprio corpo. Era muito gratificante.

O reconhecimento por este trabalho fez com que “Irmão Dubois”, o diretor do Instituto de Psicologia da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, me procurasse para trabalhar com problemas de linguagem e também para participar de um curso específico que seria oferecido por uma fonoaudióloga norte-americana integrante dos Voluntários da Paz (Peace Corps/ Corpos da Paz)⁵⁷, chamada “Carol Perry”. Este encontro no Instituto foi uma delícia, porque todas as interrogações que eu tinha foram sendo respondidas em parte, e me tornou mais segura no que vinha trabalhando. Foi um deslumbramento, porque a professora, por sorte minha e azar dela, era também gaga. Ela administrava a gagueira e eu também lhe ajudava, porque, quando ela estava num clima confortável, não gaguejava. Como eu tinha pegado o personagem Lia Mara, estava ótima e não gaguejava. Talvez agora esteja desconfiando o porquê de não gaguejar mais, talvez seja porque peguei uma “sub personalidade” minha.

Eu também era jornalista, não tinha dificuldades na escrita, e como era tagarela ia atropelando tudo, mas dava um jeito. Nós fizemos uma relação muito boa e conseguimos fazer um grupo aqui na Bahia. Ela

⁵⁷ **CORPOS DA PAZ (Voluntários da Paz – Peace Corps)** foram criados no início do governo Kennedy com o objetivo de enviar voluntários para servir por dois anos em projetos de assistência técnica e comunitária nos países do Terceiro Mundo.

dava as aulas teóricas, e as partes mais científicas nós íamos para o Hospital das Clínicas e a nossa formação ficou no Instituto de Psicologia e no Hospital das Clínicas. Ela tinha um programa de curso e fazia umas provas terríficas. Eu me insurgia contra aquelas provas, brigava com ela porque tinha que escrever tudo e achava que não precisava tanta metodologia. Fizemos juntas a tradução de uma monografia sobre laringectomizados – “Sua Nova voz” - e fui cuidar destes pacientes sob sua supervisão.

Eu tenho três volumes de atividades que realizei sobre fala. Disse que iria jogar tudo fora quando me aposentasse da Faculdade de Teatro, porque toda hora me pediam esse currículo para provar minhas atividades, mas, como a sociedade não permite que a gente viva sem provas, eles devem estar guardados, só preciso procurá-los. Diria que eles são de mil novecentos e lá vai fumaça, porque minha memória é esfumaçante.

Lembrar Carol Perry me emocionou porque ela me deu um bastão e disse que eu tinha que desenvolver a Fonoaudiologia no Brasil, o que era uma responsabilidade muito grande, principalmente porque eu estava envolvida nas atividades do teatro e não podia assumir isto. Estava encenando como atriz a “A Casa de Bernarda Alba”, de Garcia Lorca (Autor Espanhol, 1898 – 1936), e era professora de teatro. Eu não queria sofrer, porque, cada vez que ia tratar de criança com problemas, entrava em empatia e queria solucionar a vida de todo mundo.

Iniciei os primeiros atendimentos supervisionados por Carol e fui para os EUA por causa da monografia que tínhamos traduzido sobre laringectomizados. Lá usavam a Laringe artificial e eu usei técnicas para voz esofágica (refrigerante para dar arroto) e brinquei um pouco com o “meu paciente”. Acho que não se deve dizer paciente, mas interlocutor, porque paciente traz uma posição passiva, e eu não gosto. Quando terminou a sessão, ele já estava fazendo as vogais. Antes eu tinha me preocupado em saber um pouco da história de vida dele para estabelecermos um vínculo, naturalizar a situação e diminuir o impacto daquela laringe artificial que se constituía numa sentença. Uma outra supervisora disse que, além de eu ser criativa ao usar as técnicas, me colocava muito próxima do cliente. Não que eu ficasse vestindo a pele dele, mas eu compreendia a história de vida dele, porque também já tinha vivido uma história de dificuldade de comunicação muito grande. Sabia o que é querer falar e não poder. Pode ser disfonia, ou se é sei lá o quê, mas, de qualquer maneira, o encontro com o outro é importante para ser aceito socialmente.

Comecei a gostar da Fonoaudiologia, mas isso significava largar meu teatrinho, que me gratificava muito. Naquele tempo, eu era um pouco vaidosa, não sei se ainda sou, mas eu sei que me identifiquei muito com disfonia. Engraçado é que eu era gaga, mas me identifiquei muito com disfonia.

A voz pra mim é a alma da pessoa, é o alto-falante. Penso que quando a pessoa tranca a garganta é porque ela já “engoliu muito sapo”.

Acredito que temos que trabalhar tocando a pessoa por dentro, não só querendo a performance de uma voz impostada ("miniminiminimi")⁵⁸, porque, quando ela estiver numa situação fronteiriça, voltaria tudo. Procurei sempre o acompanhamento de terapeutas emocionais e foi uma parceria foi muito boa, porque, enquanto eles cuidavam da emoção, eu pegava aquele vértice de emoção e com ele podia se resolver o problema. Nós nos divertimos muito porque aprendíamos muito com o cliente e também éramos muito rigorosas com resultados, sem sermos ansiosas. Havia disciplina em relação aos resultados e o tempo necessário para atingi-lo.

Fui cuidando de disfonia e busquei aprender mais coisa. Fiz muitos cursos para trabalhar o corpo, considerando o impulso do corpo para soltar impulso de voz. Estudei expressão corporal e karatê para aprender a jogar agressividade, associando impulso e velocidade para tirar o som de dentro do corpo. Se ele podia soltar quanto tinha impulso externo, ele poderia soltar se soubesse colocar e abrir a laringe. Colocava a voz tecnicamente soltando a laringe somaticamente, partindo também do emocional. Procurei capoeira também, porque ela tem uma coisa de recuo, de avanço, de prestar atenção.

Estudava o que vinha na cabeça, o que me parecia relacionado com a fala, embora aparentemente não tivesse. Lembro-me que, naquele tempo, nem sei em que ano foi, tinha uma revolução no pedaço e eu estava na Escola de Teatro, e as pessoas não podiam dizer o que

⁵⁸ Lia Mara faz referência a um exercício técnico para o trabalho com Voz.

sentiam, um desconforto entre o que pensavam e diziam, e aí eu parti muito para expressão corporal. As pessoas faziam gestos e inventavam língua. Eu não tentava fazer sons, tentava liberar sons. Era diferente porque dava mais autenticidade, mais organicidade à fala quando eles tivessem na vida, no dia a dia. Eu usei muito trabalho com expressão corporal e foi daí que veio toda a minha intimidade com o corpo.

Convidei para vir ao Brasil o Serge Peyrot⁵⁹, que fazia algo baseado em Mèzières.⁶⁰ Fiquei 280 horas com ele para entender a questão do prejuízo corporal. Fiz também três anos de Tai Chi Chuan, onde se colocava a energia, mas também havia um equilíbrio interno. O trânsito interno dependia muito de uma liberdade interna, e quando engarrafava o trânsito no órgão de crise que ficava na garganta, você também podia liberar o som pelo trabalho de corpo. Já tinha feito também Yoga, mas achei que o Tai Chi Chuan juntava a Yoga com movimento e abria muito o peito naqueles exercícios que entravam em sintonia com animais.

Fiz o curso de três anos do “Trauma tem cura”, com Peter Levine⁶¹, aqui em Salvador. Ele falava sobre o trauma que deixa no corpo

⁵⁹ Serge PEYROT. Fisioterapeuta francês que fez formação com Françoise MÉZIÈRES, em busca de uma compreensão global do equilíbrio postural do ser humano. Disponível em: <<http://www.abtm.com.br>> Acesso em 17/05/07

⁶⁰ Françoise MÉZIÈRES (1909-1991). Fisioterapeuta francesa que desenvolveu um método de reeducação postural. Disponível em: <http://www.wgate.com.br/conteudo/medicinaesaude/fisioterapia/cinesio/metodo_mezi eres.htm> acesso em 15/05/07

⁶¹ Peter LEVINE. Responsável pela origem e desenvolvimento do Somatic Experiencing® (Experiência Somática®). Doutor em Biofísica Médica e Psicologia. Durante seus 35 anos de estudos em estresse e trauma contribuiu com uma variedade de publicações científicas e médicas. Foi consultor da NASA durante o desenvolvimento do Space Shuttle e ensinou em hospitais e clínicas de dor nos U.S.A. e na Europa.

o rastro e que quando você trabalha o sensorial pode limpar aquela cicatriz e liberar não pela re-encenação da história, mas por uma reorganização corporal que está no emocional. Isto tudo era uma procura minha para, em menos tempo possível, respeitando o indivíduo, fazer com que ele se libertasse da escravidão, da gaiola que vivia, de se sentir preso na comunicação com o outro.

Eu sou mais pela voz do que pelas palavras e fazia diagnóstico da voz, mesmo sem ter esses aparelhos todos. Sentia quando uma pessoa estava falando a verdade e quando estava fazendo uma voz postiça. Havia muito locutor de rádio que falava todo impostado, mas no dia a dia era fanhoso e isto era uma salada vocal. Onde estava o indivíduo dentro dessa salada é que era a minha preocupação maior. Conhecendo este repertório, ele poderia fazer a voz que quisesse e não se prejudicava somatizando uma doença. Ficava consciente que podia fazer voz lá em cima, podia fazer voz lá em baixo, podia fazer voz média, podia fazer o que quisesse sem trancar a garganta. O meu problema era liberar a área da garganta, mas se ele estivesse desajustado, ia procurar outro órgão de crise, e então eu entrava com apoio psicológico.

Hoje não trabalho mais com patologia e sim com a comunicação como um todo: a linguagem falada, escrita, cinema, teatro, quando uma pessoa quer fazer uma palestra, uma conferência. Para vocês que estão aí tomando o bastão, acho interessante trabalharem com a infância, porque é aí que começa a inibição de fala.

Estou falando como Gato Mestre e eu não gosto de ficar dando conselho, só porque eu sou mais velha. Minha avó dizia que água e conselho só se dá a quem pede, mas acho que o currículo de Fonoaudiologia precisava mudar um pouco e incluir muita Psicologia e Antropologia, além de procurar pessoas que tivessem solidariedade com o próximo, porque têm pessoas que estão lá com outros objetivos de vida e podem até ter sucesso em outras áreas, posar para revista de moda, tudo isso, mas para ser fonoaudióloga tem que realmente curtir uma de estudar muito.

O mundo muda toda hora, as pessoas estão com novos problemas, novos medos e novas infâncias. Hoje é necessário preparar o pessoal que está chegando, na creche, se possível. Quando a criança começa a engatinhar, andar e cair, ninguém acha ruim; agora, quando começa a falar e gagueja, logo é rotulada de gago ou então surdo-mudo. O surdo-mudo libera som, inclusive nesta escola Wilson Lins nós até fizemos um showzinho, onde eles sentiam a vibração pelos pés, dançavam, emitiam som, e se sentiam ótimos, porque faziam também uma leitura da face das pessoas, não só dos fonemas, mas das expressões emocionais. Desde aquele tempo, eu já pensava assim e agora que o bastão já está passado a mil pessoas a preocupação maior é quem se recruta para ser fonoaudiólogo. Atualmente, eu tenho visto na área da saúde, principalmente os médicos, uma preocupação mais com o computador do que com o que o paciente sente. Você faz uma série de exames de laboratório, que muitas vezes nem são lidos direito, e você fica

passando de um lado pra outro, apavorado e emocionalmente se arrebitado. Quem não está doente, acaba ficando.

Hoje estamos numa fase belíssima, as pessoas se interessando pela Fonoaudiologia, sobretudo aqui na Bahia. Fico encantada, porque há pessoas competentíssimas e confio nessa juventude e aspiro que a história tenha um bom final ou que não tenha final nenhum, sejam reticências.

No Instituto de Psicologia da Católica, atendia pessoas com problemas de comunicação em grupo e individual. Se a pessoa tinha muita dificuldade de entrar em qualquer grupo, o suporte era individual porque não ia ser violentado. Pessoas que procuram ajuda por problema de inibição tem muito medo de julgamento, e o pior julgamento é o dele mesmo sobre si mesmo. Ele fica pensando sempre que está aquém do nível de expectativa do outro e pinta o interlocutor como algoz e entra na situação de fala como se fosse para a guilhotina. Às vezes, ele estuda 500 livros e na hora dá um branco. Eu acho que o maior órgão da fala é o cérebro. Ele pode organizar a imaginação, como se faz com o ator.

Por exemplo, quando eu falei da Carol Perry me veio a idéia da passagem do bastão e isto me emocionou. Se eu fosse trabalhar um ator em cima disso, eu realmente usaria a memória afetiva e ele entraria nessa faixa emocional que eu entrei e daria a fala certa. Se eu tiver trabalhando com uma pessoa com inibição de fala e “pintar” uma platéia horrorosa, ele naturalmente não dirá uma palavra, então começamos a trabalhar com ele comendo pelas bordas, dando mais gratificação e

recursos para que ele possa imaginar a platéia, entrar na imaginação, dar suporte para só depois ele ir para o grupo. Em geral, eu trabalho no grupo de sete depois reduzo para grupo de quatro.

Carol Perry voltou para os EUA, mas veio outra pessoa depois dela⁶². Eu não me lembro quantas pessoas fizeram parte desse primeiro curso, porque houve depois uma triagem. Tenho a impressão que Carol olhava muito a personalidade e considero que no que a gente faz precisa ter muita doação, tem que estar disponível.

Tenho muita esperança de que as pessoas aprendam a falar e, sobretudo, aprendam a ouvir, porque senão, no Brasil, não teremos formação de massa crítica. Nós estamos precisando muito de percepção de mundo, e penso que nossa missão é de responsabilidade cívica. As pessoas estão girando muito em torno do individual, a relação com o computador, a relação com a fantasia do outro. O espaço pessoal está ficando muito entre quatro paredes, e a gente esquece que, enquanto uma pessoa passa fome, o mundo todo corre perigo. Está na hora de a gente mudar a cabeça e lembrar que precisamos de uma coisa chamada SO-LI-DA-RI-E-DA-DE. Acho que Fonoaudiologia sem filosofia de vida não vai para lugar nenhum.

A disciplina que eu ministrava na Escola de Teatro era Expressão de Voz, e como era eletiva, acabavam as vagas e os alunos se inscreviam como ouvintes, e minha aula ficava cheia de ouvintes, virava comício. Entrava a moça que vendia goiaba na porta, o menino do

⁶² Depois de Carol Perry chegou a Salvador Sharon Levy, referida também por Olga Tanajura.

cafezinho e virava teatrão, mas tudo baseado na aceitação da voz do outro, no ritmo do outro, na pulsação do outro, sempre permissividade e liberdade de deixar o outro ser o quiser ser. A mulher que vendia goiaba não se sentia mal porque era incorporada a todo mundo, era compromisso do grupo receber o outro. Se na vida você recebe todo mundo, por que na aula não recebe? Foi daí que partiu muito desse tipo de trabalho que eu dou para leigo. Quando as pessoas chegam aqui, para trabalhar a voz, eu faço uma entrevista para ver se estão preparados para freqüentar o grupo. Não procuro saber muita coisa sobre social e o político, eu só peço que venha para a aula vestido de maneira simples para que possa fazer movimento de corpo. No primeiro momento, deixo que uns falem com os outros para fazer um vínculo entre eles e deslocar um pouco o comando. As pessoas ficam livres para dizerem o nome, a história, até inventar, se quiserem. O sujeito pode falar, gritar, dizer besteira, porque ninguém exige dele. O curso acontece duas vezes por semana durante dois meses. No final, eles podem fazer uma palestra, uma conferência, uma roda de samba, uma música ou ficar só na platéia. É um espaço livre para ninguém se sentir ameaçado.

Eu nunca dei nota e, graças a Deus, na minha matéria, não tinha que fazer avaliação, porque, como é que se avalia alguém que entrou pequeno e sai grande e outra que entrou grande e sai maior ainda? Eu não gosto de pré-requisito; entra todo mundo, porque estão todos ali para aprender e ter confiança de que não vão ser ridicularizados, porque eu acho que o maior medo de quem quer se comunicar é o medo do ridículo.

Esse espaço onde trabalho foi construído com meu salário da Escola de Teatro. Eu idealizava ter um espaço de liberação de fala que não incomodasse ninguém e nem fosse incomodado. Hoje eu atendo a empresas, pessoas que têm necessidade de fazer chefia, mas tem pavor de se comunicar com o outro. Há muitas pessoas dizendo o que fazer, mas não dizem como, e o indivíduo fica com uma responsabilidade enorme de ser sociável. Há um medo infantil de dar entrevista, que acaba sendo dada por quem não pode dar, provocando um mal entendido para a empresa. Embora a pessoa saiba o que fazer, ele deve saber como fazer.

Esta entrevista mexeu comigo, me fazendo procurar minha vida. Você sabe que não sei quanto tempo eu tenho de aposentada. Como meu cérebro não “deleta” coisa boas e coisas ruins, eu “deletei” foi tudo. Fiquei só com o necessário para minha profissão, e de vez em quando me lembro das vitórias e fracassos. Quando você me pediu, ainda tentei procurar, mas ganhei uma sinusite e então preferi dar uma parada, porque vi que meu inconsciente ainda não está preparado pra encarar, mas eu vou saber, porque agora eu vou ter que procurar meus certificados. Estou satisfeita porque eu vi que acertei um pouquinho

Teve uma história que eu ia me esquecendo. Meu irmão era diretor da Rádio Excelsior e fazia um programa de auditório, e, quando eu quis provar que não era gaga, aproveitei que ele viajou e não tinha com quem deixar o programa e fui fazer o programa e me diverti muito. Lembro-me que a área perto da Radio Excelsior era barra pesada. Tinha

um cara chamado Aviãozinho que era ladrão e entrou no programa. Foi ótimo, porque eu vi que não era gaga mesmo.

Depois, veja quantos pecados eu já tive, fui ser cronista social. Achava gozado as pessoas se vestirem toda e ficarem sempre dando risada. Só saía retrato de quem ria e de quem era poderoso. Queria saber qual era o milagre que ninguém se chateava e vi que era muito artificialismo, são só bons atores. Nem sempre o que parece é o real. Mas foi bom porque também havia gente boa. Eu não culpo ninguém, porque, para mim, todo mundo faz o que quer, mas eu não queria ter aquela vida de passar horas fazendo maquilagem, horas fazendo num sei que lá, horas pra ficar bonita, tira de cá, bota de lá, não era a minha. Aí eu voltei para os surdos-mudos, mudos não, que já não eram mais, e ao Instituto de Psicologia, pois tinha responsabilidade com a Fonoaudiologia.

Com a tradução da Monografia “Sua nova voz”, fui procurar Isis Meira em São Paulo e ela me encaminhou para Mauro Spinelli. Mostrei-lhes a monografia e voltei para a Bahia. Soube depois que uma fonoaudióloga chamada Beatriz apresentou num congresso em São Paulo ou Rio. Fui para lá porque queria conhecer o que se fazia em outro lugar, e Isis me recebeu muito bem, indicou muitos livros. Isto fica um pouco nebuloso para mim, porque nesta época eu fazia muitas coisas.

A Carol Perry me deu um certificado e disse que eu podia atender, mas eu sempre tive a loucura da insatisfação. Quanto mais estudava, mas eu via que a coisa era grande demais. Com patologia fiquei mais com disfonia e estética de voz. Acho que estética entre aspas,

porque eu trabalho mais a organicidade da voz, visto que meu objetivo era fazer a pessoa descobrir sua voz orgânica, seus próprios sons, seus sons internos, seus urros e berros, seus gritos e sussurros, seus fantasmas e também seus anjos. Conhecer-se, conhecer sua voz e com isso poder fazer o personagem que quiser. Você não impõe voz, você administra e aumenta o repertório. Eu preferi procurar a organicidade da voz talvez por causa da minha formação de teatro. Grotowski⁶³ dizia “Você vai para sua casa com as suas pernas ou com suas idéias”. Não adianta dar adestramento para o falante se você não trabalhar a mente da pessoa para se libertar e gostar de si mesma. Tenho a impressão de que podemos, neste teatro da vida, ter uma performance aceitável, mas eu prefiro que seja uma verdade aceitável, porque de performance já estamos saturados.

Um tempo atrás fui a uma escola pedir uma capa de livro infantil para um projeto de treinamento de linguagem com professores do ensino básico, um trabalho que procurasse dar segurança para as crianças, deixando elas explorarem seus sons, encontrando sua voz. Encontrei lá uma professora que competia com as crianças. Dei uma porção de lápis e papel e disse: “olha, façam o que vier a cabeça, podem até fechar o olho e deixar a mão mandar, soltar o interno”. A professora fez um palhaço e mostrou às crianças, e aí todos na sala só desenhavam palhaço. Uma delas chegou a sentar ao lado para copiar a cor do palhaço da outra. Se

⁶³ Jerzy GROTOWSKI. Encenador polonês. Considerado um dos quatro maiores diretores de Teatro do século XX, juntamente com Stanislavski, Meyerhold e Brecht. Suas teorias e práticas influenciaram e seguem influenciando inúmeros encenadores e grupos em todos os continentes.

não começarmos a fazer isso agora, qual é a geração que vamos ter depois? Preocupo-me com presente e futuro, e está na hora da gente trabalhar urgentemente os professores, porque a moça tinha qualidades, mas precisava ser trabalhada a ter confiança em si mesmo, porque competir com crianças de seis anos é loucura.

Faço o trabalho com fonética, mas não é muito a "minha praia". Por exemplo, atualmente estou trabalhando com um ator em um filme para que ele consiga a dança do orixá, e assim possa penetrar no espírito do Orixá e trazer naturalmente a sua entonação. Ele é baiano e não tem problema, mas se ele não fosse baiano, eu teria que trabalhar essa parte. Teríamos que ver o "baianês" e o "iorubabaianês", cuja melodia viria ajudando-o a liberar o quê, por algum motivo, ele teria inibição para fazer.

Lembrei-me de uma senhora inteligentíssima que entrou em pânico total porque foi designada para gerenciar uma empresa no nordeste e não gostava de falar nem ao telefone, quanto mais dirigir reunião com vendedores. Como ela ficava só na linguagem escrita, eu brincava dizendo: "linguagem escrita é cadáver, vamos dar alma às palavras, vamos brincar com as palavras", e perguntei-lhe se ela tinha memória de algum acontecimento desagradável envolvendo a fala. Ela contou-me que, quando tinha entre nove e dez anos, foi chamada para ler em sala de aula e a professora primária (que naquele tempo não tinha computador, mas ficava também fazendo suas coisas, enquanto o aluno lia) resolveu olhar para ela de repente e dar um estouro, (que até hoje ela não entendeu – naturalmente atrapalhou o que ela fazia). De medo, ela

fez xixi na frente da sala toda, começando aí seus problemas de comunicação. Quando ela me contou isto, eu solicitei um trabalho com um terapeuta. O curso de Peter Lavine me ajuda muito.

Esta entrevista me trouxe muitas lembranças – por exemplo, a dança com Aviãozinho no programa de auditório. Era muito divertido, e como queria a coisa pura, eu experimentava esses personagens populares que não têm vergonha, problema de julgamento – é gordo, tem a barriga desse tamanho, está com a pele pintada de vermelho e azul, é um arco íris e dançam numa ótica. Eles não têm o comportamento cerimonioso e utópico de serem os melhores do mundo em tudo. Eles são o que são. No dia que em todo mundo for o que é, eu acho que o mundo vai mudar um pouco.

Esta sinusite que você me botou vai piorar, porque agora quero procurar meus documentos para saber quando me aposentei e onde estão meus diplomas.

Iniciei o trabalho com o indivíduo laringectomizado sob supervisão de Carol e logo ele começou a emitir sons. Era uma fala gutural, mas encantadora, porque ele era animadíssimo. Ele queria exhibir que estava laringectomizado, se sentia vitorioso por estar ultrapassando as dificuldades e começou a dar muitas entrevistas. Faz tantos anos isso, e eu nunca mais tive notícia dele. Ele chegou a assobiar (já pensou um laringectomizado assobiando?), e durante este trabalho, a Carol não se envolvia diretamente, porque queria que eu ganhasse confiança em mim mesma. Era uma ótima professora e dizia: se auto-avale e veja como

você planeja outra sessão. Propus-me a ensiná-lo a ensinar outros, porque ele faria isto melhor do que nós.

Acredito também que o trabalho deve começar antes da cirurgia, para que não se sentissem mutilados. E estou encantada em saber que, hoje, o trabalho com laringectomizado ocorre antes, durante e depois da cirurgia. O nosso amigo ali era a prova viva de que é possível superar estas dificuldades.

Foi durante este trabalho que surgiu a oportunidade de viajar ao EUA. Lembro-me que estava fazendo uma peça de teatro e o pessoal de teatro ficou zangado porque larguei tudo e viajei. Era em Washington, mas não me lembro o local. Só me lembro que a nossa mala ficou perdida e não tínhamos nada para vestir e ficamos o tempo todo telefonando para saber das malas. Chegamos três minutos atrasadas no *hall* do hotel, e o motorista disse que, nos EUA, havia hora pra tudo e que aqueles três minutos tinham realmente complicado a vida dele, porque ele tinha que buscar outras pessoas. Era lógico, mas pra mim foi um espanto danado.

Fomos para uma sala com espelho-espião que eu nunca tinha visto. Ficamos vendo as laringes artificiais e me pediram que eu apresentasse o método. Disse que precisava conversar com ele para conhecê-lo, porque senão iria só saber a garganta que ele tinha, e o que me interessava era se ele podia confiar em mim. Comecei a brincar com ele, dizer de onde eu vinha e ele contou sobre sua vida, que era uma pessoa muito comunicativa. Tomamos refrigerantes e iniciamos uma competição de arroto em tom de brincadeira, e no final ele conseguiu

emitir as vogais. Penso que, se tivesse conosco uma pessoa que pudesse ficar com ele depois, seria mais interessante. Mas não uma pessoa formal, que ensinasse a técnica pela técnica, mas um companheiro [neste momento, Lia Mara inverte a entrevista e pede informações sobre o trabalho atual com laringectomizado, sobre Isis Meira da PUCSP, sobre outras colegas].

Nós tínhamos aulas na UCSAL, Rua Francisco Ferraro, nº 17, em Nazaré, atrás do Colégio Central. Aleluia! Eu me lembrei do número. Foi o Orixá que desceu aqui. [Ficou muito animada com a lembrança do endereço]. Era um Instituto dirigido por Irmão Dubois, um religioso muito idealista, que conseguiu dentro da UCSAL um Instituto para cuidar das pessoas. Ele era um cuidador e se cercava de gente em quem acreditava e que também acreditava nele, mas a UCSAL parece que não gostava muito destas iniciativas, porque custava dinheiro e não sei se ele sabia lidar com essa parte de administração. Houve algum problema de gestão, não de qualidade de trabalho, e a Instituição retirou o apoio as suas iniciativas. Ele criou Instituto de Psicologia e tenho a impressão que foi ele quem trouxe os Voluntários da Paz.

Acho que esta noite eu não durmo de felicidade, pois a minha memória está voltando. Vou procurar nos meus alfarrábios e achar esses certificados, inclusive eu sei as demandas que enfrentei, porque tive que estudar muito as apostilas de Carol. Naquela época, não chamava Fonoaudiologia, era Foniatria. Foi Dr. Mauro Spinelli⁶⁴ que me explicou a

⁶⁴ Médico Foniatra

diferença, que Foniatria era para médicos e que nós éramos uma atividade paramédica, e chamava-se Fonoaudiologia.

Lembrei-me de Martins Gonçalves⁶⁵, uma grande figura do teatro aqui na Bahia. Ele participou da organização do “1º Congresso Brasileiro de Língua Falada para o Teatro”, em Salvador, no ano de 1956, que deve ter em Anais. Martins Gonçalves me colocou junto com a orquestra sinfônica para eu ler Pedro e o Lobo, e eu senti o quanto por dentro você precisa de segurança. Nesta época, não conhecia Tai Chi Chuan, não conhecia “base”, não conhecia “eixo”, não tinha “comunicação com o cosmo” e tive que enfrentar. Eu vi quanta dificuldade se pode ter na voz quando se tem que ter um ritmo e entrar com som da orquestra. Mais uma vez, eu acho que Carol tinha razão, precisava estudar para salvar os outros daquele desgaste que eu sentia.

Na escola de Teatro tive aula de Dicção com Ana Edler (era assim que chamavam a disciplina e lutei muito para que ficasse Expressão Vocal), aulas de esgrima, que dá dignidade e altivez, expressão corporal com dança primitiva e análise de texto; se bem que quem vai falar em público não faz análise de texto, não sabe como vai dizer. A escola de teatro me deu o suporte que precisava para saber sobre patologia. Trabalhava com pessoas que estavam no chão, que tinham perdido a automatização do falar. Eu vi um filme, “Gato em Teto

⁶⁵ Cenógrafo, crítico e diretor teatral, nasceu no Recife, em 1919. Organizou e dirigiu a Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (Salvador, 1955/61). Professor de interpretação no Museu de Arte Moderna de São Paulo (1964/68) e de indumentária histórica na Escola Nacional de Belas Artes. Montou várias peças e foi crítico teatral do jornal O Globo, RJ. Seus principais trabalhos como cenógrafo e figurinista: “Desejo” (1946), “Édipo Rei” (1948), “Crime na Catedral” (1955), “As Criadas” (1966). Morreu no Recife, em 1973.

de Zinco Quente”⁶⁶, onde se mandava o rapaz andar e ele não sabia mais andar porque tinha desautomatizado a marcha. Na fala, quando desautomatiza, é um problema grande recuperar essa automatização.

Era daí que vinha um pouco da minha responsabilidade social, com a qual luto até hoje e quero continuar lutando para ensinar a professora de ensino básico a não colocar problema nos meninos. Tenho até um projeto já aprovado na Prefeitura. Fazer um trabalho de linguagem não verbal e verbal com a professora para que ela possa estar preparada pra soltar sua própria voz, seu próprio corpo e saber o que acontece com pessoas que estão sobre camisa de força, respeitar o momento da criança.

COMENTÁRIOS E REFLEXÕES

Contextualizar a entrevista de Lia Mara parece-me interessante, uma vez que oferece dados para a reflexão do significado de contar uma história de vida, narrar. Lembrava-me apenas de ter me encontrado com ela uma vez, em um evento de Fonoaudiologia em Salvador, e nem tinha certeza de que ela se recordava desse nosso breve encontro. Era para mim uma situação atípica, porque todos os outros depoentes até então mantinham comigo relações de amizade.

Em nosso primeiro contato telefônico, expliquei a proposta da entrevista, e inicialmente ela não se mostrou receptiva. Mas, no decorrer de nossa conversa, aceitou colaborar, ainda que reticente quanto à data.

⁶⁶ Filme realizado em 1958, baseado na obra do escritor americano Tennessee Williams. (1911-1983).

Pedi-me que lhe telefonasse alguns meses depois (depois do São João), pois estava muito ocupada. Conforme combinado, voltei a procurá-la e marcamos para o dia 23 de julho, um domingo, às 16h00. Talvez esse horário fosse quase um pedido para que eu desistisse, mas isto não ocorreu, porque provavelmente eu já pressentia a riqueza do seu depoimento.

Cheguei a sua casa na hora combinada e, na ânsia de realizar logo a entrevista, disse-lhe que gostaria de montar o equipamento de filmagem e que depois ficaria mais tranqüila para conversarmos. Durante a montagem, ela tentava conversar, mas como eu estava preocupada com o equipamento, apenas lhe respondia vagamente. Incomodada pela situação, ela me disse: “Olha eu estou me sentindo invadida. Eu não lhe conheço, você chega aqui e vai montando este equipamento sem a gente conversar”. Nesse momento, parei e percebi que ela tinha toda razão. Apesar de nossa conversa pelo telefone sobre o projeto, Lia Mara não me conhecia, e isso era impeditivo para nossa entrevista. Generosamente, ela me lembrou a reverência do momento da narrativa. Compartilhar o vivido é compartilhar algo que tem valor de sagrado, envolve cumplicidade, empatia, respeito e, principalmente, conhecimento mútuo.

Parei com tudo e me coloquei à disposição para nos conhecermos. Passamos duas horas tomando chá e conversando sobre nossas vidas, trabalho, família, o mundo, a Fonoaudiologia, etc, antes de iniciarmos a gravação. Comecei a entrevista cheia de insegurança, pela falta de cuidado anterior, com a expectativa de que seu relato seria bem

objetivo, pouco permeado de emoções, quase burocrático, apesar de já percebê-la uma narradora envolvente.

A resistência inicial para a entrevista foi gradualmente sendo substituída pelo entusiasmo. As lembranças se tornaram mais vivas, a emoção aflorou, e Lia chegou a chorar, pedindo que eu interrompesse a fita para se recompor.

Consegui recuperar sua disposição em colaborar com meu trabalho e pudemos observar, juntas, os efeitos da entrevista. Uma semana após esse encontro, fui surpreendida com seu telefonema me oferecendo seus documentos e outros dados de que tinha se lembrado. A partir desse dia, temos nos falado com frequência sobre os mais variados temas, e a resistência inicial foi substituída por um acolhimento que tem feito bem a nós duas.

Interessante que Lia Mara inicia trazendo as origens, as vivências da infância para explicar o percurso de sua vida, suas escolhas e também a possibilidade de compreensão do sofrimento do outro frente a suas dificuldades de comunicação. Ela faz referência à empatia, trazendo-a como fundamental no exercício clínico-terapêutico: olhar com o olhar do outro, considerar a possibilidade de uma perspectiva diferente da nossa. Uma visão tecnicista e equivocadamente dita científica, sem acolhimento do sentir do outro, exclui a possibilidade de empatia, visto que o saber está com quem usa a técnica, e o outro é apenas receptáculo, é vazio, é massa de modelar que não reage, é objeto. Não há outro.

Observo na Fonoaudiologia, no seu ensino, na sua literatura e na observação do meu próprio percurso de aprendizagem da clínica, que esse aspecto estrutural de estar terapeuta não é tratado como essencial, mas complementar – compõe o exercício fonoaudiológico. As justificativas se apóiam no argumento de que “Fonoaudiologia é uma área jovem, está se construindo.... ou então isto não é científico, é muito subjetivo”.

Lia Mara encontrou no Teatro uma maneira de superação das suas dificuldades de comunicação, viabilizando compreender-se e, ao mesmo tempo, se abrir para receber o outro. Isso faz pensar em reciprocidade e transformação: transformar vivências difíceis em possibilidade de crescimento pessoal. A todo instante somos desafiados a escolher entre ser criadores da realidade ou reprodutores de uma realidade imposta. Essa sua relação com o Teatro me fez lembrar e quase compreender a frase: “A arte requer o homem inteiro”....⁶⁷

Traz, também, o início das práticas fonoaudiológicas em Salvador relacionado ao trabalho com a pessoa surda. Seu relato sobre a forma como o desenvolvia é muito interessante, porque não traz uma marca pedagógica com ênfase em “ensinar o surdo a se comportar como o ouvinte”, enquadrá-lo na oralidade predominante por meio de técnicas, mas sim iniciar pelo conhecimento mútuo, de se colocar próximo para saber. Sua narrativa reforça o trabalho com surdos como precursor das práticas fonoaudiológicas, uma vez que isto também está presente nas histórias narradas no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Pernambuco,

⁶⁷ Pesquisa sobre frase na rede de internet refere que ela está citada no livro de Jung. Não conheço sua obra, mas a frase é muito interessante e reflexiva.

merecendo destaque sua postura de trabalho que considera o outro como diferente, que necessita ser compreendido para ser ajudado.

Fato marcante nas suas colocações é a concepção de que não trabalha com categorias nosológicas, mas com pessoas. Porta uma visão do encontro terapêutico fonoaudiológico como promoção do sujeito, como outro que oferece, pelo seu conhecimento específico e humanista, o Cuidado. Gagueiras, afasias, surdez etc, são condições que pessoas apresentam, não são as pessoas.

Lia Mara relata também a presença dos Voluntários da Paz (*Peace Corps*) em Salvador, com um trabalho dirigido especificamente à Fonoaudiologia. Consultei a Professora Cecília Azevedo⁶⁸, que desenvolveu trabalhos sobre essa entidade no Brasil, no intuito de compreender melhor essa presença em Salvador, e ela me ofereceu o seguinte depoimento por e-mail:

“De fato, estudei no meu doutorado a presença dos Corpos da Paz no Brasil, mas não tenho conhecimento desta atuação específica. Fui aos EUA e coletei relatórios da agência, de avaliadores externos aos programas, dos próprios voluntários. Mas meu interesse era menos o aspecto técnico e muito mais o político-ideológico. Cerca de 150 ex-voluntários responderam ao questionário por mim enviado e dentre eles vários participaram em programas de Saúde-Desenvolvimento Comunitário. Mas, dentre esses, a maioria trabalhava como visitador(a) sanitária, operador de RX, nada muito especializado. Os voluntários mais especializados se dirigiram para as Universidades, especialmente a UnB. (...) Sei que os programas da Bahia ficaram conhecidos pela maior independência dos voluntários em relação às diretrizes de Washington, graças à perspectiva mais progressista e relativista do diretor regional. Cheguei a entrevistar um ex-voluntário na Bahia que veio a ser diretor nacional dos Corpos da Paz no Brasil. Mas ele não faz qualquer menção a temas ligados à área de saúde em sua entrevista”.

⁶⁸ Cecília AZEVEDO – Professora do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Dedicar-se à História Contemporânea das Américas, com destaque para História dos Estados Unidos, política externa e relações interamericanas no século XX.

Por meio de pesquisa na internet, localizei a fonoaudióloga Sharon Levy (citada pela colaboradora Olga Tanajura), que chegou depois do retorno de Carol Perry ao EUA. No *site* do *Peace Corps*⁶⁹ ela faz um depoimento muito interessante sobre sua experiência no Brasil, mas não refere nada relacionado à Fonoaudiologia. Escrevi-lhe na intenção de conhecer sua experiência em Salvador e também obter o contato de Carol Perry. Ela respondeu⁷⁰ com muita atenção fazendo referências a Lia Mara.

O encontro de Lia com Carol Perry trouxe contribuições importantes para a formação de minha colaboradora. Ajudou-a na compreensão da sua prática, reforçou sua autoconfiança por meio da forma acolhedora com que Carol realizava a supervisão e permitiu que pactuassem ajuda mútua quanto à fala, uma vez que ambas viviam a experiência de gaguejar, trazendo uma medida mais humana ao seu modo de falar. Suas experiências falam do significado de “boa professora”. Compreendia Carol como alguém que lhe ajudava a aprender estando ao lado e estimulando o exercício de autoconhecimento.

⁶⁹ Vale à pena ler sobre sua experiência no Brasil. Disponível em: www.expcvsbrazil.com/stories/menu.htm acesso em 05/02/07.

⁷⁰ “Hi Rina, I don't know if I responded before but I will again. I'm sorry I have to write in English. I speak and understand Portuguese but never really learned to spell and write. I had a fantastic experience in Salvador between 1966 and 1968. I had not been told that two Peace Corps volunteers had started a training program until I actually arrived in Brazil. I had only my Bachelor's Degree at that time but I did my best to use the skills I had practiced in University Clinics; with both children and adults. I did work at both a private clinic with ? (I forgot her name) and with Lia Mara de Araujo at the Hospital Das Clinicas. Lia Mara and I also became friends and she made my adjustment in Bahia easier; I was only 22 at the time. We still love everything about Brazil. I was glad to see that the Speech Clinic was still functioning at the Hospital das Clinicas when I visited there 8/05. Are there particular questions you have? Tell me more about yourself; I read Portuguese without difficulty. Please send me a way to communicate with Lia Mara or give her my email address”.

Características das relações humanas produtivas, fundantes daqueles que se nomeiam como terapeutas.

Perceber que consegue evocar memórias que acreditava “perdidas” animou Lia e acrescentou mais entusiasmo a sua narrativa. Esse é um momento que ilustra o trabalho de memória e a narrativa como possibilidades de reconstrução, reflexão e valorização do vivido.

No relato da sua experiência com o “paciente” laringectomizado⁷¹, faz colocações que temos de tomar como pontos de reflexão para a nossa prática fonoaudiológica: a confiança do paciente no terapeuta precede a técnica; não há confiança sem espaço para se conhecer; a criatividade no uso da técnica é oferecida pelo próprio paciente; compreendê-lo nas suas dificuldades é se colocar como Outro que o reconhece – não há confusão nos papéis. O conhecimento legítimo do Paciente sobre sua condição pode se constituir num movimento de solidariedade, trazendo benefícios mútuos na superação das dificuldades, viabilizando o trabalho em grupos de ajuda. Reforça na atuação fonoaudiológica a exigência de uma postura de cuidado, de disponibilidade para com o outro, mas com rigor na atuação, compreendido como metodologia – esclarecimento do percurso.

Ajudar o Paciente a enfrentar a laringectomia desde o momento que é informado dessa possibilidade é realmente realizar o Cuidado. É

⁷¹ Lia Mara diz: “Não se deve dizer “Paciente”, mas interlocutor, porque paciente traz uma posição passiva e ela não gosta.” Pensei : “Paciente” também pode sugerir “ter paciência” com a própria condição para permitir o cuidado necessário – afinal as significações estão abertas.

poder acolher o sofrimento e ajudar a amenizá-lo nas possibilidades de reabilitação.

Mais uma vez, a experiência de Lia Mara mostra o lugar do outro – alguém que escuta. Lugar ativo que permite a ajuda porque vê naquele que ajuda as suas próprias possibilidades de constituição. Um provérbio de origem sul-africana, da etnia Zulu, fala exatamente da mutualidade e processualidade da construção de identidades-alteridades; diz: “Eu sou o que vejo de mim em sua face; eu sou porque você é”.⁷²

Ao relatar sua visita aos EUA, por meio dos Voluntários da Paz, é interessante a seleção que realizou, pois os nomes institucionais ficaram em algum recôndito da memória, e os acontecimentos que mobilizaram emoções retornaram repletos de cores: a angústia da perda das malas e as diferenças culturais relativas à consideração do atraso.

A compreensão de como a memória se apresenta pode ser bem ilustrada no livro *Memória e Sociedade* de Ecléa Bosi, quando a autora discute a posição de autores como Bergson, Halbwachs e Bartlett, que pode ser sintetizada na seguinte citação, que se encontra no seu livro *Tempo de Memória*, de 2003:

“ (...) fique-nos a idéia da Memória como atividade do espírito, não repositório de lembranças. (...) A memória é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”.

Com Lia, observo que houve uma clara mudança de postura quanto à formalização do tempo vivido. No início da entrevista, ela parecia não desejar confrontar datas e dados (“mil novecentos e fumaça”, “não sei

⁷² Citado na Sessão de Encerramento da XIII International AIDS Conference, em Durban, África do Sul, julho 2000. Apud: AYRES, J. R. C. M. O **Cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde**. Saúde e Sociedade, V 13, n. 3, 2004. p.25

quantos anos de aposentada”); mas, com o tempo, se entusiasma com a possibilidade de buscar os documentos, talvez por reconhecê-los nesse momento como testemunhas de uma história que vale à pena ser lembrada/contada/escutada, comprovação da aventura vivida, da saga (“esta entrevista está me fazendo procurar pela minha vida”).

Acrescenta, nesse contexto, uma crítica à supervalorização do ter comprovação em contraposição ao ser capaz de realizar. Quem está inserido no contexto acadêmico conhece os excessos e os equívocos. Ela viveu e sabe. Lembrei-me de uma história contada por Rubem Alves, *Urubus e Sabiás*:

"Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam... Os urubus, aves por natureza becadadas mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, mesmo contra a natureza eles haveriam de se tornar grandes cantores. E para isto fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, para ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão para mandar nos outros. Foi assim que eles organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem todos chamam de Vossa Excelência.

Tudo ia muito bem até que a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida. A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas para os sabiás... Os velhos urubus entortaram o bico, o rancor encrespou a testa e eles convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito.

— Onde estão os documentos dos seus concursos? E as pobres aves se olharam perplexas, porque nunca haviam imaginado que tais coisas houvesse. Não haviam passado por escolas de canto, porque o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam simplesmente....

— Não, assim não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.

E os urubus, em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...

MORAL: Em terra de urubus diplomados não se ouve canto de sabiá". (ALVES, R. 1995 p.81)

Essa fábula exemplifica sua crítica à colocação da técnica como algo que transcende a pessoa. Mostra que a técnica é o manejo da situação que permite e facilita o autoconhecimento e a aceitação. A pessoa necessita encontrar seu “jeito”, sua “voz”, livrar-se de artificialismos que aprisionam e fazem sofrer; e é a este pedido que o terapeuta se coloca à disposição.

Lia Mara faz, ainda, uma reflexão sobre a atualidade, questionando a postura de individualidade e superficialidade que tem nos invadido, pela supremacia da pressa, do culto exclusivo da aparência em detrimento da essência; e aconselha, com propriedade, que, na formação do fonoaudiólogo, deveriam ser incluídas disciplinas que trouxessem uma Cosmovisão, como Antropologia, Psicologia, etc e, principalmente, reflexão sobre os sentidos de So-li-da-ri-e-da-de.

4. HISTÓRIA DE LEONORA BASTOS DA SILVA OU O COMPROMISSO SOCIAL

Hoje é 16 de agosto de 2006. Sou Leonora Bastos da Silva, fonoaudióloga há 31 anos. Acho que posso começar a contar essa história dizendo que tenho muito orgulho de ser fonoaudióloga, graças a Deus. Penso que não poderia exercer outra profissão na vida, não saberia. Meu pai sempre quis que eu fosse médica, e eu também. Ele dizia que, antes, eu deveria ser professora, porque tinha que ter uma profissão. “Eu posso morrer e você precisa logo de uma profissão, depois você faz o que você quiser.” Por essa razão, fiz o Curso Normal no Rio de

Janeiro e estava concluindo o último ano quando ele morreu e não assistiu a minha formatura. Foi um dia muito triste.

Comecei a trabalhar como professora aos 18 anos, em uma classe de alfabetização numa escola particular, no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro. Como sempre fui inquieta, no segundo semestre matriculei-me em um curso pré-vestibular. Achava que não tinha condições de fazer Medicina, porque tinha estudado em colégio de freiras, sentia-me sem preparo, uma bobagem. Decidi então fazer o vestibular unificado em dezembro de 1971, e Fonoaudiologia foi minha primeira opção. Não tinha a mínima idéia do que era. Fui aprovada para a Universidade Católica de Petrópolis. Tive a sorte de me apaixonar pela minha profissão. Graduei-me em 1975, e de lá para cá nunca deixei de trabalhar como fonoaudióloga.

No último semestre, o diretor da Escola de Reabilitação onde eu estagiava, Dr. Júlio Pinto Duarte⁷³, convidou-me para trabalhar num serviço de Paralisia Cerebral que estava montando em Salvador. Eu respondi sem pensar que aceitava. Estava sem expectativa porque meus pais já tinham falecido e a minha irmã ia se casar e mudar para Curitiba. Depois me arrependi e fiquei sem coragem de dizer que não queria mais vir. Acabei vindo para Salvador com muito sofrimento.

Ao chegar aqui, em janeiro de 1976, eu e outras colegas baianas da área de Fisioterapia, que haviam feito o curso Bobath⁷⁴ em Petrópolis,

⁷³ Neurologista, pioneiro no tratamento da Paralisia Cerebral em Petrópolis, RJ.

⁷⁴ Método utilizado no tratamento das disfunções motoras do Sistema Nervoso criado pela fisioterapeuta Berta Bobath nos anos 30. Foi Introduzido no Brasil por Ely Koegler

percebemos que o interesse do Dr. Pinto Duarte em abrir um serviço de Paralisia Cerebral tinha motivações pessoais e não só profissionais.

A Clínica de Paralisia Cerebral era particular, caríssima para os pacientes. Ele era uma autoridade na área da Paralisia Cerebral. A equipe era formada por mim, fonoaudióloga, duas fisioterapeutas, uma terapeuta ocupacional e uma professora. Mas o serviço não funcionava bem porque oscilava de acordo com sua vida pessoal; e, assim, a todo momento, ele ameaçava fechar o serviço. Fizemos então uma lista de reivindicações, que ele inicialmente aceitou, mas depois voltou atrás e então pedimos demissão em massa.

Deixei a Clínica Pinto Duarte quase dois anos após chegar do Rio de Janeiro, e Carmen Fernandes me substituiu. Tive sorte porque já estava trabalhando no Instituto Baiano de Reabilitação (IBR), depois fui para a APAE, que por exigência da LBA precisou contratar fonoaudiólogos com graduação. Essas experiências me levaram a conhecer algumas colegas na área da Psicanálise, tais como Suzana Nascimento, Deane Fiuza, Maria Cândida Tavares, Maria Lúcia Andrade e outras, com as quais trabalhei muitos anos na Rua Milton de Oliveira, no bairro da Barra.

Fazia parte desse grupo uma fonoaudióloga vinda do Rio de Janeiro, Maria Amália Jourdan Penedo, que na época era chamada de logopedista. Ela convidou-me para trabalhar com ela num contrato verbal de supervisão; ou seja, eu atendia, passava o relatório dos pacientes para

em 1962 e sua autorização para a formação de profissionais foi dada a Sonia Gusman em 1970.

ela. O pagamento era dividido 40% para mim e 60% para ela. Funcionava como uma supervisão que eu não pedia, mas ela me dava. Eu aceitei e trabalhei durante muitos anos assim, até que, durante uma reunião clínica, a equipe questionou a situação e rompemos o combinado. Hoje, Maria Amália é psicanalista, mora no Rio de Janeiro e de vez em quando nos encontramos. Trabalhei mais de 14 anos nessa clínica.

Não me recordo bem, mas por volta de 1979/1980 pensei em procurar fonoaudiólogos que trabalhavam em Salvador. Eu achava que eu era a única. Um belo dia eu encontrei Olga Tanajura. Conversamos e combinamos de publicar um edital em um jornal local (“A Tarde”) convocando os colegas para uma reunião na clínica onde eu trabalhava, na Rua Milton de Oliveira. Nessa reunião compareceram, entre outras, Eva Musa, Lia Mara, Silvia Reis, Olga. Acho que esse foi o primeiro momento de reunião da classe aqui em Salvador. Silvia Reis, baiana, graduada no Rio de Janeiro tinha acabado de voltar para Salvador. Havia outras colegas de Salvador que trabalhavam na área e se denominavam terapeutas da palavra, logopedistas, professoras de fala e chamavam os pacientes de “alunos”.

Assim formou-se o embrião de uma associação profissional, onde fui presidente, vice-presidente, mas oficiosamente, pois a associação não tinha ainda registro como associação profissional.

Eu sempre fui uma profissional muito inquieta e, em todos esses anos, nunca trabalhei somente em consultório particular. De certa forma,

achava um tanto elitizado. Durante o período que passei na APROFEB⁷⁵, me preocupava muito com questões sociais, de levar a Fonoaudiologia para camadas mais carentes da população, e acredito que isto me levou ao serviço público.

Lembro-me de colegas queridas dessa época: Helena Linhares, Regina Grangeiro, Célia Fernandes, Cláudia Lopes, Rina, Silvia Reis, depois Cleonice, Glorinha Canto, Maria Cecília Pereira, Assunção (que é falecida), Ana Maria Pimenta, Célia Thomé, Silvia Ferrite e tantas outras.

Com esse esboço de APROFEB, que era uma associação sem registro, nesta época, trabalhamos no reconhecimento da profissão junto ao Congresso Nacional e o MIEF–Movimento Interestadual das Entidades Fonoaudiológicas.⁷⁶ Tenho muito orgulho de ter participado dessas reuniões em Salvador e em outros Estados, na luta pela criação do Conselho Federal de Fonoaudiologia e reconhecimento da profissão junto ao Congresso Nacional. Fomos a algumas sessões na Câmara dos Deputados e no Senado, em Brasília, eu, Silvia Reis, Assunção, que já faleceu, com colegas de São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, etc. Houve um encontro em Salvador com Alda Leite Rodrigues de Porto Alegre. Nesse dia, fizemos uma reunião na minha casa para bater papo, acho que até tenho umas fotos.

Em 1983, iniciamos o 1º cadastramento dos fonoaudiólogos de Salvador e daqueles que não eram, mas podiam comprovar cinco anos de

⁷⁵ Associação Profissional dos Fonoaudiólogos do Estado da Bahia, institucionalizada em 1980 e registrada em 1994.

⁷⁶ Formado entidades de vários Estados do Brasil lutando em prol do reconhecimento da profissão de fonoaudiólogo.

exercício profissional. Esse 1º cadastramento, isto é, registro no Conselho Federal de Fonoaudiologia, foi feito no meu consultório, na Rua Milton Oliveira, 167, Barra.

Considero importante o que fizemos na APROFEB, que foi buscar a criação do cargo de Fonoaudiólogo no Estado da Bahia e no município de Salvador. Conseguimos apenas no município, durante o mandato do prefeito Fernando José⁷⁷, que criou também nessa época o cargo de Intérprete de Língua de Sinais.

Na administração da prefeita Lídice da Mata⁷⁸ tivemos uma reunião com seu Secretário da Saúde, Dr. Eduardo Mota, pleiteando a inclusão da Fonoaudiologia nos concursos público da área da Saúde. Ele nos pediu um levantamento da necessidade de atuação do fonoaudiólogo em todos os postos de saúde da cidade de Salvador. Foi feito um mutirão com os colegas fonoaudiólogos. Foi muito trabalhoso. Deslocamos-nos por muitos bairros distantes, como Valéria, São Cristóvão, Itinga e outros. Esse documento foi entregue ao Dr. Eduardo Mota. Acredito que deve estar na gaveta dele até hoje, porque nada foi feito. Não conseguimos nada.

Em função de outros compromissos profissionais e também por ter trabalhado muitos anos nesta atividade de associação de classe, afastei-me da APROFEB. Achava que era uma associação muito elitizada, sentia que seu foco era mais na categoria profissional, com pouca preocupação social, e isso me incomodava. Era constituída de

⁷⁷ Prefeito Fernando Jose Guimarães Rocha (1989-1993)

⁷⁸ Prefeita Lídice da Mata (1993-1997)

profissionais de consultório, que não levavam muito em conta essa barra pesada que é o dia-a-dia da saúde em Salvador e no Estado da Bahia.

Finalmente em 2000, no mandato do prefeito Antonio Imbassahy⁷⁹, aconteceu o primeiro concurso para a área da saúde que incluía fonoaudiólogo, com uma oferta de três vagas. Achei que devia fazer este concurso porque batalhei para que ele acontecesse. Passei em 3º lugar. Como as primeiras colegas classificadas não foram tomar posse, eu e Noemi fomos convocadas e assumimos respectivamente os Centros Terapêutico Municipal Dr. Rubim de Pinho, no bairro de Itapagipe, e centro Terapêutico Municipal Aristides Novis, no Engenho Velho de Brotas. Mais um motivo de orgulho para mim, ser a primeira fonoaudióloga no serviço público em Salvador, aprovada em concurso público.

Senti-me muito feliz em poder trabalhar num centro de saúde pública como fonoaudióloga. Logo que cheguei, encontrei outros fonoaudiólogos contratados por uma empresa terceirizada pela prefeitura, sem nenhuma garantia trabalhista e salários atrasados. Lembro-me de ter sido testemunha na Delegacia Regional do Trabalho, de uma colega que havia chegado de Porto Alegre. Estava sem receber pagamento, numa situação muito difícil. Achei a situação muito grave. Entrei em contato com a APROFEB, que na época tinha como presidente Luiza, colocando para ela que haviam fonoaudiólogos aprovados no concurso da prefeitura que poderiam ser convocados. Não sei o que foi feito pela APROFEB. Esta

⁷⁹ Prefeito Antonio Imbassahy (1997-2005)

situação continua até hoje, com a mesma empresa num sistema de alta rotatividade de profissionais que realizam Audiometria Tonal e Vocal e Imitanciometria.

Coloquei esta questão em algumas reuniões de equipe do Rubim de Pinho, para a Coordenação deste centro de saúde. O assunto foi encaminhado para a Secretaria Municipal da Saúde, mas nada aconteceu até agora. Que houve um concurso, houve, e só foram chamados dois profissionais. Faço questão de deixar este registro aqui, pois é uma situação absurda.

Em 1993 ou 1994, não me lembro bem, quando eu ainda estava na APROFEB, recebemos a visita da professora Maria Augusta Dantas, do Nascimento do Instituto de Ciências da Saúde (ICS), da Universidade Federal da Bahia, falando da possibilidade de criação do Curso de Fonoaudiologia. Fiquei muito feliz e animada com essa idéia. Ela e seu marido, o professor Luiz César Dantas do Nascimento, que na época era o diretor do ICS, estavam muito engajados nesta luta. Convidaram-nos para fazer parte de uma comissão que criaria esse curso. A APROFEB formou uma comissão, da qual tomei parte juntamente com as colegas Silvia Ferrite, Maria Cecília Pereira, Cláudia Lopes e Célia Regina Thomé.

Quando iniciamos na UFBA esse projeto de graduação, demos conta que não tínhamos em Salvador fonoaudiólogos com experiência em docência para assumir o curso. Começamos então um projeto de Curso de Especialização em Fonoaudiologia⁸⁰, cujo objetivo principal era para

⁸⁰ Foram duas turmas deste curso em 1995/97 e 1997/99

capacitar fonoaudiólogos interessados na docência. Assim foi implantado o curso de Fonoaudiologia na UFBA. Cada membro desta comissão recebeu como remuneração uma bolsa para o curso de Especialização. Foi um projeto muito bom e me orgulho de ter participado dele. Fui professora substituta na UFBA durante dois anos. Antes disto, também lecionei durante cinco anos no curso de Fisioterapia da Escola Bahiana de Medicina, 3º ano, numa disciplina chamada Fonoaudiologia.

Antes desta iniciativa da UFBA, nós atendemos na APROFEB a solicitação da Universidade Católica do Salvador (UCSAL) de um projeto para a implantação de um curso de Fonoaudiologia, que não foi implantado mesmo após termos trabalhado meses. Deste grupo de trabalho fizeram parte, além de mim, Regina Granjeiro, Glória Canto entre outras colegas. Também recebi o mesmo convite do Instituto Adventista do Ensino do Nordeste (IAENE)⁸¹, para fazer um projeto de implantação de curso de Fonoaudiologia. Por conta disto, convoquei vários profissionais, como a lingüista Elisabeth Teixeira, o médico Paulo Perazzo, otorrinolaringologista, vários fonoaudiólogos para colaborarem, sem nenhuma remuneração. Organizei uma visita ao Campus de Cachoeira. Tudo ficou engavetado com argumentos tais como “não tem nenhum fonoaudiólogo adventista e a Instituição é adventista...”.

Depois disso, a mesma professora, Claudia Bahia, que tinha me solicitado o projeto para o IAENE em Cachoeira, foi montar o curso de

⁸¹ IAENE – Instituto Adventista do Ensino do Nordeste com sede na cidade de Cachoeira, interior da Bahia

fisioterapia na FIB⁸² e novamente convidou-me. Desta feita, constitui um grupo de trabalho com vários fonoaudiólogos, foi um imenso trabalho e nada foi adiante. Claudia Bahia foi para a UNIRB⁸³ e me fez o mesmo convite, e mais uma vez nada aconteceu. Hoje, a UNIRB abriu o Curso de Fonoaudiologia, não sei foi aproveitado o projeto em que trabalhei há quatro anos. Recebi também convite da FTC⁸⁴, que estava montando vários cursos da área de Saúde e queria um projeto para o de Fonoaudiologia. Tudo era urgente para atender os prazos do Ministério da Educação, formulários para lá e para cá. Não deu em nada. Isso é algo que eu não faço mais, cansei de tanta falta de compromisso.

No Centro Terapêutico Municipal Dr. Álvaro Rubim de Pinho, cheguei sem saber o que me esperava. Nunca havia trabalhado na área de Saúde Mental. Lá sou fonoaudióloga generalista, tenho que dar conta de uma grande demanda de pacientes. O que eu não posso atender, como dislexias, disfonias orgânicas, etc, faço encaminhamento para outros serviços. O problema é: para onde?

Com a proposta da reforma psiquiátrica no Brasil, surgiram os CAPS – Centro de Atenção Psicossocial.⁸⁵ No distrito sanitário de Itapagipe, o Rubim de Pinho precisou dividir suas instalações como um CAPS, atualmente intitulado CAPS Dr. Adilson Sampaio. Assim comecei estudos na área de saúde mental. No CAPS, realizei com a psicóloga

⁸² FIB – Centro Universitário da Bahia

⁸³ UNIRB – Faculdade Regional da Bahia

⁸⁴ FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciências

⁸⁵ CAPS – Centro de Atenção Psicossocial, serviço extra-hospital comunitário que realiza cuidados intra e extra-muros a portadores de transtornos mentais. RABELO, A.. R et al. Um manual para o CAPS – Centro de Atenção Psicossocial. Série Saúde Mental. Neuropsiquiatria UFBA . 2005.

Joelma Rosado, a “Oficina dar Voz”, cujo objetivo era trabalhar o discurso do psicótico, muitas vezes em crise. Foi uma experiência muito boa, que estimulou-me muito a aprender mais.

O CAPS Adilson Sampaio saiu do Rubim de Pinho e foi para endereço próprio, na Rua do Céu, 77, no Caminho de Areia. Continuei no Rubim de Pinho, pois a coordenadora não me cedeu para o CAPS. Concorde que sou mais útil neste ambulatório do que num CAPS adulto, até porque, na Portaria do Ministério da Saúde que regulamenta os CAPS adultos, não há fonoaudiólogo na equipe. Há um item que refere outros profissionais, onde o fonoaudiólogo poderia se inserir, mas geralmente se privilegiam outras áreas, como por exemplo as oficinas terapêuticas, porque são atividades geradoras de renda e de resgate da cidadania.

A reforma psiquiátrica vem trazer um novo olhar no atendimento à saúde mental. Havia a cronificação da doença e re-internações freqüentes a cada crise. Ela tem como objetivo o resgate da cidadania do paciente portador do transtorno mental, acabando com as internações prolongadas que levavam à cronificação e com o enfoque terapêutico muito voltado apenas para a medicalização. Ela se estruturou com o apoio de familiares e profissionais comprometidos com a mudança desse modelo, buscando dar ao doente mental um empoderamento da sua cidadania, a garantia de seus direitos humanos, a possibilidade de ser incluído, de fazer parte da sociedade. A criação do CAPS surge como um modelo substitutivo ao hospital psiquiátrico. Em situações de crise de surto, o paciente pode e deve ser atendido em qualquer hospital, ou seja,

devemos ver a doença mental como qualquer outra doença, como uma hipertensão, diabetes, etc.

A Reforma Psiquiátrica que foi voltada para pacientes adultos trouxe também mudanças no atendimento às crianças e adolescentes com transtornos mentais. Considero isso muito bom, porque havia crianças autistas e psicóticas em instituições e serviços que não eram especializados para os transtornos mentais graves na área da infância e adolescência.

Em novembro de 2004, Paulo Gabrielle, psiquiatra e psicanalista, Coordenador de Saúde Mental do governo do Estado da Bahia, convidou-me para trabalhar no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência – CAPSia - Liberdade.⁸⁶ A Portaria do Ministério da Saúde que regulamenta o CAPSia, diferente do CAPS adulto, tem fonoaudiólogo na equipe. Sou contratada por uma fundação ligada à Associação Bahiana de Medicina (FABAMED), que presta serviços a Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (SESAB). O CAPSia - Liberdade é docente-assistencial, ou seja, oferece também campo de estágio na área da saúde mental da infância e adolescência. Atualmente, tem estagiários do curso de Medicina e Psicologia da Escola Baiana de Medicina, FTC, UCSAL e UFBA. Por ser docente-assistencial, não foi municipalizado. É mais um motivo de orgulho para mim, porque não conheço, além de Noemi, no Centro Terapêutico Municipal Dr.Aristides Novis, e eu, outros

⁸⁶ CAPSia-Liberdade – Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência – Distrito da Liberdade.

fonoaudiólogos em Salvador que realizem este trabalho em CAPS. É mais um campo de trabalho para a Fonoaudiologia.

No CAPSia nós trabalhamos em equipe transdisciplinar formada por psicólogos, musicoterapeuta, educador físico, serviço social, enfermagem, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, atendendo crianças e adolescentes portadores de sofrimento psíquico: psicoses, autismos infantil, neuroses graves.

Mais uma vez, Deus me abençoou, porque sou apaixonada por esse trabalho. Estou cursando especialização em saúde mental na Faculdade de Medicina da UFBA, e tenho planos de mestrado também nesta área. Minha monografia é sobre o grupo de recepção, porta de entrada do CAPSia – Liberdade, que recebe as pessoas que chegam ao serviço pela primeira vez. Trabalho neste grupo desde novembro de 2004 com outros colegas. Existem vários trabalhos escritos sobre grupos de recepção, que nos CAPS opõem-se à triagem do antigo ambulatório. Em minha monografia, pretendo estudar, quantificar e observar a demanda, porque, apesar de ser uma unidade de Saúde Mental para os casos de autismo, psicoses infantis e neuroses graves, a maior demanda é de queixas, tais como: “ah! ele é agressivo”, “é inquieto”, “a professora mandou e deu queixa no conselho tutelar”, “ele está pegando algumas coisas em casa”, “a tia morreu e ele tá chorando, tá triste”, além dos distúrbios de aprendizagem. São queixas de dificuldades emocionais e de aprendizagem que podem ser resolvidas de forma ambulatorial, em

serviços de psicologia, psicopedagogia, mas não são demandas para CAPS.

Pretendo propor em minha monografia a criação de um ambulatório resolutivo nas áreas de Psicologia, Psicopedagogia, Fonoaudiologia, etc, para atender esta demanda de ambulatório, no Distrito da Liberdade.

Acho que o que eu mais falo agora é sobre saúde mental e Fonoaudiologia. Quando estudantes de Fonoaudiologia vêm aqui, eu digo “Vocês precisam lutar pela profissão, colocar a nossa associação profissional para frente, vocês são o futuro. Nós já demos a nossa contribuição na criação dos Conselhos Federal e Regionais, associações, entrada na saúde pública, etc. Há um campo imenso aberto para o fonoaudiólogo. Ainda há muitos espaços a conquistar.” Não é que eu tenha perdido o entusiasmo, mas chega um momento da vida que você vai buscando outros caminhos.

Fiz formação em Psicanálise na CLAPP⁸⁷, motivada por ter trabalhado em uma clínica que só tinha psicanalistas. A CLAPP era uma clínica onde Olga Tanajura atendia e havia vários psicanalistas lá, como Urânia Tourinho, Aurélio Souza, Emilio Rodrigué e sua esposa Marta Berlim, Sandra Pedreira, Regina Sarmento etc. Eles foram meus professores, todos excelentes. Nunca atuei como Psicanalista. A Psicanálise sempre me ajuda no meu trabalho como fonoaudióloga.

⁸⁷ CLAPP – Clínica de Atendimento Psicológico que funcionava no bairro da Barra com Urânia Tourinho, Aurélio Souza, Sandra Pedreira, Emilio Rodrigué, etc.

Gosto de atender em consultório, mas o trabalho em equipe, de discutir casos, discutir o serviço, questionar, ir construindo e desconstruindo é muito motivador. Acho o trabalho somente em consultório muito limitado. Considero-me atualmente uma trabalhadora do SUS e sinto-me feliz por isto, precisamos ter consciência social.

O Centro de Saúde Mental Dr Álvaro Rubim de Pinho é um ambulatório de saúde mental adulto, mas como fonoaudióloga atendo também crianças e adolescentes.

O serviço é territorializado e assiste à população da Península de Itapagipe e do Subúrbio Ferroviário. Receber não significa tomar para tratamento. Encaminho os casos que não tenho condições de atender.

Lembrei também que trabalhei no Centro de Educação Especial da Bahia – CEEBA⁸⁸ há anos atrás, por seis meses, com a colega Maria Cecília Pereira, que fazia as avaliações audiológicas e eu, a parte terapêutica. Quando encerrou o contrato, fomos dispensadas. Pensei até em fazer um trabalho voluntário⁸⁹, mas não foi aceito por não ser permitido no serviço público.

Nós, fonoaudiólogos da Bahia, precisamos nos mobilizar para fortalecer a nossa categoria profissional e prestarmos um atendimento mais amplo à população, principalmente a mais desassistida.

A Prefeitura de Salvador tem convocado algumas categorias para atuar nos CAPS municipais, mas não os fonoaudiólogos que foram aprovados no concurso público em 2000. Isto deve ter relação com nossa

⁸⁸ CEEBA – Centro de Educação Especial da Bahia

⁸⁹ A regulamentação do trabalho voluntário coloca que ele deve ser prestado fora da área de formação do voluntário, tendo em vista não se configurar “mão de obra barata”

falta de mobilização. Quando entrei no Centro Terapêutico Municipal Dr. Álvaro de Rubim de Pinho, vi a necessidade de mais atendimentos fonoaudiólogos lá. Enviei um fax para a APROFEB explicando a situação e pedindo um posicionamento para a convocação dos aprovados. O governante não sabe o que é a clínica e somos nós que temos que mostrar a necessidade e fazer propostas de trabalho. Com a abertura dos CAPSia poderíamos aproveitar os já aprovados no concurso do município. No Estado, temos ainda que lutar para criar o cargo de fonoaudiólogo para a Fonoaudiologia ser incluída no concurso público para saúde. Quando eu estava na APROFEB, a classe política justificava a não oferta de cargo no serviço público para fonoaudiólogo, amparada no argumento de que, por não termos cursos de graduação na Bahia, não havia mão-de-obra disponível. Agora a realidade é outra, porque já existem cursos de graduação em Fonoaudiologia. Eu sempre digo ao estudante de universidade pública: toda a população paga a formação do aluno do ensino superior público, portanto, este aluno, quando profissional, deve dar o retorno atendendo à população, principalmente os mais desfavorecidos. É um compromisso social que devemos ter.

Se tivesse que escolher entre o consultório e o serviço público, eu fechava o consultório. Só este ano já contraí escabiose duas vezes. Tem colegas que dizem: “vamos usar guarda-pó”, mas o CAPSia tem um modelo diferente do modelo médico-hospitalar. O serviço público de portas abertas atende a todos que chegam. É claro que o paciente é afastado para tratamento da escabiose, mas isto acontece por trabalhar

com camadas tão pobres da sociedade. Ainda há muito a se fazer no Brasil: educação, saúde, saneamento básico, emprego e muita coisa. Quando uma mãe diz que o filho precisa de fonoaudiólogo, mas é caro, eu fico triste. Fonoaudiologia é saúde e saúde é direito de todos.

Quero agradecer a oportunidade que você me deu de parar e fazer uma retrospectiva do meu percurso profissional. Tenho 31 anos de atuação profissional, mas parece que comecei ontem. Ainda tenho muito que aprender. Desejo muito sucesso nesse trabalho de mestrado, que Deus te dê forças, que você persevere e que, no final, você dê uma bonita contribuição, não só para você, mas para toda a Fonoaudiologia, principalmente na Bahia.

Diz-se comumente que o brasileiro é um povo sem memória e o que você está fazendo é exatamente resgatar a história da Fonoaudiologia e dos cidadãos e cidadãs fonoaudiólogos e de todos ligado a nós. Esse seu trabalho, Rina, traz um reconhecimento de que começamos algo, plantamos uma semente. Ainda há um longo caminho pela frente, e eu espero que o percurso seja o de dar à Fonoaudiologia acessibilidade a todos os que dela precisarem e ao profissional fonoaudiólogo uma consciência político-social.

COMENTÁRIOS E REFLEXÕES

Para contextualizar a entrevista de Leonora, começo pelo agendamento. Duas condições foram marcantes: a dificuldade para encontrar o dia, uma vez que estava atarefada com aulas no final de

semana e com pouco tempo para me receber em seus locais de trabalho no serviço público, e o atendimento às regras para a gravação em vídeo das entrevistas nesse local. Ela me informou que um deles tinha como exigência a apresentação de um documento solicitando a permissão para que a entrevista fosse realizada em suas dependências, e que se tratava de um processo burocrático, talvez um pouco longo. Após algumas conversas, conseguimos realizar a entrevista no CAPSia – Liberdade, e pude testemunhar a enorme demanda de trabalho que minha colaboradora enfrenta nesse local.

Leonora foi a primeira referência de fonoaudióloga que recebi ao chegar a Salvador. Como podemos ver pela sua narrativa, e também pela minha lembrança, ela sempre esteve envolvida com as questões institucionais e sociais. Exercer a cidadania e atuar de forma responsável para nossa institucionalização sempre pautaram seus posicionamentos. Na ocasião deste estudo, estava afastada dos órgãos de classe locais, mas engajada na luta para que a Fonoaudiologia possa se constituir um direito da pessoa e que os órgãos públicos sejam responsáveis por isso. Compreende que a Saúde só virá se a riqueza for distribuída, mas que há um conjunto de políticas e ações que devem ser tomadas para responder às necessidades mais imediatas da população.

Em sua narrativa fica evidente que temos muito a caminhar e trabalhar para que possamos chegar a compartilhar os benefícios que os avanços da modernidade podem oferecer ao ser humano. E vê sua obra como possibilidade de continuação nas novas gerações.

Leonora se considera uma trabalhadora do Sistema Único de Saúde – SUS, consciente de que há necessidade de aparelhamento dos serviços de saúde por meio da oferta de salários mais dignos, condições adequadas de trabalho e seriedade nas atitudes, para que o compromisso social com a população e com o Serviço Público supere o interesse meramente corporativo.

5. HISTÓRIA DE SONIA VELOSO OU A MUDANÇA EM ESTRUTURA

Estamos em 20 de setembro de 2006. Meu nome é Sonia Veloso. Minha história na Fonoaudiologia começa na Secretaria de Educação do Estado da Bahia, quando fui nomeada para o núcleo de Educação Especial. Eu era pedagoga, mas sem nenhuma formação especial. Em 1972, fui fazer um curso de um ano no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o que despertou meu interesse sobre a Surdez. Considerando que a formação não era suficiente para assumir um trabalho dessa natureza, decidi no horário disponível fazer estudos e pesquisas nas Faculdades Estácio de Sá e também no hospital da Cruz Vermelha, onde tive o primeiro contato com pessoas que falavam em Logopedia, ainda não se dizia Fonoaudiologia.

Voltei a Salvador e ao trabalho na Secretaria da Educação e sentia-me insegura no que tinha aprendido no Rio de Janeiro sobre Surdos, porque era uma metodologia oralista⁹⁰, com muita rigidez, sendo

⁹⁰ “Para os oralistas, a linguagem falada é prioritária como forma de comunicação dos surdos e a aprendizagem da linguagem oral é preconizada como indispensável para o desenvolvimento integral das crianças. De forma geral, sinais e alfabeto digitais são proibidos, embora alguns aceitem o uso de gestos naturais, e recomenda-se que a

que não havia contato nenhum com as crianças em gestos. No INES, nesta época, embora as crianças surdas falassem o tempo todo entre elas usando gestos, quando chegavam à sala de aula era só silêncio e uma situação constrangedora, porque o professor ficava repetindo e falando só o tempo todo. Eu achava tudo isto muito estranho. Como a escola era um internato, nós fazíamos as refeições em um refeitório comum, dividido em três setores: um para a diretoria, outro para nós e outro para os alunos. Ficávamos encantadas observando como os alunos se comunicavam entre eles usando gestos, mas ninguém podia fazer porque era proibido.

Quando voltei a Salvador fui conhecer a Escola para Surdos “Wilson Lins”⁹¹ e observei que o ensino era muito precário e professores tinham a mesma formação que eu havia recebido. Edil Sá Barreto ficou com o acompanhamento dessa Escola. Em 1973, o MEC ofereceu um curso na Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – DERDIC⁹² e fui escolhida para fazer este curso. Foi uma surpresa, porque o nível era completamente diferente daquele realizado no Rio de Janeiro.

recepção da linguagem seja feita pela via auditiva (devidamente treinada) e pela leitura orofacial” (TRENCH, 1995, apud LACERDA, Cristina B.F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES**. Campinas, v. 19, n. 46, 1998)

⁹¹ A Escola Estadual Wilson Lins é especializada em surdos desde 1959 e atende 196 alunos da 1ª a 4ª séries que estudam Libras e o ensino fundamental. O principal objetivo é a escolarização, mas também são oferecidos cursos de Libras para os pais, voluntários e a comunidade de Ondina, bairro onde se localiza a escola.

⁹² Centro de Referência no tratamento de portadores de distúrbios de audição, voz e linguagem, que há mais de três décadas presta, sem fins lucrativos, assistência a pessoas de famílias economicamente desfavorecidas. Fundada em outubro de 1954 e incorporada à PUCSP em 1969. A partir de 1972 assumiu também o compromisso com a formação de profissionais, passando a constituir o local das atividades práticas supervisionadas dos Cursos de Fonoaudiologia e Pedagogia da PUCSP.

Tive como professores Dr. Orozimbo Alves, Dr. Evaldo Rodrigues, Dr. Mauro Spinelli, Dr. Alfredo Tabith⁹³ e a lingüista Maria Cristina da Cunha Pereira.⁹⁴ Era uma equipe maravilhosa. Como sempre fui boa aluna em química, física, biologia, me entusiasmei muito com física acústica e lingüística. Lá a abordagem também era dentro da metodologia oral, mas o trabalho era muito bem estruturado na escola. Como eu ficava na escola o tempo todo, no outro horário eu fazia estágio com o professor Fernando Leite de Carvalho e Silva⁹⁵, na parte de Audiologia Clínica, realizando triagem e com a Professora Leslie Piccolotto Ferreira⁹⁶, com quem tive contato com técnicas de voz para ajudar os surdos, além das tradicionais técnicas de abordagem de fala.

Passei mais de um ano em São Paulo fazendo este curso, e quando voltei a Salvador observei que intervir na Escola Wilson Lins nesta época seria muito difícil, devido à resistência dos professores de formação tradicional em aceitar orientações de uma pessoa jovem, e decidi então trabalhar com a educação precoce de crianças surdas.

Criamos um núcleo de Educação Precoce para o atendimento a surdez no bairro de Ondina, vinculado à Secretaria de Educação, funcionando em salas cedidas, onde hoje é o Instituto Pestalozzi. Comecei a me angustiar com este trabalho, porque conhecia todas as condições necessárias para que o Oralismo pudesse dar certo, mas as

⁹³ Foniatras

⁹⁴ Professora PUCSP, lingüista da DERDIC / PUCSP com experiência em Linguagem e Surdez.

⁹⁵ Médico Foniatra (1963), na ocasião, chefe do Departamento de Fundamentos da PUC-SP e responsável pelo setor médico da DERDIC.

⁹⁶ Fonoaudióloga pela PUCSP (1971), professora titular da PUCSP, com experiência na área de Voz.

condições eram precárias, pois as salas não tinham nenhum tratamento especial para o trabalho, as crianças não tinham aparelho, e o que nós chamávamos de “educação precoce” não se realizava, porque as crianças chegavam com 5/6 anos.

As crianças chegavam tarde e sem avaliação auditiva; observando que não tinha quem fizesse essa avaliação, eu comecei a chatear um pouco os médicos que faziam nessa época avaliação audiológica usando uma atendente. Foi nesta época que o Instituto Bahiano de Otorrinolaringologia (IBO) me convidou para fazer avaliação audiológica infantil usando o *Peep Show*⁹⁷. Era algo bem simples na época, mas que já dava para fazer uma triagem melhor e também uma orientação mais cuidadosa com os pais, porque a mãe recebia o diagnóstico de surdez do filho pelo médico sem nenhum apoio. Encaminhávamos para exames auditivos objetivos em São Paulo os casos suspeitos com as condições financeiras para isto, e aqueles sem essas condições eram acompanhados, observando a criança e orientando os pais para observá-los em casa também.

Passei a desempenhar esse papel no IBO, e a educação precoce começou funcionar. Fazia um trabalho de orientação com as mães e consegui duas professoras e pedagogas sensacionais – Angelina Ladeia e Mirandinha Campos, que faziam um trabalho maravilhoso dentro daquela realidade e as psicólogas Ceres Cordeiro Santana que criou a

⁹⁷ “Peep Show” foi desenvolvido com a finalidade de auxiliar na avaliação de crianças de 2 a 6 anos de idade. Elaborada em 1947 por Dix & Hallpike, a técnica baseia-se no condicionamento de Pavlov e tem o objetivo de fazer a associação de estímulos sonoros e visuais. Nesta técnica a criança é instruída a apertar um botão diante da apresentação de um estímulo sonoro. Pode ser realizado em campo livre ou fones.

Escola de Pais e o Coral e Ana Angélica Maia Portela que junto com Simone criaram uma avaliação psicopedagógica para surdos.

Eu lutava muito lá na Educação Especial na Secretaria da Educação pela criação de um centro de surdos e conseguimos criar o CEDAS – Centro de Estudos da Surdez, onde nos reuníamos toda sexta-feira com outros profissionais, como psicólogos, pedagogos, professores. Nessas reuniões discutíamos sobre Surdez, a necessidade de avaliação em outros níveis e chegamos a publicar uma revista com o patrocínio da Petrobrás.

Na Secretaria da Educação, havia Aldina e Vandiva que trabalhavam como logopedistas, atendendo crianças de classe especial com dificuldades na fala. Elas eram professoras antigas da Secretaria da Educação que fizeram o curso do INES e atendiam crianças especiais e também aquelas que vinham pela queixa da escola. O atendimento era no prédio da Secretaria da Educação, que, na época, funcionava no Palacete Catarino, no bairro da Graça. Quando se aposentaram em 1975, elas me passaram essa clientela e eu fiquei assistindo a Educação Precoce e atendendo na Secretária de Educação, que também oferecia no mesmo local o serviço de Psicologia.

Os surdos só eram atendidos no espaço que funcionava no bairro de Ondina e na escola Wilson Lins. Havia também uma colega minha, Aidil Sá Barreto, que cursou o INES e também esteve em São Paulo, que dava supervisão na área de surdez na escola Wilson Lins. Ela atuava na Escola Wilson Lins e eu na Educação Precoce.

A Educação Precoce caminhava, mas as crianças não tinham como comprar aparelho e quando conseguiam não havia condições de fazer a manutenção. Era um caos, mas ainda assim um trabalho legal. Começamos nesta época a experimentar a Comunicação Total⁹⁸, quando veio aquela onda de Comunicação total.

Buscávamos um lugar para funcionar o Centro de Surdez, sofrendo com as muitas promessas do Estado, até que conseguimos um terreno junto ao Instituto Pestalozzi e a construção do prédio começou a se concretizar, e hoje é onde está instalado o Centro de Educação Especial da Bahia (CEEBA)⁹⁹. Idealizávamos um Centro de Surdos como um lugar de pesquisa, capacitação e multiplicação de profissionais, um local de excelência onde pudéssemos experimentar vários tipos de abordagens para com o surdo.

Foi nesta época que eu comecei a atender alguns surdos. Cecília Bevilacqua¹⁰⁰ me conhecia e me telefonou de São Paulo, encaminhando

⁹⁸ "O descontentamento com o oralismo e as pesquisas sobre línguas de sinais deram origem a novas propostas pedagógico-educacionais em relação à educação da pessoa surda, e a tendência que ganhou impulso nos anos 70 foi a chamada comunicação total. (...) A Comunicação Total é a prática de usar sinais, leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital para fornecer *inputs* lingüísticos para estudantes surdos, ao passo que eles podem expressar-se nas modalidades preferidas" (Stewart 1993, p. 118). (...). A oralização não é o objetivo em si da comunicação total, mas uma das áreas trabalhadas para possibilitar a integração social do indivíduo surdo" LACERDA, Cristina B.F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES**. Campinas, v. 19, n. 46, 1998

⁹⁹ Espaço especializado e complementar para o atendimento ao aluno de Necessidades Educacionais Especiais, visando a integração dos mesmos no ensino regular e na comunidade. Oferece modalidades de serviços na área educacional, de apoio especializado e profissional, destinado aos alunos com deficiência de todos os níveis de ensino da rede oficial e também extensivo à comunidade geral. Conta com uma equipe de especialistas integrada por psicólogo pedagogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo, musicoterapeuta, fisioterapeuta, dentista, professores especializados e instrutores.

¹⁰⁰ Fonoaudióloga pela PUCSP (1970), professora titular da USP, com experiência na área de Surdez e Implante Coclear.

pacientes avaliados pelo Dr. Orozimbo Alves Costa¹⁰¹. Foi um trabalho muito bom e eu tive muitos pacientes que desenvolveram e outros que não conseguiram. Não vou dizer que foi 100% de jeito nenhum, mas tive um paciente que foi e é, até hoje, um caso extraordinário. Cecília Bevilacqua e todo mundo em São Paulo queriam apresentar o caso em congresso, porque ele tinha uma perda auditiva profunda e uma comunicação maravilhosa. Hoje ele está formado, fez pós-graduação e foi um caso muito bom, porque ele também era muito inteligente e a família tinha todas as condições possíveis, embora outros com a mesma perda auditiva e as mesmas condições não iam adiante. Iniciei também o atendimento clínico, não só de surdez, mas de outros casos e comecei a trabalhar na Fonoaudiologia.

O Centro de Educação Especial finalmente ficou pronto e conseguimos salas com o sistema FM, cabine de avaliação audiológica e também salas para atendimento fonoaudiológico, porque buscávamos criar condições para que o fonoaudiólogo pudesse fazer parte do quadro de profissionais do Estado. Algumas pessoas foram contratadas, mas o Estado não assumiu esse compromisso e até hoje o Fonoaudiólogo não está inserido neste quadro.

Eu me aposentei da Secretaria da Educação e me afastei. Nós conseguimos formar um grupo de estudos da Surdez no Curso de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde ministrei três cursos sobre o tema. Sensibilizamos uma professora de Lingüística a

¹⁰¹ Medico Otorrinolaringologista (1961), professor titular da Universidade de São Paulo com experiência em Surdez e Implante Coclear.

participar e me coloquei a disposição, mesmo aposentada, para continuar trabalhando no grupo, mas, com a mudança de governo, o vínculo com a universidade foi cortado e o grupo se desfez. Havia muitas pessoas interessadas neste grupo, como Professor Jorge Salles e a professora Ana Amélia Carvalho que eram da UFBA e hoje trabalham na Faculdade Rui Barbosa. A partir disso foi iniciado o atendimento a pessoa surda na UFBA pelo serviço de psicologia. O CEEBA que nós pensamos não é nada do que é hoje.

Fiquei muito desanimada com o grupo de estudo, porque trabalhávamos e nos dávamos conta que nada seria aplicado na prática. No Estado é muito difícil trabalhar um projeto de longo prazo.

Eu tive a felicidade de trabalhar na Secretaria da Educação naquilo que eu queria, não tive imposição. Atuei em prevenção, participava de reuniões sistemáticas do UNICEF sobre prevenção e causas da Surdez e coordenei um grupo que trabalhava com Agentes Comunitários (ACs). Fazíamos reuniões junto do Projeto Axé, que funcionava na igreja de Santo Antonio da Barra. Participei também de um projeto liderado por uma psicóloga da Secretaria da Educação com os coordenadores de escolas de Salvador. Infelizmente, nos projetos do Estado, quando sai a pessoa que está na coordenação do projeto, as coisas acabam. Promovemos muitos cursos de formação de professores de surdos, inclusive em universidades, com Nelson de Luca Preto¹⁰², a fonoaudióloga Ana Maria Pimenta, em Audiologia, e outros.

¹⁰² Professor da Faculdade de Educação da UFBA.

Antes era só a Escola Wilson Lins que atendia pessoas surdas, depois começaram a ser implantadas classes especiais em escolas comuns nos bairros de João das Botas, no morro do Gavazza, no colégio Serravalle do bairro da Pituba, na Cidade Baixa, que, acredito, funcionam até hoje.

A escola Wilson Lins passou por uma reformulação e constitui hoje o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez “Wilson Lins” (CAS)¹⁰³, funcionando muito bem. Duas pedagogas do grupo de estudos da UFBA estão no CAS e também fazem Mestrado na Uneb.

Na clínica em que atuo hoje temos um grupo de estudos sobre Surdez, mas na linha do Bilingüismo.¹⁰⁴ Eu passei por todo esse processo de mudança, primeiro trabalhei muito tempo como oralista, depois não experimentei comunicação total, mas discutimos a viabilidade de sua implantação na educação precoce e, agora, estou estudando bilingüismo, que é outra maneira de lidar com a surdez. Estou sempre estudando, porque gosto de estudar. Faço atendimento clínico, participo do grupo de estudos sobre Surdez, de um grupo de relações interpessoais e também estudo inglês para mim mesma.

¹⁰³ Criado com o objetivo de oferecer cursos de Libras e Português para Surdos, formar professores intérpretes e atender pessoas surdas no âmbito educacional, o CAS já capacitou 150 professores, cerca de 100 familiares de alunos e 200 policiais.

¹⁰⁴ “Essa proposta defende a idéia de que a língua de sinais é a língua natural dos surdos, que, mesmo sem ouvir, podem desenvolver plenamente uma língua visogestual. Certos estudos (Bouvet 1990) mostram que as línguas de sinais são adquiridas pelos surdos com naturalidade e rapidez, possibilitando o acesso a uma linguagem que permite uma comunicação eficiente e completa como aquela desenvolvida por sujeitos ouvintes. Isso também permitiria ao surdo um desenvolvimento cognitivo, social etc. muito mais adequado, compatível com sua faixa etária”. LACERDA, Cristina B.F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES**. Campinas, v. 19, n. 46, 1998.

Minha atuação no momento atual é na CRESCER¹⁰⁵ Centro de Atendimentos Especializados, onde faço atendimento clínico e sou diretora administrativa. Ainda atendo alguns surdos e estou experimentando trabalhar o português escrito com um paciente surdo, acompanhada de Josélia, uma professora interprete surda do CAS, como tradutora em línguas de Sinais, embora eu ofereça também a pista oral, se necessário. Outra paciente surda é uma menina que usa alguns gestos, mas se comunica mais pela linguagem oral.

Eu acho que o Bilingüismo é um caminho ultrapassando a visão de deficiência e contempla o surdo como diferente. A diferença como singularidade. O atendimento ao surdo nessa visão leva em conta sua condição bilíngüe-bicultural. No oralismo, para conseguir linguagem, a criança fica muito sacrificada, são 24 horas no ar, uma família muito interessada, um aparelho 24 horas e um sobressalente, se precisar.

Uma das coisas que me preocupa é de que forma colocar o mais cedo possível a criança em contato com a língua de Sinais, para que ela desenvolva de forma natural, porque esta não é aprendida, é natural como a nossa. Aqui em Salvador ainda temos muita dificuldade, porque a comunidade surda ainda está se estruturando. O CAS está fazendo um trabalho muito bom, está organizando a comunidade surda, estão se interessando e questionando e, a partir daí, politizando, vai melhorar bastante. Uma visita ao CAS pode ser bem interessante. Eu acho que, quanto mais cedo a exposição à língua de Sinais, maior possibilidade de

¹⁰⁵ CRESCER – Centro de Atendimentos Especializados. Fundado em 1º de Agosto de 1985 com atendimentos em psicologia, Fonoaudiologia, Psicopedagogia e Assessoria.

um uso bem estruturado. Mas como? Onde e com quem colocar o bebezinho para aprender a linguagem de Sinais?

Vejo que há um caminho para a Fonoaudiologia dentro dessa abordagem bilíngüe, embora tenha um grupo radical que acha que não. Penso que se a família faz opção pela linguagem oral, nós temos que ser democratas, porque também é possível fazer um trabalho bom nesta orientação. Fiquei satisfeita ao saber que as novas diretrizes curriculares dos Cursos de Fonoaudiologia incluem LIBRAS.

Concluindo, gostaria de colocar que penso que a Fonoaudiologia é uma profissão que exige muito estudo, porque cada paciente é um desafio e temos que estar atentos para não fazer uma receita para todos. Eu acho que ser cuidadoso e ético é da maior importância, e pautei trabalhar nestes princípios, o que não quer dizer trabalhar sem nenhuma falha.

COMENTÁRIOS E REFLEXÕES

A entrevista de Sonia Veloso foi a última, e transcorreu com tranquilidade, com minhas “ansiedades sobre controle”, diferente do que já havia ocorrido nas entrevistas iniciais. O agendamento também foi fácil, talvez por que a minha experiência já tivesse me ensinado a deixar de lado as expectativas e só apreciar a trama sutil das lembranças se construindo, talvez por que as entrevistas e os momentos são únicos.

Sua narrativa tem a marca da tranquilidade na reflexão sobre o vivido. Os caminhos que tomou na construção de um trabalho com pessoas surdas exemplificam o amadurecimento que nunca esteve

apartado da consideração dos sentidos de pessoa e comunicação. O posicionamento teórico desta minha colaboradora na questão das pessoas surdas e suas famílias não está vinculado a modismos acadêmicos, mas à experiência.

Observo que inicia e encerra essa narrativa com o mesmo tema, evidenciando que as perguntas vão continuar sempre quando se trata de ser humano. É bonito poder apreciar que a experiência lhe proveu de uma tranquilidade para se colocar como humana entre humanos – às vezes equivocada, mas nunca sem compromisso com o outro.

CAPITULO IV:

RAÍZES

(...) “Podemos colher enorme quantidade de informações factuais, mas o que importa é delas fazer emergir uma visão de mundo” (BOSI, 2003, p. 18).

Encontramos nas narrativas as motivações individuais que se sustentam sob alguns traços comuns, sendo interessante conhecer como cada colaboradora sentiu ou percebeu as mudanças, como sintetizou os acontecimentos buscando uma identidade, porque esta é indissociável da memória, estando aberta a negociações de valores antigos e novos.

Neste capítulo, optei então por nortear as considerações dirigindo o olhar para a construção singular da Fonoaudiologia em Salvador, que traz aspectos comuns com o percurso histórico da área no país.

Em primeiro lugar, destaco que, nas histórias já escritas no Brasil sobre a Fonoaudiologia, é recorrente a associação entre o aparecimento das primeiras práticas descritas e as ações/intervenções em saúde pública, que, estruturadas sob os vários paradigmas históricos, estabeleceram modelos e objetivos da atenção. Salvador também compartilhou desse momento.

FIGUEREDO NETO (1988), por exemplo, refere que a medicalização dos problemas sociais decorrentes, entre outros aspectos, da adoção de uma Língua-Padrão Nacional Higienizada fez surgir a patologização da linguagem, que precisava de médicos para o diagnóstico e professores para sua correção.

BERBERIAN (1993) destaca que a preocupação com o tratamento de distúrbios da comunicação surgiu no Brasil quando essas

iniciativas passaram a ter um papel importante nas formas de organização social; ou seja, práticas fonoaudiológicas implicadas em posturas e medidas públicas em saúde.

SILVEIRA (1996) refere como momento precursor a criação do setor de Ortofrenia e Psicologia do Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE), ligado à prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, na época o Distrito Federal, para atender a demanda da rede estadual de crianças com problemas na escolaridade. Uma iniciativa pública para práticas fonoaudiológicas na saúde e educação.

Destacamos, nas narrativas colhidas sobre a Fonoaudiologia em Salvador, algumas experiências que se incluem nessa perspectiva, como por exemplo: a presença do *PEACE CORPS*, situado em momento histórico de “ajuda externa” de perfil voluntário aos programas sociais internos.

“Este trabalho fez com que “Irmão Dubois”, o diretor do Instituto de Psicologia da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, me procurasse para trabalhar com problemas de linguagem e também para participar de um curso específico que seria oferecido por uma fonoaudióloga norte-americana integrante dos Voluntários da Paz (*Peace Corps/* Corpos da Paz) chamada “Carol Perry” (LIA MARA).

“O Instituto Pestalozzi da Bahia foi reaberto e voltei para trabalhar no Setor de Terapia da Palavra e foi nesta época que conheci os Voluntários da Paz, jovens voluntários americanos que em suas especialidades desenvolviam alguns trabalhos. A voluntária Sharon Levy disse que era *speech therapist* e perguntou-me se poderia me ajudar no Pestalozzi” (OLGA TANAJURA).

Também como programas públicos de ação em saúde/educação, temos a atuação em práticas fonoaudiológicas de professoras dentro da SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DA BAHIA (“professoras de Calafasia”).

“(...) Na década 60, outras pessoas em Salvador já trabalhavam com correção de fala e voz, principalmente com crianças. Eram professoras primárias que fizeram curso no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES no Rio de Janeiro, mas que também trabalhavam com ouvintes (...)” (OLGA TANAJURA).

“Na Secretaria da Educação, havia Aldina e Vandiva que trabalhavam como logopedistas, atendendo crianças de classe especial com dificuldades na fala. Elas eram professoras antigas da Secretaria da Educação que fizeram o curso do INES e atendiam crianças especiais e também aquelas que vinham pela queixa da escola. (...) Quando se aposentaram em 1975, elas me passaram essa clientela e eu fiquei assistindo a Educação Precoce e atendendo na Secretária de Educação, que também oferecia no mesmo local o serviço de Psicologia” (SONIA VELOSO).

“Criamos um núcleo de Educação Precoce para o atendimento a surdez no bairro de Ondina, vinculado à Secretaria de Educação, funcionando em salas cedidas, onde hoje é o Instituto Pestalozzi” (SONIA VELOSO).

No final dos anos 70 e início dos anos 80, temos fonoaudiólogos que chegaram a Salvador para trabalhar em clínicas de reabilitação que mantinham convênio com a FUNDAÇÃO LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – LBA. Vejamos o que disseram as colaboradoras:

“(...)Tive sorte porque já estava trabalhando no Instituto Baiano de Reabilitação (IBR), depois fui para a APAE, que por exigência da LBA precisou contratar fonoaudiólogos com graduação” (LEONORA).

“No início dos anos 80, a Legião Brasileira de Assistência – LBA foi responsável pela chegada de vários profissionais a Salvador. Parece-me que, por determinação do governo, para se conveniar, toda clínica necessitava ter na equipe, entre outros profissionais, um fonoaudiólogo(...), em 1984, e já foi uma outra etapa. A LBA já não atuava muito, mas nem lembro como isto foi acontecendo (...)” (CARMEN FERNANDES).

Consultando a fonoaudióloga Maria José C. Lobo Teixeira da Silva, proprietária do Instituto Guanabara, instituição dedicada ao atendimento a crianças com necessidades especiais em Salvador desde 1970, ela informou que, “para firmar convênio com a LBA, foi necessário

“importar” fonoaudiólogos de outros estados, uma vez que, dentre os critérios para a realização deste convênio, havia a necessidade de formar uma equipe multidisciplinar com inclusão do fonoaudiólogo, considerando um determinado número de crianças”.

A LBA foi a primeira instituição pública federal de assistência social no Brasil, criada em outubro de 1942, cuja presidência estava assegurada às primeiras-damas da República. Em 1946, redefiniu sua finalidade para a defesa da maternidade e da infância, tornando-se uma fundação em 1969. Após cinco anos (1974), foi incorporada ao Ministério da Previdência e Assistência Social (MPSA), e em 9 de fevereiro de 1979, o Decreto-Lei 8.2.1979 aprova seu estatuto, estabelecendo como objetivo principal a prestação de assistência social à população carente, mediante programas de desenvolvimento social e de atendimento às pessoas, independentemente da vinculação destas a outra entidade do SINPAS (Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social). Estabelece dez diretrizes, sendo que, dentre elas, podemos destacar a “definição da assistência social como englobando, prioritariamente, assistência pré-natal e natal, reforço alimentar na faixa de 0 a 6 anos de idade, assistência aos excepcionais e amparo à velhice; celebração de convênios com escolas públicas e particulares, empresas, municipalidades, associações e instituições assistenciais e filantrópicas para execução de programas de assistência social; participação no

custeio de programas de assistência social de quaisquer entidades privadas por ela previamente aprovados”¹⁰⁶.

No primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998), a LBA foi extinta, e seu patrimônio foi repassado aos estados e municípios, sendo a grande maioria dos técnicos encaminhada para as secretarias estaduais (MONFREDINI, 2003).

Em sua dissertação sobre gestão e política de assistência social no Brasil, MONFREDINI faz as seguintes considerações sobre a LBA:

“A diversidade de atuação [da LBA], apesar de apresentar certa flexibilidade, tinha em sua marca a descontinuidade e a ausência de mecanismos de controle e de integração, favorecendo o uso político da instituição que acabou por desgastar sua imagem. Os traços centrais que reproduziram um perfil do órgão podem ser vistos por algumas características mais gerais de: i) grande flexibilidade nas formas de atuação; ii) descontinuidade dos programas; iii) ausência de mecanismos de controle, participação social, planejamento e avaliação; iv) desarticulação das ações; v) uso político da instituição e fonte permeável à corrupções e fraudes” (MONFREDINI, 2003, p.56)

É possível identificar nas narrativas das minhas colaboradoras as lutas empreendidas no cotidiano, por meio de um trabalho fonoaudiológico privatista; ou seja, de baixa ou quase ausente inserção no serviço público, sendo o acesso da população somente mediante o pagamento.

Temos, portanto, em Salvador, uma Fonoaudiologia construída pela iniciativa privada. E isso é resultado de políticas públicas que não primam pelo planejamento estratégico de longo prazo, que mudam ao sabor das conveniências, o que parece exemplar no caso da cidade de Salvador.

¹⁰⁶ Acesso em 01/08/2007. Disponível em:
< <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=211687>>

“Em 1957, (...) aceitei o convite de (...) para trabalhar no Instituto Pestalozzi, que ela havia fundado em Salvador. Algum tempo depois, para sua decepção e de todos os pais, o Governador Antonio Balbino fechou o Instituto Pestalozzi, talvez por considerar que gastar com excepcionais não valia a pena. (...) Os pais das crianças tiveram que procurar escolas particulares” (OLGA TANAJURA).

“No Instituto de Psicologia da Católica eu atendia pessoas com problemas de comunicação em grupo e individual. (...) Era um Instituto dirigido por Irmão Dubois, um religioso muito idealista, que conseguiu dentro da UCSAL um Instituto para cuidar das pessoas. Ele era um cuidador e se cercava de gente em quem que acreditava e que também acreditava nele também, mas a UCSAL parece que não gostava muito destas iniciativas, porque custava dinheiro e não sei se ele sabia lidar com essa parte de administração. Houve algum problema de gestão, não de qualidade de trabalho e a Instituição retirou o apoio as suas iniciativas” (LIA MARA).

“A Educação Precoce caminhava, mas as crianças não tinham como comprar aparelho e quando conseguiam não havia condições de fazer a manutenção. (...) O Centro de Educação Especial finalmente ficou pronto (...) e também salas para atendimento fonoaudiológico, porque buscávamos criar condições para que o fonoaudiólogo pudesse fazer parte do quadro de profissionais do Estado. (...) mas o Estado não assumiu esse compromisso e até hoje o Fonoaudiólogo não está inserido neste quadro. (...) Eu fiquei muito desanimada com o grupo de estudo, porque trabalhávamos e nos dávamos conta que nada seria aplicado na prática. No Estado é muito difícil trabalhar um projeto de longo prazo” (SONIA VELOSO).

“(...) em 1981, deixei a sua [Clínica Pinto Duarte] clínica para trabalhar em consultório particular. A gente vai criando asas. (...) O conhecimento fonoaudiológico que você oferece aos pacientes através do seu trabalho, mesmo não se misturando nas relações, tem repercussão pessoal, no destino deles. Por exemplo, você faz um trabalho com o surdo, ele se identifica, melhora, começa a falar e obtém suporte necessário para suas relações interpessoais, tudo isto através da comunicação que foi desenvolvida por este trabalho” (CARMEN FERNANDES).

“(...) As crianças chegavam tarde e sem avaliação auditiva; observando que não tinha quem fizesse essa avaliação, eu comecei a chatear um pouco os médicos que faziam nessa época avaliação audiológica usando uma atendente. Foi nesta época que o Instituto Bahiano de Otorrinolaringologia (IBO) me convidou para fazer avaliação audiológica infantil usando o “Peep Show” (SONIA VELOSO).

“No Centro Terapêutico Municipal Dr. Álvaro Rubim de Pinho cheguei sem saber o que me esperava. Nunca havia trabalhado na área de Saúde Mental. Lá sou fonoaudióloga generalista, tenho que dar conta de uma grande demanda de pacientes. O que eu não posso atender, como dislexias,

disfonias orgânicas, etc, faço encaminhamento para outros serviços. O problema é: para onde?” (LEONORA).

Observamos que, com esse trabalho privado, único possível nesse contexto de grande demanda da população e pouco compromisso dos órgãos públicos, as precursoras da Fonoaudiologia em Salvador foram adquirindo experiência, investindo na formação e percebendo os efeitos desse trabalho, que era muito reconhecido pelos pacientes. Esse reconhecimento fez com que elas ganhassem confiança para divulgar a área:

“Como fui obtendo alguns resultados, começaram a aparecer muitas crianças com problemas de fala e então aluguei uma sala para atender” (OLGA TANAJURA).

“(…) Ao retornar deste curso de D. Lucia Bentes no Rio de Janeiro, participei de programas de televisão, fiz palestras, reuniões com professores e também dentistas, porque, nesse curso, já haviam sido introduzidas noções mais específicas de Motricidade Oral” (OLGA TANAJURA).

“(…) Falando da divulgação, as pessoas não conheciam o nosso trabalho, e os encaminhamentos eram feitos de modo vago.(…) Havia certa fragilidade nesses encaminhamentos. (...) Mas não demorou muito e nós conseguimos alguma estabilidade graças ao trabalho de arregaçar as mangas e ir pessoalmente conversar com os profissionais, as escolas, professores, diretores, etc. Todas se esforçaram (...)” (CARMEN FERNANDES).

É interessante observar como elas relatam com muito orgulho e entusiasmo as lutas vencidas pelos pacientes, demonstrando uma cumplicidade /solidariedade com eles:

“(…) Em 1975, (...) Dr. Hélio Lessa (...), Dr.Cortizo e Dr. Antonio Borja nos convidaram para fazer umas palestras no auditório da Ordem dos Advogados da Bahia (OAB) (...) um paciente com laringectomia se ofereceu para falar do seu caso e foi ótimo. Ele falou muito bem e disse que eu tinha restituído não só a voz dele, mas também a vida (...)” (OLGA TANAJURA).

“(…) Iniciei o trabalho com o indivíduo laringectomizado sob supervisão de Carol e logo ele começou a emitir sons. Era uma fala gutural, mas encantadora porque ele era animadíssimo. Ele queria exibir que estava laringectomizado,

se sentia vitorioso por estar ultrapassando as dificuldades e começou a dar muitas entrevistas. Faz tantos anos isso e eu nunca mais tive notícia dele. Ele chegou a assobiar (já pensou um laringectomizado assobiando) (...)” (LIA MARA).

“(...)Tenho uma satisfação muito grande com a cidade de Salvador, com as pessoas, os profissionais e, principalmente, com os pacientes; acho difícil sair daqui. O reconhecimento vinha nos encaminhamentos, e tem uma particularidade: mesmo com o trabalho concluído, a família às vezes telefona e diz: “olha, ele está trocando de escola, eu gostaria da sua assessoria”. Encontro casualmente pacientes que não reconheço, porque cresceram, mas a mãe reconhece, apresenta, elogia. Encontro pacientes de outras colegas que também falam: “Ah! você é fonoaudióloga! Lembra fulana de tal, foi paciente de Rina, foi paciente de Célia, de Leonora”” (CARMEN FERNANDES).

Além do trabalho pontual de cada profissional em clínicas privadas, podemos destacar também um grande investimento paralelo no trabalho de institucionalização da área: reconhecimento da profissão, organização de classe em Salvador e a persistência no objetivo de conseguir a formação de novos profissionais.

“(...) Abigail Caracik, uma pessoa muito dinâmica com um trabalho maravilhoso no Rio de Janeiro, que me sugeriu formar um grupo de fonoaudiólogos na Bahia” (OLGA TANAJURA).

“(...) Em 1980, fui convidada para participar de uma reunião na Clínica de Leonora, (...) Na verdade, a reunião foi solicitada por Olga Tanajura, que, retornando de um Congresso no Rio de Janeiro, procurou congregar os colegas em Salvador para dar apoio ao movimento de regulamentação da profissão” (CARMEN FERNANDES).

“Não me recordei bem, mas por volta de 1979/1980 pensei em procurar fonoaudiólogos que trabalhavam em Salvador. (...) Encontrei Olga Tanajura. Conversamos e combinamos de publicar um edital em um jornal local (“A Tarde”) convocando os colegas para uma reunião na clínica onde eu trabalhava na Rua Milton de Oliveira. (...) Acho que este foi o primeiro momento de reunião da classe aqui em Salvador” (LEONORA).

“(...) Nesta época, trabalhamos no reconhecimento da profissão junto ao Congresso Nacional e o MIEF – Movimento Interestadual das Entidades Fonoaudiológicas. Tenho muito orgulho de ter participado destas reuniões em Salvador e em outros Estados na luta pela criação do Conselho Federal de Fonoaudiologia e reconhecimento da profissão junto ao Congresso Nacional” (LEONORA).

“Na administração da prefeita Lídice da Mata tivemos uma reunião com seu Secretário da Saúde (...). Ele nos pediu um levantamento da necessidade de atuação do fonoaudiólogo em todos os postos de saúde da cidade de Salvador. Foi feito um mutirão com os colegas fonoaudiólogos” (LEONORA).

“(...) Recebemos a visita da professora Maria Augusta Dantas do Nascimento do Instituto de Ciências da Saúde (ICS), da Universidade Federal da Bahia, falando da possibilidade de criação do Curso de Fonoaudiologia (...). Antes desta iniciativa da UFBA nós atendemos na APROFEB a solicitação da Universidade Católica do Salvador (UCSAL) de um projeto para a implantação de um curso de Fonoaudiologia, que não foi implantado (...)” (LEONORA).

Em relação a outras histórias já relatadas sobre a Fonoaudiologia no Brasil e as apresentadas pelas minhas colaboradoras em Salvador, podemos destacar em comum uma matriz formadora que diz respeito ao investimento na educação de pessoas surdas e com deficiência mental, em âmbito geral nas ações ligadas ao poder público, e no particular, na mobilização de pais interessados em oferecer oportunidades aos seus filhos.

Nesse contexto, parece-me interessante referir aspectos da história da educação do surdo no Brasil, tratados no trabalho de SOARES (1996).

A autora refaz o percurso histórico do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, tradicional instituição no Rio de Janeiro, desde a sua fundação no final do século XIX até o final da administração da professora Ana Rimoli, em 1961, na intenção de compreender a incorporação do oralismo como método pedagógico na educação do surdo na década de 50.

Entre os aspectos relevantes tratados, destaco priorizar a oralização (preparar para a escola) em detrimento da escolarização e os seus desdobramentos: foco em técnicas para trabalhar a fala, com perfil individualizado, abordagem terapêutica que se aproxima do enquadre da Fonoaudiologia, e a preparação de professores de vários estados do Brasil, incluindo a Bahia, por meio de cursos oferecidos pelo governo, para a reprodução desse modelo:

“Na Secretaria da Educação, havia Aldina e Vandiva que trabalhavam como logopedistas, atendendo crianças de classe especial com dificuldades na fala. Elas eram professoras antigas da Secretaria da Educação que fizeram o curso do INES e atendiam crianças especiais e também aquelas que vinham pela queixa da escola (...)” (SONIA VELOSO)

“Minha história na Fonoaudiologia começa na Secretaria de Educação do Estado da Bahia (...) Eu era pedagoga, mas sem nenhuma formação especial. Em 1972 fui fazer um curso de um ano no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o que despertou meu interesse sobre a Surdez” (SONIA VELOSO).

“Através destas aulas [aula de dicção na escola de Teatro da UFBA] fui convidada para ministrar aulas de respiração na Escola de Surdos Wilson Lins. Logo ao chegar, me ocorreu que não estava trabalhando com surdos, mas com pessoas, crianças. Pensava: vou trabalhar com a voz ou com a pessoa?” (LIA MARA).

Assim como relatado em São Paulo (AACD) e Rio de Janeiro (Sociedade Pestalozzi), Salvador também traz na origem das suas primeiras práticas fonoaudiológicas o trabalho com pessoas com deficiência mental, por meio das iniciativas da Sociedade Pestalozzi da Bahia, Instituto Bahia de Reabilitação – IBR, Clínica de Paralisia Cerebral Dr. Pinto Duarte, APAE e outras instituições credenciadas pela LBA.

“(...) Nesta época eu achava que crianças excepcionais eram crianças muito inteligentes, mas ele [Dr Anísio Teixeira] explicou que era exatamente o contrário,(...) Propôs que eu visitasse a Sociedade Pestalozzi do Brasil (...) aquelas crianças tão meigas me cativaram tanto que fui ao Dr. Anísio

dizer que aceitava o curso. Este curso abriu um novo mundo pra mim (...)" (OLGA TANAJURA).

"(...) Em 1957, (...) saí de Caetité e aceitei o convite de D. Elizabeth Chaves (ex-aluna de Dra. Helena Antipoff) para trabalhar no Instituto Pestalozzi, que ela havia fundado em Salvador" (OLGA TANAJURA).

"(...) eu já tinha alunos particulares com deficiência mental e achava que eles necessitavam falar melhor, mas não sabia como ajudá-los. Encontrei (...) o livro "Defectos de la diccion infantil" de Tobias Correadeira Sanches. (...) com ele fui trabalhando a fala das crianças(...)" (OLGA TANAJURA).

"Cheguei a Salvador em maio de 1979, (...) e vim para Salvador para trabalhar com crianças com Paralisia Cerebral e Atraso de Linguagem" (CARMEN FERNANDES).

"(...) No último semestre [1975], o diretor da Escola de Reabilitação onde eu estagiava, (...) convidou-me para trabalhar num serviço de Paralisia Cerebral que estava montando em Salvador. (...) Deixei a Clínica Pinto Duarte quase 2 anos após chegar do Rio de Janeiro (...) Tive sorte porque já estava trabalhando no Instituto Baiano de Reabilitação (IBR), depois fui para a APAE" (LEONORA).

Por fim, nessas cinco histórias precursoras, é marcante o trabalho de reflexão sobre o fazer clínico na Fonoaudiologia. Observo que as narrativas tocam em dimensões que encontram ressonância em proposições discutidas por SAFRA (2004), quando se refere à clínica na contemporaneidade e à concepção de homem constituído historicamente, único e múltiplo, que se singulariza pela presença de outros do passado, do presente e que virão, das coisas e da natureza. É nosso dever, como clínicos, nos colocarmos humanos entre humanos. Vejamos o que o autor nos diz sobre a clínica:

"Testemunhamos em nossos consultórios, ao longo dos anos, situações inusitadas, que colocam em questão nossas teorias e nossa prática clínica. Para fazer frente a essas questões e sermos fiéis a nossa vocação de clínicos, temos de nos posicionar como eternos aprendizes. O inédito e o singular visitam a cada dia nossos consultórios, ensinando-nos novas maneiras de caminhar em direção à revelação da condição humana" (SAFRA, 2004, p. 21).

.....

“Ao voltarmos para a situação clínica, veremos que ela se caracteriza pelo **cuidado** que estabelece as condições necessárias ao acontecer humano. Esses são fatos que me levam a afirmar que a clínica é essencialmente ética (*ηθoς*), e a ética é clínica! Nessa perspectiva, cai por terra toda concepção que busca definir a situação clínica a partir de procedimentos técnicos. A técnica assim compreendida joga o paciente em direção ao conceituável, roubando-lhe o indizível e os mistérios do seu ser. Este é o homem-coisa e não mais **ser**, não mais **presença**” (SAFRA, G. 2004, p. 27).

Nas vozes das narradoras há uma visão de mundo que se expressa em valores essenciais para o acontecer humano, como a gratidão, o entusiasmo, o respeito e o acolhimento ao jeito de ser do outro, a responsabilidade social, a solidariedade, o compromisso com a pessoa antes do compromisso com “técnicas”, “escolas”, “correntes teóricas” etc.

É possível identificar nas narrativas situações exemplares, conselhos tecidos na experiência que considero bons momentos de reflexão para a Fonoaudiologia, e por isso finalizo destacando-os aqui:

- A clínica é dialética, e paciente e terapeuta se constituem mutuamente. O investimento do terapeuta pelo conhecimento que surge dessas demandas chama-se compromisso. O estar mutuamente afetado implica acolhimento em comunidade.

“Fui cuidando de disfonia e busquei aprender mais coisa. Fiz muitos cursos para trabalhar o corpo (...). Estudei expressão corporal e karatê (...) Estudava o que vinha na cabeça, o que me parecia relacionado com a fala, embora aparentemente não tivesse. (...) Já tinha feito também Yoga, mas achei que o Tai Chi Chuan juntava a Yoga. (...) Fiz o curso de três anos do “Trauma tem cura”, com Peter Levine. (...) **Isto tudo era uma procura minha para, em menos tempo possível, respeitando o indivíduo, fazer com que ele se libertasse da escravidão, da gaiola que vivia, de se sentir preso na comunicação com o outro**” (LIA MARA).

“Tenho muita esperança que as pessoas **aprendam a falar e, sobretudo, aprendam a ouvir**, porque senão no Brasil não teremos formação de massa crítica. Nós estamos **precisando muito de percepção de mundo** e penso que nossa missão é de responsabilidade cívica. As pessoas estão girando muito em torno do individual, a relação com o

computador, a relação com a fantasia do outro. (...) Está na hora de a gente mudar a cabeça e lembrar que precisamos de uma coisa chamada **SO-LI-DA-RI-E-DA-DE**. Acho que Fonoaudiologia sem filosofia de vida não vai para lugar nenhum” (LIA MARA).

“O conhecimento fonoaudiológico que você oferece aos pacientes através do seu trabalho, **mesmo não se misturando nas relações, tem repercussão pessoal, no destino deles**. Por exemplo, você faz um trabalho com o surdo, ele se identifica, melhora, começa a falar e obtém suporte necessário para suas relações interpessoais, tudo isto através da comunicação que foi desenvolvida por este trabalho. Quando ele começa também a caminhar com os próprios pés, há uma reciprocidade, não é uma situação unilateral. Não é assim: eu tenho todo o conhecimento e o outro não tem nada para me dar. Eu sempre de alguma maneira estou aprendendo com a outra pessoa, **enfim a gente trata de humano mesmo**. Sei que eu tenho a obrigação de ter conhecimento profissional, de me especializar, de oferecer suporte técnico, mas passa tudo pelo humano, pela possibilidade de **crescimento conjunto**” (CARMEN FERNANDES).

- A relação terapêutica é complexa, porque as pessoas são complexas e as possibilidades de trabalho não podem se reduzir à aplicação de técnicas.

“Tornei-me professora de dicção na Escola de Teatro porque descobri que, ao falar como eu mesma, eu gaguejava, mas quando pegava um personagem isto não acontecia. **Descobri que se o problema não estava na fala, deveria estar em mim**. Foi uma grande descoberta poder administrar isso e não controlar, porque eu passei toda minha juventude controlando e isso me dava um enorme desgaste emocional. É por isto que entendo o problema dos outros, entro em empatia e quando alguém me procura **faço tudo para tirar e não para botar pecado e culpa na história**” (LIA MARA).

“Eu sou mais pela voz do que pelas palavras e fazia diagnóstico da voz, mesmo sem ter esses aparelhos todos(...). Havia muito locutor de rádio que falava todo impostado, mas no dia a dia era fanhoso e isto era uma salada vocal. **Onde estava o indivíduo dentro dessa salada é que era a minha preocupação maior**” (LIA MARA).

“Conhecer-se, conhecer sua voz e com isso poder fazer o personagem que quiser. Você não impõe voz, você administra e aumenta o repertório (...) Não adianta dar **adestramento** para o falante se você não trabalhar a mente da pessoa para se libertar e gostar de si mesma. Tenho a impressão de que podemos neste teatro da vida ter uma performance aceitável, mas eu prefiro que seja **uma verdade aceitável** porque de performance já estamos saturados” (LIA MARA).

“(...) eu lhe disse que antes de atendê-lo iria ao Rio de Janeiro procurar uma supervisão. (...) Foi um caso extraordinário, porque esse homem **estava perdido completamente**, estava sem fala, tinha sido abandonado pela mulher e chorava muito. Consegui que ele falasse o /pá/, e ele sentiu uma emoção extraordinária (...) (...) nos convidaram para fazer umas palestras no auditório da Ordem dos Advogados da Bahia (OAB) e este paciente com laringectomia se ofereceu para falar do seu caso (...) disse que eu tinha restituído **não só a voz dele, mas também a vida** (...) (...) anos depois numa reunião da APROFEB encontrei uma psicóloga que tinha ido a este evento e ela me falou da **emoção extraordinária que tinha sentido ao assistir este depoimento**” (OLGA TANAJURA)

“Eu acho que o Bilingüismo é um **caminho ultrapassando a visão de deficiência** e contempla o surdo como diferente. A diferença como singularidade.(...) Vejo que há um caminho para a Fonoaudiologia dentro dessa abordagem bilíngüe, embora tenha um grupo radical que acha que não. Penso que **se a família faz opção pela linguagem oral, nós temos que ser democratas, porque também é possível fazer um trabalho bom nesta orientação**” (SONIA VELOSO).

- Uma técnica, uma teoria, um conceito não podem se aplicar ao humano de forma universal; podem, quando muito, iluminar uma das infinitas faces que todos os dias serão renovadas pela conspiração de passado, presente e futuro, no jogo eterno e misterioso da criatividade humana.

“A voz pra mim é a alma da pessoa, é o alto-falante. Penso que quando a pessoa tranca a garganta é porque ela já “engoliu muito sapo”. Acredito que temos que **trabalhar tocando a pessoa por dentro, não só querendo a performance de uma voz impostada** (“miniminiminim”), porque quando ela estiver numa situação fronteira voltaria tudo” (LIA MARA).

“Através destas aulas fui convidada para ministrar aulas de respiração na Escola de Surdos Wilson Lins. Logo ao chegar me ocorreu que **não estava trabalhando com surdos, mas com pessoas, crianças**. Pensava: vou trabalhar com a voz ou com a pessoa?” (LIA MARA).

“No INES, nesta época, embora **as crianças surdas falassem o tempo todo entre elas usando gestos**, quando chegavam à sala de aula era só silêncio e uma situação constrangedora, porque o professor ficava repetindo e falando só o tempo todo. Eu **achava tudo isto muito estranho**. Como a escola era um internato, nós fazíamos as refeições em um refeitório comum, dividido em três setores: um para a diretoria, outro para nós e outro para os alunos. Ficávamos encantadas observando como os alunos se comunicavam entre eles usando

gestos, mas ninguém podia fazer **porque era proibido**” (SONIA VELOSO).

“(…)Tive muitos pacientes que desenvolveram e outros que não conseguiram. (...) tive um paciente que foi e é, até hoje, um caso extraordinário. (...) ele tinha uma **perda auditiva profunda e uma comunicação maravilhosa**. (...) foi um caso muito bom, porque ele também era muito inteligente e a família tinha todas as condições possíveis, **embora outros com a mesma perda auditiva e as mesmas condições** não iam adiante” (SONIA VELOSO).

- O clínico então é um aprendiz-cuidador, aberto a todo o conhecimento que possa ajudá-lo a cuidar, na interdisciplinaridade da ciência, nas diversas manifestações da arte, nas religiões, na cultura, etc.

“ (...) acho interessante trabalharem com a infância, porque é aí que começa a inibição de fala.(...) Hoje é necessário preparar o pessoal que esta chegando, na creche se possível. (...) Quando a criança começa a engatinhar, andar e cai ninguém acha ruim, agora quando começa a falar e gagueja, logo é rotulada de gago ou então surdo-mudo.(...) **O mundo muda toda hora, as pessoas estão com novos problemas, novos medos e novas infâncias**” (LIA MARA).

“Minha avó dizia que água e conselho só se dá a quem pede, mas acho que o currículo de Fonoaudiologia precisava mudar um pouco e **incluir muita Psicologia e Antropologia, além de procurar pessoas que tivessem solidariedade com o próximo** (...)” (LIA MARA).

“a Fonoaudiologia é uma profissão que exige muito estudo, porque cada **paciente é um desafio** e temos que estar atentos para **não fazer uma receita para todos**. Eu acho que ser cuidadoso e ético é da maior importância, e eu pautei trabalhar nestes princípios, o que não quer dizer **trabalhar sem nenhuma falha**” (SONIA VELOSO).

- Se a clínica acontece nas histórias construídas/vividas entre terapeuta e paciente, as relações de supervisão entre profissionais devem ser cuidadas para que não atravessem essas histórias, transformando o colega em instrutor, o paciente em receptor de técnicas e “clínica” em treinamento.

“Fazia parte deste grupo uma fonoaudióloga vinda do Rio de Janeiro, Maria Amália Jourdan Penedo (...) Ela

convidou-me para trabalhar com ela num **contrato verbal de supervisão, ou seja eu atendia, passava o relatório dos pacientes para ela.**(...) Funcionava como **uma supervisão que eu não pedia**, mas ela me dava. Eu aceitei e trabalhei durante muitos anos assim, até que durante uma reunião clínica, a **equipe questionou a situação e rompemos o combinado**” (...) (LEONORA).

“Rui Lobo foi pioneiro na realização dos exames auditivos eletrofisiológicos e isto foi muito importante, porque, além da redução do custo financeiro, não interrompia o trabalho fonoaudiológico e **ainda diminuía a ansiedade da família**. As famílias iam a cada seis meses a São Paulo, e as **avaliações (Audiológicas e de Linguagem) pareciam ser a solução** para todos os problemas, desqualificando, de certa forma, o atendimento local em função de um atendimento idealizado no “sul maravilha”, com **repercussões no processo terapêutico**” (CARMEN FERNANDES).

As narrativas são preciosas e reveladoras, ilustrando que a experiência de vida oferta sabedoria, que está para além do factual, do conhecimento. Não é olhar o paciente como um objeto de estudo. É uma relação amorosa e verdadeira, com todos os seus riscos. É apreensão do sentido de que a clínica (cuidar) ocorre quando condições de confiança mútua, humildade e empatia possibilitam a comunhão de experiências e sentimentos entre terapeuta e paciente. Uma relação viva expressa pelo nome de Solidariedade – abertura para o sentimento do outro, que reconhecemos pelo nosso destino comum – somos humanos. Finalizo com a voz de Lia Mara:

“(...) entendo o problema dos outros, entro em empatia e quando alguém me procura faço tudo para tirar e não para botar pecado e culpa na história. (...) Não que eu ficasse vestindo a pele dele, mas eu compreendia a história de vida dele, porque também já tinha vivido uma história de dificuldade de comunicação (...) precisava conversar com ele para conhecê-lo, porque senão iria só saber a garganta que ele tinha e o que me interessava era se ele podia confiar em mim. (...) se tivesse conosco uma pessoa que pudesse ficar com ele depois, seria mais interessante. Mas, não uma pessoa formal que ensinasse a técnica pela técnica, mas um companheiro. Está na hora de a gente mudar a cabeça e lembrar que precisamos de uma coisa chamada **SO-LI-DA-RI-E-DA-DE**. Acho que Fonoaudiologia sem filosofia de vida não vai para lugar nenhum” (LIA MARA).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há, de fato, uma única história – são muitas as que vêm construindo a Fonoaudiologia na cidade de Salvador. São muitas as faces que se apresentam na colheita das experiências vividas. Constituem percepções do passado ligado ao hoje, em continuidade, num processo histórico nunca concluído. Foram quinze entrevistas realizadas que viajaram por vários tempos e espaços, e nesta dissertação são apresentadas cinco delas, de profissionais que podemos denominar como precursoras da Fonoaudiologia em Salvador.

Elaborar considerações tendo como referência as entrevistas transcritas não foi tarefa fácil, porque a impressão dominante era de que nada mais poderia/ deveria ser dito. Nas inúmeras leituras, obviamente encantadas, de cada uma das narrativas, na busca de critérios para dialogar com meu referencial teórico, surpreendi-me com a lembrança do que havia acontecido na realização das minhas primeiras entrevistas. Ao ouvir as primeiras gravações, observei que sempre as finalizava sugerindo ao meu colaborador que deixasse uma mensagem, como se todas as mensagens já não tivessem sido dadas ao longo de toda a narrativa.

O narrar nos oferta um conhecimento tecido na experiência, que, além de iluminar a reflexão, nos coloca em pertencimento e nos concede conforto, algo como: “Puxa! Não tinha pensado nisso”; “Já pensei nisto e achava que estava sozinho”; “É, não foi fácil, mas ele lutou e venceu”, trazendo nas histórias a dimensão do humano ou, melhor dizendo, daquilo que nos irmana.

O encontro com a Metodologia da História Oral, ilustrado pelo trabalho de Eclea Bosi foi fundamental para o meu acesso às narrativas, por se constituir uma forma artesanal de comunicação, que não visa a transmitir o acontecido, mas vai tecendo até atingir uma forma boa. (BOSI, 1999).

Frente às sagas das minhas colaboradoras, me senti enfrentando o desafio de me constituir narradora de uma outra história, partindo das nossas comunidades de destino: a Fonoaudiologia e a dimensão humana. Uma história puxando a outra.

E a trama foi acontecendo pelo registro biográfico de cada uma das minhas narradoras trazendo seus desafios singulares, suas presenças na identidade factual dos caminhos da Fonoaudiologia em Salvador e transbordou em sutilezas profundas revelando a experiência na clínica a partir de um lugar de solidariedade.

Elas contaram sobre uma clínica da pessoa inteira, que não quer investigar, decifrar, interpretar, prescrever, corrigir, enquadrar, onde as pessoas trabalham junto, vivendo a experiência do encontro. Uma clínica que busca acompanhar e reconhecer o que de singular se organizou em cada pessoa: repertório lingüístico, as questões transgeracionais, constelação familiar para além do registro do vivido, do psíquico, aberto para o sentimento, para a reciprocidade e a aspiração de todo humano: estar incluído, fazer parte, ser cuidado. Eis o que Leonardo Boff¹⁰⁷ compartilha conosco nesta fábula sobre o Cuidado:

¹⁰⁷ Fabula de Higino, escravo de César Augusto, comentada por Leonardo Boff em "Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra, pg. 45/46.

“Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.

Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado.

Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

“Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura.

Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer.

Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver.

E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de *húmus*, que significa terra fértil”.
(BOFF, 2001, p. 46)

Ao longo de todo este trabalho aqueceu meu coração a surpresa de reconhecer na literatura e nos meus interlocutores mais próximos algo que para mim parecia tão pessoal. Isto pode parecer óbvio, até mesmo para mim, mas sei que não é. Na escuta das narrativas, nas leituras eu pensava: como eles sabem? Eles sabem, porque somos todos humanos e sabemos, carregamos destinos comuns alimentados de sonhos, esperanças, dores, alegrias, fragilidades, medos e o mistério, enfim anseio e saudade do futuro.

Raízes: lembranças da nossa condição humana

Isto são apenas considerações iniciais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar – O fim dos Vestibulares** São Paulo: Ars Poética, 1995.

AMADO, J; FERREIRA, M.M. (coord.) **Usos & abusos da história oral.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

AMORIM, A. **Fonoaudiologia Geral.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Enelivros Editora, 1982.

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERBERIAN, A. P. **A Normatização da Língua nacional: Práticas Fonoaudiológicas, 1920-1940.** Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 1993

BOSI, E. **Memória e Sociedade – Lembranças de velhos.** 7ª Ed. São Paulo: Cia da Letras, 1999.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** 2ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BUÑUEL, L. **Meu Último Suspiro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BOFF, L. **Saber Cuidar: ética do humano, compaixão pela terra.** 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CAPPELLETTI, I. F. **Fonoaudiologia no Brasil: Reflexões sobre seus fundamentos.** São Paulo: Cortez, 1985.

CARACIKI A. M, CARDOSO, I E CANONGIA, M. B. (org.) **História da Fonoaudiologia no Estado do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Lovise, 2004

DANESI, M. C e MARTINEZ, Z. O. (org.) **Reconstrução Histórica da Fonoaudiologia no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: IMEC, 2001

DIDIER, M. S. L. **Fonoaudiologia: Sua História em Pernambuco**. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2001

FERNANDES, C.R.C. e NUNES, R.T.D. **Salvador: e o Atendimento ao Afásico?** Monografia apresentada no Curso de Especialização em Fonoaudiologia, UFBA. Salvador, BA. 1997

FIGUEREDO NETO, L H. **O Início da Prática Fonoaudiológica na cidade de São Paulo – seus determinantes Históricos e Sociais**. Dissertação de Mestrado da PUC-SP. 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAGNEBIN, J. M. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GOLDENBERG, M. **Um olhar sobre a Fonoaudiologia no Brasil**. Revista Fonoaudiologia Brasil, dez 98. Ano 1, nº 1. C. F. Fonoaudiologia.

LACERDA, Cristina B.F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, 1998

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LESSA, I. O adulto brasileiro e as doenças da modernidade. **Epidemiologia das doenças crônicas não-transmissíveis**. São Paulo. Rio de Janeiro, HUCITEC/ABRASCO, 1998.

LOVISOLO, H. Memória e formação dos homens. **Estudos históricos**. vol. 2, nº 3. Rio de Janeiro, 1989.

LUCESI, M. R. C. **Educação de pessoas surdas: Experiências vividas, histórias narradas**. Campinas: Papirus, 2003.

MAALOUF, Jorge Fouad. **O sofrimento de imigrantes: um estudo clínico sobre os efeitos do desenraizamento no SELF**. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. PUC-SP. 2005

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de História Oral**. 5ª Ed. (revista e ampliada), São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos S. B. **Augusto e Lea: um caso de (des)amor em tempos modernos**. São Paulo: Contexto, 2006.

MONFREDINI, M. Isabel. **A gestão descentralizada e participativa da política de assistência social**. Dissertação de Mestrado do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2003.

NIEMEYER, OSCAR (Entrevista em 09/02/2007), disponível em <<http://bomdiabrasil.globo/Jornalismo/BDBR,,AA1362068-3682,00.html>>

PEREIRA, A. C. **Fonoaudiologia e História oral: uma narrativa sobre uma profissão construída por mulheres**. Dissertação de mestrado da PUC-SP, 1999.

PEREIRA, Lucia S. **Notas de Leitura – O Narrador – de W. Benjamin**. Porque isto interessaria a um Psicanalista? 2005. Acesso em 23/03/07 e disponível em: <<http://www.appoa.com.br/download/correio140.pdf>>

PERROTTA, C. **Um texto pra chamar de seu: preliminares sobre a produção do texto acadêmico**. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era**. AMADO, J; FERREIRA, M.M. (coord.) **Usos & abusos da história oral**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

SAFRA, G. Memória e Subjetivação. *Memorandum*, 2, 21-30. 2002.

Acesso em 20 /02/2007 e disponível em:

<<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/safra02.htm>>

SAFRA, G. **A Po-ética na Clínica Contemporânea**, 2ª Ed. Aparecida, SP: Idéias& Letras, 2004.

SAFRA, G. **Desvelando a Memória do Humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio**. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

SAFRA, G. **Introdução ao pensamento de Santo Agostinho e Hannah Arendt**. Aula gravada em MP3 em 2002. São Paulo: Edições Sobornost.

SAFRA, G. **O homem frente à morte: o significado da gratidão**. Vídeo da aula ministrada no curso de pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, 04/06/2002. São Paulo: Edições Sobornost.

SAFRA, G. **O Narrar – Perspectiva clínica na pós-modernidade?** Vídeo da Palestra ministrada na UNIP-São Paulo em 24/06/2005. São Paulo: Edições Sobornost.

SAFRA, G. **Perspectivas Ontológicas da Condição Humana**. Vídeo das aulas ministrada no curso de pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP de 19 a 26/08/2005. São Paulo: Edições Sobornost.

SAFRA, G. **A memória do Humano no pensamento russo**. Vídeo da Conferencia profesrida no Teatro da USP – Espaço Maria Antonia em 06/12/2006. São Paulo: Edições Sobornost.

SAFRA, G. **PROFOCO 2007. Da técnica à ética. Transferência: o estar diante, o estar em, o estar com.** Vídeo do curso ministrado em São Paulo em 21/04/2007. São Paulo: Edições Sobornost.

SILVEIRA, V.P. **Da terapia da palavra a Fonoaudiologia: práticas fonoaudiológicas na Cidade do Rio de Janeiro de 1963 a 1981.** Mestrado em Fonoaudiologia. UERJ. 1996

SOARES, M. A. Leite. **O Oralismo como Método Pedagógico: contribuição ao estudo da História da Educação do surdo no Brasil.** Tese de Doutorado em Educação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1996.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

ANEXO A:**Carta de Cessão (Modelo 1)**

Salvador, _____, de _____ de _____

Ao Pesquisador _____

Eu, _____, estado civil _____, documento de identidade _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada à Pesquisadora _____ para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros que a ouçam e usem citações dela, ficando vinculado o seu controle à pesquisadora acima citada ou Instituição que tenha a sua guarda. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Nome e Assinatura do colaborador

Carta de Cessão (Modelo 2)

Salvador, _____, de _____ de _____

Ao Pesquisador _____

Eu, _____, estado civil _____, documento de identidade _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada, transcrita e autorizada, para ser utilizada somente na dissertação de Mestrado de Rina Tereza D'Angelo Nunes do Programa de Estudos Pós-Graduados do MINTER Unime/PUCSP, cujo título é Reconstrução Histórica da Fonoaudiologia em Salvador, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

Subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

ANEXO B:**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
AO PARTICIPANTE DESTE ESTUDO**

O Sra. _____ está sendo convidada a participar da pesquisa que se intitula **“Reconstrução histórica da Fonoaudiologia na cidade do Salvador”** do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP em parceria com a UNIME – Salvador. Bahia. (MINTER)

O objetivo deste estudo é reconstruir a Fonoaudiologia na cidade do Salvador pela narrativa oral dos seus profissionais. Considero que esta reconstrução histórica das práticas fonoaudiológicas na cidade do Salvador poderia trazer amadurecimento na compreensão do seu papel como construtora do conhecimento, subsídios para a reflexão e tomada de posição quanto à formação profissional, assim como uma direção na mobilização para a oferta destes serviços à população.

Caso aceite participar como colaborador desta pesquisa, o (a) Sr.(a) participará, segundo sua disponibilidade, de uma (1) ou duas (2) entrevistas livres com duração média de 1:30 horas com o pesquisador sobre a sua vivência e história na Fonoaudiologia na cidade do Salvador. Estas entrevistas serão gravadas em vídeo e farão parte da pesquisa.

A transcrição das gravações será submetido a sua conferência e autorização para a utilização na pesquisa.

Sua contribuição através dos relatos é constitutiva da proposta deste trabalho, significando um registro de sua participação no processo de estruturação e desenvolvimento da Fonoaudiologia em Salvador.

Fica claro que sua participação é voluntária, não sendo obrigado a participar das entrevistas, mesmo que já tenha assinado o consentimento de participação. Se desejar, poderá retirar seu consentimento a qualquer momento.

Não haverá nenhum pagamento em dinheiro ou qualquer outro bem pela sua participação, assim como o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo adicional.

A Sra. poderá esclarecer suas dúvidas durante toda a pesquisa com a pesquisadora no endereço: Rua Eng. Ademar Fontes, 254. Apto 601, Pituba ou pelos telefones 34520777 / 91211077 e e-mail: rinadangelo@terra.com.br

Considerando que as entrevistas poderão fazer parte de um acervo público institucional, comprometo-me, como pesquisador responsável, a cuidar para que os dados coletados somente sejam utilizados com a autorização expressa do entrevistado/colaborador.

Nome do Entrevistado / Data: ____/____/____

Assinatura do Entrevistador / Data: ____/____/____

Assinatura da testemunha / Data: ____/____/____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pelo estudo/ Data: ____/____/____